PÁG. 9: CASCAIS — A CIDADE PARA LÁ DE LISBOA (CONCLUSÃO)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
SÁBADO, 30 DE AGOSTO DE 1969 N.º 16 773 ANO 49.º UM ESCUDO

COMPRE JOGO
no
CAMPIÃO
LOTARIA - TOTOBOLA

O CASO DO AVIÃO NORTE-AMERICANO DESVIADO PARA O TERRITÓRIO SÍRIO

Possíveis represálias israelitas

BEIRUTE, 30 — (F. P.) — O desvio para Damasco do «Boeing» da T. W. A. é susceptível de embaraçar o Governo sírio — afirma o jornal «L'Orient» ao referir-se á acção directa contra Israel. O jornal sublinha ainda que o Governo sírio não está em excelentes relações com o chefe da Frente Popular para a libertação da Palestina, Georges Habache, que foi preso recentemente e libertado depois, pelos seus «comandos», da cadeia síria onde se encontrava detido.

«O receio de represálias israelitas contra o novo aeródromo de Damasco — diz-se — entrará certamente em linha de conta em qualquer decisão a tomar a respeito do aparelho ou dos seus passageiros», acrescenta o jornal.

MALOGRO PARCIAL

DAMASCO, 30 — (F. P.) — A operação de desvio da rota do aparelho, técnicamente bem sucedida, parece contudo não ter atingido os seus objectivos, segundo se julga em Damasco. Com efeito, os «comandos» teriam querido capturar uma importante personalidade de Israel, que deveria ter tomado lugar a bordo do aparelho. Contudo, esta teria partido num avião anterior. Quanto ao nome da citada personalidade, têm-se indicado, como hipóteses, os nomes de Itzak Rabin e de Tekoah, delegado israelita junto das Nações Unidas.

Estas pernas estão seguras em 29 mil contos

A «proprietária» das mais valiosas pernas na Grã-Bretanha — Lynda Goldstraw — fez planos para as acautelar. E, assim, fez um seguro, no valor de um milhão de dólares (29 mil contos), após ter sido seleccionada, em Londres, como a rapariga com as mais belas pernas. Os seus prémios — no concurso — foram: 1500 libras (105 contos), um contrato de 1000 libras, (70 contos) para posar como modelo, e jóias no valor de 500 libras (35 contos)

Leonel Miranda venceu em Avelar

A camisola amarela continua na posse do sangalhense Joaquim Andrade

AVELAR, 30 (pelo telefone, do nosso enviado) Leonel Miranda foi o vencedor da 24.ª etapa da «Volta a Portugal, em bicicleta», disputada esta manhã entre Seia e esta localidade.

Em segundo lugar, chegou Fernando Mendes e depois Pedro Moreira, ambos do Benfica, seguidos de numeroso pelotão. Todos os ciclistas foram creditados pelo tempo de 4 h. 21 m. 04 s.

Eram precisamente 8 ho-

(Continua na ultima página)

Terá passado dentro do horário? Não sabemos. Mas podemos garantir que para os ciclistas este comboio, a deslizar muito lentamente, constituiu uma benéfica pausa nas pedaladas para Seia

O direito à informação

— um documento aprovado no último Conselho Nacional da Acção Católica Portuguesa.

(Ler na 4.ª página)

HOJE 40 PÁGINAS
VISADO
PELA CENSURA

DEZASSETE LOCALIDADES DAS FILIPINAS EM PODER DOS «HUKS»

MANILA, 30 — (R.). — Dezassete cidades e vilas em três províncias das Filipinas estão sob o domínio de dois dirigentes dos guerrilheiros «Huks», segundo anunciou hoje a Polícia.

O capitão Vicente Garcia, oficial dos serviços secretos da Polícia, disse aos jornalistas que já foram mortas 120 pessoas, 73 feridas, 15 raptadas e 22 dadas como desaparecidas na zona de Lozal Central.

Todos estes crimes foram um trabalho directo de dois dirigentes «Huks» indicados como sendo Bernabé Buscaymo, aliás comandante Dante, e Faustino del Mundo, aliás comandante Sumulong.

As províncias parcialmente sob o domínio dos guerrilheiros são Pampanga, Tarlac e Nueva Ecija.

O COLÓQUIO DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA NA COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE

(LER NA PÁGINA CENTRAL)

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Amélia Maria Xavier de Lima

Faleceu a sr.ª D. Amélia Maria Xavier de Lima, de 70 anos, natural de Palmela, viuva, mãe da sr.ª D. Maria Amélia Xavier de Lima e dos srs. António Xavier de Lima e Isidro Xavier de Lima. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 12 e 30, da Basílica da Estrela para jazigo no cemitério de Vila Nogueira de Azeitão.

Manuel Maria Rebelo

Faleceu o sr. Manuel Maria Rebelo, de 81 anos, natural de Lisboa, empregado de escritório aposentado, casado com a sr.ª D. Aida dos Santos Rebelo, pai da sr.ª D. Julieta dos Santos Rebelo Azambuja e do sr. António dos Santos Rebelo. O funeral, a cargo da Agência Magno, realiza-se amanhã, ás 16 horas, da Travessa da Portuguesa, 47, 2.º, direito, para o cemitério da Ajuda.

D. Rita da Conceição Madureira dos Santos

Faleceu ontem, á tarde, a sr.ª D. Rita da Conceição Madureira dos Santos, de 91 anos, viuva do dr. Januário dos Santos, e que se encontrava doente há tempos.

A veneranda senhora, que era muito estimada pelas suas qualidades de carácter e bondade, faleceu na sua residência da Avenida Elias Garcia, 7, 1.º, esquerdo. Era mãe da sr.ª D. Idalina Madureira dos Santos, e dos srs. coronel Horácio Madureira dos Santos e dr. Edmundo Madureira dos Santos. Era avó da artista Maria Manuela Madureira, casada com o dr. Fernando Alves Serra, e entre os seus netos as meninas Ana Catarinha e Ana Rita Madureira Alves Serra.

O funeral efectuou-se esta manhã, sem participação segundo sua expressa vontade.

FUNERAIS

Eng.º Sebastião Costa

Eng.º Sebastião Costa

Causou profunda mágoa em quantos o conheciam a notícia da morte do eng.º Sebastião Costa, ocorrida na sua residência da Avenida António Augusto Aguiar, 15, 5.º, direito.

O eng.º Sebastião Costa, pelas suas qualidades de carácter conquistara a amizade de quantos com ele conviviam. Filho do grande jurista e homem de Estado que foi o dr. Afonso Costa, parlamentár, ministro e presidente do Ministério da Republica, nascera em Coimbra, onde seu pai era professor da Faculdade de Direito, em 1895. Contava, portanto, 74 anos. Sua mãe, D. Alzira Costa, felizmente ainda viva, acompanhou sempre o marido e os filhos com a maior dedicação. Há meses o eng.º Sebastião Costa perdera sua esposa, D. Maria de Medeiros Costa, em condições dramáticas.

Com 21 anos, quando Portugal entrou na Grande Guerra, Sebastião Costa foi mobilizado e seguiu para a frente de batalha na Flandres, como oficial miliciano. Participou no combate de 9 de Abril e, depois, prestou serviço na delegação portuguesa á Conferência da Paz, presidida por seu pai. Logo em seguida formava-se em Engenharia pela Escola Central de Paris e, com seu pai no exílio, depois, trabalhou em França onde se radicaria até estalar a Segunda Guerra Mundial.

Afastado da actividade política, o eng.º Sebastião Costa manteve-se todavia sempre fiel ao ideal republicano que intensamente vivera na juventude. Era irmão do dr. Afonso Costa, director da Sabena em Portugal. O seu funeral efectuou-se da morada acima indicada para o cemitério de Benfica.

Dr. José Perestrelo Botelheiro

COIMBRA, 30. — Constituiu uma imponente manifestação de pesar o funeral do juiz conselheiro aposentado dr. José Perestrelo Botelheiro, efectuado desta cidade, onde vivia, onde foi presidente da Relação de Coimbra e onde morreu, para o cemitério de Vimeiro, Santa Comba Dão.

O dr. José Perestrelo Botelheiro, que contava 77 anos, era natural de Santa Comba Dão, e era muito estimado em Coimbra pela afabilidade do trato e pelas suas qualidades, tendo sido presidente da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra e elemento activo da Tuna Académica da Universidade.

Era casado com a sr.ª D. Maria Leonor Antonieta Afonso da Castanheira Perestrelo Botelheiro, pai dos srs. eng.º-agrónomo Manuel Gago da Camara Perestrelo Botelheiro, Francisco Xavier Leandres Perestrelo Botelheiro, dr. José Leandres Perestrelo Botelheiro e da sr.ª D. Maria Julia Gago da Camara Leandres Perestrelo Botelheiro; sogro da sr.ª D. Maria Natália Simões Perestrelo Botelheiro e do sr. dr. Jorge Lobo de Mesquita; irmão da sr.ª D. Maria Julia Perestrelo Botelheiro Cavaco e do sr. eng.º António Afonso Castanheira; cunhado do sr. Afonso Castanheira.

Joaquim Gomes de Sousa e Silva (Pedro Navarro)

Pedro Navarro

Foi esta manhã a enterrar, com grande acompanhamento de numerosos amigos, entre os quais muitos do mundo do espectáculo, o sr. Joaquim Gomes de Sousa e Silva, de 56 anos, desenhador-chefe do Ministério das Obras Publicas. O funeral efectuou-se, pelas 10 horas, saindo da igreja das Mercês para o cemitério da Ajuda. Com o nome artístico de Pedro Navarro, Joaquim Gomes de Sousa e Silva, foi artista do cinema e teatro, galã apreciado que interpretou diversos filmes nacionais e peças de teatro, tendo actuado, também, na R. T. P., sempre com grande acerto e simpatia.

Muito educado, Pedro Navarro tinha um amigo entre todos quantos com ele conviviam.

Entre os filmes por ele interpretados contam-se, o português «Ladrão, precisa-se», com Leonor Maia (Tatão), e a co-produção italo-franco-alemã «Os ternos tubarões».

Era filho da sr.ª D. Maria da Conceição Silva, pai da sr.ª D. Nadia Maria Simões de Sousa e Silva Freitas Soeiro e genro do sr. Fernando Raul de Freitas Soeiro, inspector do Comissariado do Desemprego.

SUFRÁGIOS

Maria Teresa Soares Dionísio da Silva

(Nome artístico: Teresa-Vitória)

Por iniciativa de sua mãe, reza-se missa amanhã, ás 11 horas, na Irmandade de Nossa Senhora da Glória (ao Cardal da Graça), por alma de Maria Teresa Soares Dionísio da Silva, que usava o nome artístico de Teresa Vitória.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

UM COMUNICADO DA COMISSÃO DEMOCRÁTICA ELEITORAL DO DISTRITO DE LISBOA

Da Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa recebemos a seguinte informação:

«Com a presença de representantes das freguesias, dos concelhos e de sectores socio-profissionais, reuniu-se a Comissão Democrática Eleitoral do Distrito de Lisboa, que discutiu diversos problemas relacionados com a participação da oposição democrática no próximo acto eleitoral.

Após ter sido decidida a activa participação na campanha eleitoral, o debate incidiu sobre a organização das forças democráticas e sobre a orientação do Movimento no distrito de Lisboa. Em relação a estes dois aspectos, foi deliberado agregar o maior numero possível de democratas á organização, a fim de que, em reuniões e assembleias sectoriais, eles pudessem colaborar efectivamente na elaboração das bases e das coordenadas fundamentais do Movimento.

Concluiu igualmente a Comissão de acordo com o espírito que a informa ser necessário estabelecer contacto com democratas do distrito, sem qualquer discriminação, no sentido de elaborar a lista de candidatos da oposição democrática do distrito de Lisboa. A lista será composta por pessoas indicadas num conjunto de dezenas de nomes sugeridos e votados pelas comissões locais e sectoriais. Com base nesses nomes, a Comissão Política do Movimento Democrático Eleitoral está a elaborar uma proposta que apresentará á próxima reunião da Comissão Distrital.

Da Comissão Política eleita fazem parte entre outros, Francisco Pereira de Moura, Sérgio Ribeiro, Mário Sottomayor Cardia, Jorge Sampaio, padre Felicidade Alves, Arlindo Vicente, Luís Filipe Lindley Cintra, Lígia Monteiro, José Manuel Tengarrinha, Eugénia de Moura, José Gaspar Teixeira, José Manuel Galvão Teles, Firmino Martins e Joaquim Mestre.

DE ONTEM PARA HOJE

O JORNAL E A CULTURA GERAL

«O jornal tornou-se no principal instrumento difusor de cultura geral. Fora do domínio profissional e técnico, a maioria da população bebeu nos jornais a grande maioria das noções que preenchem o seu horizonte mental. E sinto que fora dos tropos habituais da retórica é este o maior elogio que se pode fazer á Imprensa. Não foi em obras de especialidade ou em austeras monografias que o homem contemporâneo aprendeu o que sabe acerca dos outros homens e das outras terras: foi no jornal que recebeu de manhã, os que lê ao entardecer, que ele pouco a pouco formou um pecúlio de conhecimentos que são objecto das suas conversas e forjam os juizos de valor que estão na base das suas opiniões. Foi por essa via que ele observou os pequenos horizontes domésticos e adquiriu uma mundivisão, ganhou a possibilidade de rectificar dia a dia os seus critérios e conhecimentos e se sentiu integrado na comunidade do mundo e na comunidade duma terra concreta, a que pertence. Todos esses valores o jornalismo os realiza. E ao lado da grande Imprensa, que dá essa dimensão ecuménica e esse sentido de mundivisão que caracteriza o homem contemporâneo, não deve esquecer-se a pequena Imprensa das províncias, que é um factor de importancia espiritual extraordinária. Foram essas as palavras com que o ministro da Educação Nacional encerrou ontem á noite, no Palácio da Independência, os I Curso Nacionais de Jornalismo para a Juventude, promovidos pela Mocidade Portuguesa e que tiveram como patronos os drs. Augusto de Castro e Guilherme Pereira da Rosa. Foram eles dirigidos pelo jornalista Fialho de Oliveira, director do Centro Especial de Jornalismo daquele organismo. Foi ele o orador da noite, começando por lembrar as palavras do prof. Marcello Caetano há treze anos, no encerramento do II Congresso Nacional da Mocidade Portuguesa: «A Mocidade Portuguesa não pode viver na defensiva. Pela sua índole, pelos seus objectivos, pela sua função, tem de ser um movimento animado de um impetuoso espírito de ofensiva».

CENTENÁRIO DE VASCO DA GAMA

Na Estufa Fria realizou-se ontem á noite uma conferência do dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, integrada no V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama. A actriz Madalena Soto disse passagens dos «Lusíadas» e de «Mar Português» de Fernando Pessoa. O presidente do município, anunciou no seu discurso o programa das comemorações. Disse que será fundido em bronze, durante o ano, o medalhão existente no claustro do mosteiro dos Jerónimos.

NA RIA DE AVEIRO

Junto de uma salina foi encontrado o corpo do soldador Manuel Maria da Silva Ferreira, de 20 anos, morador na Póvoa do Paço, que, como se noticiou, morreu afogado no sítio do Poço do Gato, quando ali foi tomar banho. Foi a sepultar no cemitério de Cacia.

MEDALHA DE MÉRITO MILITAR

O chefe do Estado-Maior, general Andrade e Silva, impôs ontem á tarde a medalha do Mérito Militar de 2.ª classe ao coronel Philippe Fondacci, que cessou o exercício das suas funções de adido militar á Embaixada de França, em Lisboa. A cerimónia assistiram diversos militares e membros da missão diplomática francesa em Lisboa.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATOS Av. da República, 83 77 90 47 e 76 96 20
CRISFAL
INSTITUTOS
LICEU — 2.ª ÉPOCA 3.º CICLO 2.º CICLO

ROSSIO, 118
SALDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

Naia
Rua do Carmo, 45
PRONTO A VESTIR — MALHAS — LINGERIE
SALDA A PARTIR DE 2.ª FEIRA

AS ELEIÇÕES NO GHANA

— A NOVA CONSTITUIÇÃO SERÁ UM AUTÊNTICO RENASCIMENTO?

É possível que o dia de amanhã seja um dia histórico no Ghana; um regime militar, que, há dois anos, se encontra no poder, arrisca-se voluntàriamente a ser expulso por eleição popular. Noutros pontos da África — Serra Leoa, Daomé, Sudão — os civis têm sucedido aos militares, mas não por voto popular. Ghana é notável, sob este ponto de vista, e, «se» as eleições de amanhã decorrerem sem dificuldades sérias, um novo Governo, sob uma nova constituição, irá instalar-se no castelo Osu, em Accra. A condicional «se» é, no entanto, de usar com bastante reserva, pois o povo de Ghana é intensamente politizado e há dois anos que a actividade política lhe é vedada, desde que o governo militar, agora em jogo, expulsou o presidente Nkrumah, em Fevereiro de 1966.

Por ROSS K. BAKER
(Exclusivo «The Washington Post»-«Diário de Lisboa»)

O «Comité» de Libertação Nacional, como a Junta se designou, compunha-se de oito membros (4 oficiais do Exército e 4 oficiais da Polícia). Dois desses elementos desapareceram já da cena: Kotoka, que foi morto em Abril de 1967, vítima de um contragolpe abortado; Joseph Ankrah, que caiu em desgraça — em Abril deste ano — provou-se que recebia dinheiro de capitalistas estrangeiros, que assim apoiavam a sua candidatura à presidência, sob a nova constituição. O brigadeiro Afrifa e o corenel Yeboah vieram substituir-se a estes dois desaparecidos.

A composição do «Comité» de Libertação Nacional foi, desde o princípio, uma questão da máxima delicadeza, pois o Ghana, como qualquer outro estado africano, é altamente fragmentado, ètnicamente. Cada um dos membros da Junta foi escolhido, ou pelo seu papel na expulsão de Nkrumah ou pela sua filiação tribal — ou por ambos os critérios cumulativamente. O comissário de polícia Yakubu, por exemplo, foi escolhido por representar um grupo étnico cuja inclusão no «Comité» se mostrava politicamente prudente.

A morte de Kotoka e a queda de Ankrah vieram chamar à ribalta dois «leaders»: Afrifa e Harlley. Afrifa é um **ashanti** do centro do país e Harlley é um **ewe**, da região do Volta. Os dois principais candidatos civis às eleições de amanhã, o dr. Busia e Gbedemah, são, respectivamente, **ashanti e ewe.**

Nem Afrifa nem Harlley fazem segredo do apoio aos seus irmãos de tribo e a emergência da política étnica no contexto das eleições demonstra o relevo e persistência deste factor.

Tanto sob o regime de Nkrumah como sob o da Junta, os ghaneses foram incitados a pôr de parte os esquemas tribais, mas isso seria o mesmo que pedir aos norte-americanos que abstraíssem das crenças étnicas e religiosas na sua escolha dos candidatos... As consequências da política tribal são fortemente semelhantes no Ghana e nos E. U. A. — alienação dos «outs», insegurança dos «ins» e uma crescente polaridade e suspeição no eleitorado.

• A nova constituição

A comissão constitucional, nomeada pela Junta e presidida pelo ministro da Justiça, Edward Akufo-Addo, apresentou uma série de recomendações no passado mês de Janeiro de 1968:

— Sistema misto parlamentar e presidencial; no qual a responsabilidade executiva seria dividida entre um presidente e um primeiro-ministro;

— O presidente escolhido por um colégio eleitoral (composto de membros do Parlamento, chefes e representantes regionais) seria a figura «paternal» do Governo e o guardião constitucional com extensos poderes para vetar a legislação de constitucionalidade duvidosa;

— O primeiro-ministro seria o chefe do Governo e o principal político do país. É para este cargo que convergem todas as atenções, pois será primeiro-ministro o «leader» do partido que ganhar maior número de lugares no novo Parlamento.

Logo a seguir a estas recomendações da comissão a Junta baniu dos cargos públicos todos os membros importantes do Partido da Convenção do Povo (a que pertencia Nkrumah) que tivessem exercido funções públicas depois de 1 de Julho de 1960.

Gbedemah foi afectado por este decreto, mas, depois de um período de incerteza, a Junta considerou-o elegível.

O dr. Busia não teve problemas destes com a Junta, pois foi sempre a perfeita personificação dos sentimentos anti-Nkrumah. A princípio, Busia começou a sua «corrida» com grande vantagem sobre Gbedemah. Mas, segundo os observadores, este parece agora, pelo menos, tão bem lançado como Busia.

Gbedemah é um político e um organizador e Busia não é nada disso. O primeiro tem um «quartel-general» que faz lembrar o quartel-general de Kennedy, no momento culminante da campanha eleitoral. De um lado, o profissionalismo, o saber fazer. De outro lado, o amadorismo, o deixar ao acaso.

• A corrupção tem sido o grande problema do Ghana

Gbedemah foi acusado por Nkrumah de se ter locupletado com 10 milhões de libras, quando era ministro das Finanças. A verdade é que a impressionante organização da Aliança Nacional de Liberais é inteiramente financiada por ele. O problema da corrupção nas esferas políticas é hoje um momentoso problema no Ghana. O regime de Nkrumah era um cortejo de demissões, restituições de roubos e gatunices.

Ghana foi levada à falência por uma sucessiva invasão de sombrios empresários de várias nacionalidades. A via rodoviária Accra-Tema foi construída por uma firma britânica que convenceu Nkrumah a pagar uma sobretaxa por um asfalto extra-resistente ao gelo, num país onde o problema do gelo nas estradas é pràticamente inexistente. No novo porto de Tema, foram construídos silos para armazenagem das colheitas de coco. Uma empresa romena convenceu Nkrumah a armazenar todo o coco possível nesses silos, a fim de poder agir no mercado, em caso de flutuação de preços. Os cocos, altamente deterioráveis, apodreceram todos nos silos de cimento, sem sistema refrigerante. Houve também uma companhia nacional de mármore, cuja única função era fornecer casas de banho para os funcionários do Partido.

Com um passado destes, fàcilmente se compreende como o povo de Ghana é susceptível às suspeitas de corrupção, daí que a candidatura de Gbedemah esteja realmente muito prejudicada pelas acusações que lhe são feitas.

A própria Junta não escapa à desconfiança popular, apesar de ter assumido o seu mandato com o objectivo fundamental de pôr termo à corrupção. O caso do financiamento estrangeiro a favor de Ankrah não ficou devidamente esclarecido, suspeitando-se que o poderosíssimo Harlley (o principal suporte político de Gbedemah) esteja envolvido nesse caso e no de contrabando de diamantes.

O homem mais honesto, acima de toda a suspeita é Afrifa. No entanto, se novo Governo for eleito é de toda a verosimilhança que ele será afastado da chefia.

A sua honestidade já foi considerada um caso de fanatismo. A verdade é que um fanatismo de honestidade pode revelar-se um tanto prejudicial a uma sociedade em vias de desenvolvimento, pois parece estar provado que uma certa corrupção pode ser funcional em termos de distribuião de rendimentos...

A Junta não é muito bem vista pelo povo do Ghana. Se as eleições decorrerem honestamente, é natural que a Junta seja desalojada do Governo.

Infelizmente, isso só por si, por mais histórica que a situação seja, não bastará para resolver os problemas de um povo, que ainda não encontrou dirigentes à altura da importante missão a cumprir.

Nota do dia

BRANCAS E PRETAS

DESDE QUE CADA UM DE NÓS é gente capaz de entendimento que se ouve falar das secas de Cabo Verde. As secas e as suas consequências, com uma palavra de quatro letras que se tem pudor em escrever. É certo que a palavra fome não aparece na informação que está presente, datada da Praia, mas o dizer-se que continua sem chover e que algumas sementeiras se perderam e que outras correm risco comporta naturalmente as maiores inquietações. Há um geofísico português, cabo-verdiano e diplomado, que estuda o moderno problema da dessalinização da água do mar. Será apenas um sonho?

O ESCÂNDALO FINANCEIRO da «Matesa» está a ter as maiores repercussões em Espanha. O último dos seus administradores que se encontrava ainda em liberdade deu já entrada na prisão, o que quer dizer que todo o conselho está agora na cadeia de Barcelona. A acta da última reunião registará o método estabelecido para a distribuição dos lucros: quem ganha perde, que é como quem diz, quem não sabe ganhar terá de aprender a perder.

DIZEM DE LONDRES que um grupo de bandidos tomou de assalto e desviou um camião com um carregamento de caixas de «whisky» valendo o melhor de 1700 contos. Faz confusão que a Escócia produza tanto «whisky» que dê para o vermos aí à vontade, para quem tiver gosto e dinheiro, por todas as lojas de esquina. O «whisky» e a Bardot quanto é que rendem por ano, em cambiais, a favor das economias britânica e francesa? O que é moda vale bem como tal.

A «ESTRADA DA SEDA», nome poético envolvido pela lonjura dos séculos na poalha do mistério, que fora fechada ao tráfego, há vinte anos, reabriu agora por acordo diplomático entre chins e paquistanos. São mais de 700 quilómetros por areias e montanhas rochosas que sobem até 4800 metros, caminho de caravanas. Reabriu agora para a troca de produtos, desde os primários da terra até aos da indústria de precisão, tudo transportado em «jeeps» e a dorso de mula. Tudo nos parece imenso, difuso e estranho na distância do tempo, dos continentes e das civilizações.

ASSINALARAM OS CRONISTAS, com o tempero consentido pela dimensão telegráfica, a sensacional aparição da ex-actriz ex-húngara Zsa Zsa Gabor num jantar oficial oferecido pelo presidente Nixon. Ia de grande decote cor de laranja e foi recebida calorosamente pelo fogoso presidente americano, que como diz o telegrama, «lhe pegou em ambas as mãos sorrindo enlevado»: Zsa, que não se resigna a que lhe escasseiem tratamento e honras devidas à juventude, tem sido capaz de descobrir mil maneiras de que falem de si. Agora foi Nixon o criador de mais uma sensacional oportunidade.

OS SERVIÇOS SOCIAIS das Forças Armadas vieram a público esclarecer o quantitativo atribuído a um soldado das campanhas de África, de nome Joaquim Durão Cardoso. É de Portalegre, completou cem anos, fez parte da coluna militar de Mouzinho, e recebe um subsídio diário de treze escudos e não de três, como foi dito, certamente por lapso da recolha da informação. O soldado Cardoso será hoje um dos raros sobreviventes dos que capturaram o régulo Gungunhana e uma das últimas vozes de uma época que já é da História e da Lenda. História antiga que a vida deste homem faz contemporânea.

TÉCNICO DE CONTAS

Para organização industrial, Grupo A, no Prior Velho — Sacavém — devidamente inscrito.

Resposta pormenorizada ao n.° 327.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

ALMADA
ANDARES — VENDEM-SE

Situados na principal avenida, os dois únicos que restam, com 4 casas ass. em prédio acabado de construir, trata ALVORADA — SOC. DE CONSTRUÇÕES, LDA., tel. 274344 e 270552 dias uteis.

O DIREITO À INFORMAÇÃO

—UM DOCUMENTO APROVADO NO ÚLTIMO CONSELHO NACIONAL DA ACÇÃO CATÓLICA PORTUGUESA

O ultimo Conselho Nacional da Acção Católica Portuguesa aprovou um documento consagrado ao «Direito á Informação», tema que consideramos da maior importancia numa sociedade civilizada, nas relações harmoniosas entre cidadãos, na sua participação esclarecida e consciente na vida publica.

O referido documento é inserido no n.º 395 do boletim «Acção Católica Portuguesa», referente aos meses de Junho a Agosto do ano corrente:

A A. C. P., como organização da Igreja, sente que é seu dever estar atenta aos sinais dos tempos, interpretando-os á luz do Evangelho e procurando dar um contributo para a solução dos problemas encontrados. É assim que desde há muito vem seguindo a forma como entre nós a promoção e a defesa dos direitos do homem — proclamados explicitamente pela Igreja, sobretudo na enciclica «Pacem in Terris» — tem sido encarada. Procuramos assim inserir-nos dentro da linha de orientação que a recente Nota Pastoral do Venerando Episcopado Português acerca dos Meios de Comunicação Social propõe aos leigos quando diz: «...esperamos em particular que este nosso apelo (o de «reflectir, sériamente, nos vários problemas suscitados pela crescente influência dos meios de comunicação social») encontre ressonância no coração dos leigos que militam nos diversos movimentos de apostolado eclesial». Trazendo este assunto a público, procuramos, á luz da doutrina cristã, distinguir quais os valores em jogo e os princípios fundamentais que importa salvaguardar. Este nosso contributo situa-se, assim, numa perspectiva de generalidade de âmbito doutrinário. Damo-lo construtivamente, no desejo de contribuir positiva, dinâmica e evangélicamente para uma sociedade mais cristã, isto é, mais livre, mais fraterna, mais responsável e, portanto, mais justa.

1. O enorme progresso da técnica tornou possível uma rápida e geral difusão do que por esse mundo vai acontecendo. Daí que os meios de comunicação social tenham assumido uma tão grande importância na formação da opinião pública, na evolução cultural dos povos, no desenvolvimento do espírito de solidariedade social á escala nacional e, sobretudo, internacional.

Entretanto, da força dos meios de comunicação (especialmente da imprensa, rádio e televisão) pode decorrer o seu perigo: porque extensivos a quase todos os homens, podem ser transformados em arma de despersonalização, de passividade, de deformação, se usados de modo nocivo, unilateral, incompleto e pouco objectivo, fornecendo ao leitor, ouvinte ou telespectador, informações erradas ou deficientes que o impossibilitem de formar juízos rectos, radicados numa informação livre e responsável.

A influência e a ajuda que os meios de comunicação social podem exercer na formação da opinião pública aparecem, deste modo, fortemente condicionadas pelos limites postos á difusão objectiva dos factos e á variedade de interpretações possíveis a partir deles. Tais limites violam um direito essencial, «essa tão forte necessidade do homem, por ele justamente reivindicada contra todos os totalitarismos, de pensar livremente, e livremente se exprimir. (...) Essa é sem dúvida uma das maiores aquisições do nosso tempo, que muito nos deve regozijar, e todos devemos esperar que essa liberdade de opinião e de imprensa — dissemos liberdade e não libertinagem — não continuem a estar, como ainda hoje acontece, baldadamente inscritas no frontão de algumas constituições, mas antes constituam, de facto, os imprescritiveis direitos de que cada homem, qualquer que seja o seu país, possa fazer um uso razoável». (1).

Além disso, as violações do bem comum só deveriam poder ser ajuizadas — como em qualquer outra infracção — a «posteriori» e sempre através de instituições competentes e isentas de partidarismos. Só assim será possivel ver exercitado o direito a uma informação objectiva e completa que permita á pessoa formar uma opinião consciente e responsável e fazer as suas próprias opções concretas em relação aos problemas morais, sociais, económicos ou politicos que diáriamente se lhe apresentam.

Esse direito, para além da sua importância própria, é condição para que outros direitos fundamentais possam ser eficazmente prosseguidos, muito particularmente o da participação de cada um na vida pública (Cfr. Declaração Universal dos Direitos do Homem, n.º 19, e Pacem in Terris, n.ºs 12 e 26).

Os únicos condicionamentos admissíveis á informação são os impostos pelo bem comum, que, á luz dos documentos do Magistério da Igreja, deve permitir e servir a realização livre e plena do homem e da Sociedade e dotá-los dos meios mais adequados á consecução de tal fim.

É evidente que a liberdade de informação pressupõe e exige, nos seus profissionais, um elevado sentido de responsabilidade ética que, conforme no-lo afirma o Papa Paulo VI, deve radicar-se na verdade e na honestidade: «Verdadeira e honesta na fidelidade ao acontecimento, a informação deve sê-lo para cumprir a sua função social, e só o será se o informador tiver como permanente preocupação o respeito pela objectividade.

Isto significa que a informação deve, antes de mais, corresponder á verdade, pelo que ninguém tem o direito de, conscientemente, propagar informações erróneas ou apresentadas sob uma luz que desvirtude o seu alcance. Ninguém tem também o direito de escolher arbitrariamente as suas informações, limitando-se a difundir o que é concordante com as suas opiniões e silenciando tudo o resto: pode pecar-se contra a verdade tanto por omissões calculadas como por afirmações inexactas.

Não basta que a informação seja objectiva. É também necessário que ela saiba impor a si própria os limites exigidos por um bem superior. Assim, deve saber respeitar o direito dos outros á sua boa reputação e não se imiscuir no legitimo segredo da sua vida privada. Quantas infracções se cometem hoje contra estes dois preceitos! (...) Respeitadora do outro e do seu próprio bem, a informação deverá sê-lo ainda — e talvez mais — do bem comum. Quem ousaria defender que toda a informação, qualquer que ela seja, é igualmente benfazeja ou inofensiva em todos os tempos e lugares? Pensai, por exemplo, nesse sector particularmente sensível e vulnerável que é a juventude! Isto é dizer os limites que a própria dignidade da informação requer para o seu exercício, não em razão de proibições artbitráriamente impostas do exterior mas em virtude das exigências impostas pela sua nobre missão social.» (2).

2. Acontece que no nosso País de há muito se têm verificado situações que, contrariando o espírito e a letra desta doutrina geral, impedem o desenvolvimento duma sociedade aberta e fraterna e, portanto, o desenvolvimento do bem comum nacional.

Um jornal não ultrapassa a sua missão quando — após uma objectiva exposição dos factos — apresenta o seu julgamento deles, mesmo que tal julgamento seja diverso do do Governo. Pelo contrário: fazendo-o, (o jornal) cumpre — mediante o contributo das suas ideias e fazendo-se eco da sociedade — uma importante função social. (...) Inversamente, um jornal atraiçoa a sua missão sempre que falseie a realidade ou amolde a sua interpretação dos factos com o objectivo de servir interesses que, mesmo quando legitimos, não são os dos seus leitores. Portanto, o perigo não está em a Imprensa ter ideias próprias nas inevitáveis controvérsias (do dia a dia) mas sim em apresentar, como suas, ideias impostas por pressão dum Governo, dum partido, duma classe ou de interesses financeiros...» (3).

«Hoje mais do que nunca importa que a informação não degenere em propaganda, que não apele para as menos nobres paixões do homem, que não lance — através de campanhas sistemáticas e orientadas — grupos de leitores contra outros grupos de concidadãos ou de

(Continua na 16.ª página)

ora diga-nos...

Teve subsídio de férias?

Depois de um ano de trabalho, as férias são quase uma obsessão e, enquanto não chegam, todos os dias se tecem projectos para elas. Durante as férias, no entanto, e mesmo quando não se vai para uma estância de veraneio, gasta-se sempre mais dinheiro do que na vida de todos os dias se o houver, claro!

● O sr. Manuel Maria Nunes de Pinho Gonçalves de Melo, frezador, disse-nos:

— *Encontro-me em férias, actualmente, mas não beneficiei do subsídio, porque apenas tenho dois anos de casa. Para o ano, sim, já terei direito a ele. Quantos dias de férias tenho? Quinze.*

● O sr. José Manuel Martins terminou o serviço militar há um mês, e já retomou a sua actividade profissional.

— *Sou electricista e, por sinal, na tropa também exerci a profissão, pois deram-me essa especialidade. Este ano, como voltei só agora para o emprego, não gozarei férias, o subsídio, mesmo que as gozasse, é coisa a que não tenho direito.*

● Por último, respondeu-nos o sr. Ilídio dos Santos, contínuo:

— *Não tenho direito a subsídio de férias, porque ainda não completei três anos de casa. As minhas férias, que ainda não gozei, são de 15 dias. Quanto ao subsídio de que já beneficiarei para o ano, não sei exactamente, qual é o seu montante.*

Maria Adelaide, representante de Portugal na «Operação Plus Ultra», seguiu para Madrid. Dali, com os seus camaradas eleitos em diferentes países, partirá para um passeio pela Europa. Em Roma serão recebidos pelo Papa

Na PRAIA DA NAZARÉ o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por BAPTISTA VIEIRA — Praça Sousa Oliveira, 38-A.

Esteve morto em casa durante quinze dias sem ninguém dar por isso

AVEIRO, 30. — Luís da Naia Machado, de 56 anos, solteiro, morador na Rua D. Jorge de Lencastre, era um pobre homem que vivia só, desde a morte de seu pai, ocorrida há dois anos. O «Ti Luís», como era conhecido e estimado no bairro da beira-mar, deixou de ser visto há cerca de duas semanas, mas ninguém ligou ao facto, pensando-se até que ele teria ido com o seu irmão sr. Francisco Machado, oficial de diligências nesta cidade, para férias. Mas, regressado este, sózinho, todos começaram a inquietar-se pelo destino do Luís Machado.

O seu parente Manuel Pinho Vinagre alertado por algumas vizinhas do desaparecido pensou no pior e forçou, então, a porta da residência do «Ti Luís». Aí deu com este morto, e já em adiantado estado de decomposição, presumindo-se que tenha sido vítima de doença subita, tendo falecido há cerca de 15 dias.

Compareceram no local as autoridades que ordenaram a remoção do cadáver.

Um colóquio agrícola na vila de Cantanhede na Exposição-Feira de S. Mateus

CANTANHEDE, 29 — Abriu hoje, com larga concorrência e grande animação, a V Exposição-Feira de São Mateus. A fita simbólica foi cortada pelo chefe do distrito de Coimbra, que era acompanhado pelo Presidente do Município deste concelho, por autoridades civis, militares, eclesiásticas, além de outras individualidades.

O importante certame, que se mantém até 7 de Setembro próximo, reune, este ano, novos atractivos. Entre outros pavilhões de expositores, inclui-se o do Secretariado de Estado da Agricultura.

O programa desportivo marca para amanhã uma prova ciclística para amadores e no dia 7 de Setembro uma prova de perícia para automóveis, que reune mais de cinquenta taças.

Nos programas das noites de variedades tomam parte categorizados artistas da Rádio e Televisão.

O colóquio agrícola

Em correlação com o importante certame, decorrerá no dia 6 (havendo o mercado local), no recinto da feira, um colóquio agrícola subordinado ao tema «Mecanização Agrícola e Associativismo Agrícola», orientado por técnicos do Secretariado de Estado da Agricultura.

Numa altura em que a lavoura atravessa situação difícil e em que se impõem a sua adaptação a novas técnicas e a coexistência económica, esta reunião adquire o maior interesse. Os lavradores poderão, assim, ficar ao corrente das directrizes porque se deve guiar a agricultura nos tempos que decorrem.

A BOA BRIGA

Logo após o casamento, a mulher zangada trancou-se no quarto, o marido ficou furioso e deitou a porta abaixo. «A Boa Briga» e muitos outros bons artigos encontram-se no número de Setembro de **Selecções.** Leia este artigo, ainda que você não seja casado. **Selecções** é uma exclusividade da Livraria Bertrand.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO CONDES

TÍTULO — «À Margem da Lei».
INTÉRPRETES — Lee Van Cleef, António Sabato, Graziela Granata e Gordon Mitchell.
REALIZADOR — Giorgio Stegani.

A coligação italo-alemã continua a oferecer-nos películas do oeste no mais puro estilo americano.

Ontem estreou-se no Condes um novo filme daquele género: «À margem da lei». E dentro de um espírito comercial tem de aceitar-se a fita como válida uma vez que mercê de uma agradável sequência, a narrativa segue por caminhos lógicos, consegue rodear-se de «suspense» em muitos momentos e interessa o espectador, préviamente disposto a distrair-se, durante duas horas sem preocupações estéreis, em busca re mensagens inexistentes.

Da história pode, no entanto, sacar-se algum conceito. Mesmo do que é mau (que não é exactamente o caso) pode sacar-se qualquer vantagem. E até se quisermos rebuscar na película estreada no Condes um princípio de humanidade, não será difícil encontrá-lo: bastou a compreesão de um homem (Ben Novack, interpretado por António Sabato) para trazer aos caminhos da honra quem deles andava desavindo (Cudlip, personagem que Lee Van Cleef encarnou).

São eles, de resto, as figuras centrais da fita. E uma vez que as exigências dos papéis não foram grandes, também, não sobressaíram deficiências, mais visíveis na interpretação de personagens de mais definidos esboços psicológicos.

E. V.

• NO ROMA

TÍTULO — «Soldados à Chuva» («Soldier in the Rain»).
REALIZADOR — Ralph Nelson, 1967 (E. U. A.)
INTÉRPRETES — Jackie Gleason, Steve McQueen, Tuesday Weld, Tonny Bill, Tom Poston, etc.

Um crítico profundamente responsável como Bertrand Tavernier disse de «Soldier in the Rain» (ao fazer a apresentação de Ralph Nelson no numero especial de «Cinema 69», dedicado ao «cinema americano»): *«O verdadeiro talento de Ralph Nelson situa-se no tratamento de temas estranhos, paradoxais. Ela sabe muito bem evocar as relações ambíguas que se estabelecem entre personagens que tudo parece afastar umas das outras. «Soldier in the Rain» é, neste domínio, um êxito inegável e profundamente original. Para além de uma história de amor comovente e muito pouco convencional, entre Tuesday Weld e Jackie Gleason, o filme permitia a Steve McQueen compor um heroi meio embrutecido, perdido entre hipotéticos projectos, que atacava frontalmente inumeros mitos americanos. Há mais coragem real em «Soldier» que em todos os Jewison e os Kramer que pretendem abordar o problema racial.»*

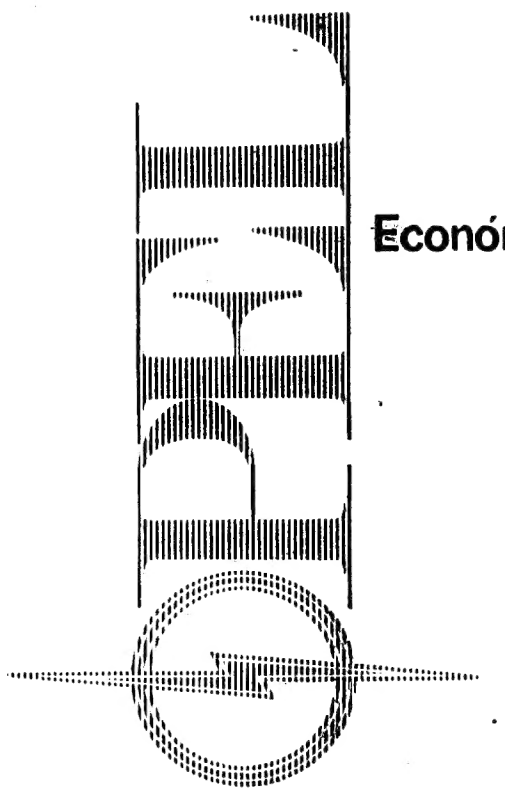
Ora o que realmente ontem vimos no cinema Roma não permite, de forma alguma, chegar a semelhantes conclusões, por muita simpatia que se nutra pelo trabalho de Nelson (autor de «Charly», «Um Homem e o seu Destino» ou «Crime em San Francisco». Na verdade, «Soldados á Chuva» nunca ultrapassa o nível medíocre e insípido de muitas outras comédias que fazem do exército tema para uma ou outra risonha alfinetada. Tudo o mais prolonga a monótona irreverência dos reverentes. Onde, portanto, a coragem que B. Tavernier encontrara?

LAURO ANTÓNIO

Mónica, o espectáculo

A actriz espanhola Mónica Randall está a guindar-se a excelente posição nos meios cinematográficos do país vizinho, graças á plástica e á fotogenia que ostenta (e estão bem patentes na imagem que reproduzimos). Lançada por uma poderosa máquina publicitária, Mónica Randall quer (em 1970) filmar em Roma.

(TODAS AS TAXAS INCLUÍDAS)



Um Kadett que É ainda mais económico: o novo Kadett "E"

Económico em todos os sentidos

Com o lançamento do novo **OPEL KADET «E»**, Você dispõe agora de um carro que reúne **além das enormes vantagens da experiência OPEL**, um factor verdadeiramente aliciante **— O PREÇO! 58.618$00** (taxas incluídas)

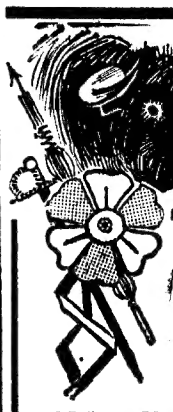
Basta «pesar» as características do **NOVO MODELO OPEL KADET «E»**.

Confirme por si próprio — visite ainda hoje o seu concessionário **OPEL**.

Kadett "E"

A TÉCNICA E A ELEGÂNCIA NUM CARRO EUROPEU

Um produto General Motors montado em Portugal com assistência técnica em todo o país.



MONUMENTAL DE CASCAIS

AMANHÃ, 31 DE AGOSTO, ÀS 17 H.
(M. 6 ANOS

MAIS UM CARTEL DE CATEGORIA
8 TOIROS de CASTA e PODER
da famosa ganadaria de **JOAQUIM GRAVE**

SERÃO LIDADOS A CAVALO POR:

MANUEL CONDE
EXÍMIO E EMOCIONANTE LIDADOR

LUÍS M. DA VEIGA
O JOVEM E DINÂMICO TOUREIRO ALENTEJANO

A PÉ TOUREIAM OS FAMOSOS MATADORES

ARMANDO SOARES
TRIUNFADOR NA ÚLTIMA CORRIDA NESTA PRAÇA

GREGÓRIO LALANDA
UM JOVEM TOUREIRO ESPANHOL DE GRANDE CLASSE

O PÚBLICO VAI DELIRAR COM A VALENTIA E ARTE DOS
FORCADOS AMADORES DE LISBOA
COMANDADOS POR NUNO SALVAÇÃO BARRETO

SOL desde 25$00 — SOMBRA desde 80$00 — JOVENS 15$00
BILHETEIRAS: AG. ABEP — RESTAURADORES; e em CASCAIS — TELEF. 28 10 07.

Estreia-se no ABC na próxima semana a revista «Ena, já fala!»

Está práticamente concluída a montagem da nova revista «Ena, já fala!» com que José Miguel inaugura a temporada no novo teatro ABC, agora totalmente remodelado.

Original de Paulo da Fonseca, César de Oliveira e Rogério Bracinha e musicada por João Nobre e João de Vasconcelos, esta revista, de cunho marcadamente popular, tem como principais intérpretes os conhecidos artistas Ivone Silva, Ribeirinho, Nicolau Breyner, Henriqueta Maia, Óscar Acúrcio, Natalina José, Carlos Gonçalves, Carlos Queirós e, em sensacional reaparição Fernanda Baptista, o que constitui um «cast» difícil de igualar.

Encenada por César de Oliveira, «Ena, já fala!» tem um novo e original guarda-roupa, confeccionado nos «ateliers» Paiva, sob figurinos de Mário Alberto e direcção da mestra Josefina Soares, pertencendo a coreografia a mestre Charles e sendo o corpo de baile constituído por 25 bailarinas e bailarinos.

No elenco, salientam-se também as jovens actrizes

RIBEIRINHO

Rosemary, Fernanda Franco, Lina Santos e Isabel Silvano.

Já em ensaio de apuro, a nova revista sobe á cena na próxima semana.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

«O assassino de Macário» na Academia Filarmónica Verdi

Hoje, á noite, o grupo de teatro Cena Aberta, sob a direcção de Carmen Judite, leva á cena, na Academia Filarmónica Verdi, a peça em 3 actos «O assassino de Macário», de Camilo Castelo Branco. A representação está incluída no programa cultural promovido pelo Município

FESTIVAL DE SINTRA

ESTUPENDO CONCERTO DE OS «SOLISTAS DE PRAGA»

Um excelente conjunto, um conjunto de primeira ordem bem digno de um festival internacional, este que acabámos de ouvir no Palácio de Queluz. «Os Solistas de Câmara de Praga» representam dignamente as tradições musicais tão celebradas, e com inteira justiça, da região a que se encontram vinculados. Trata-se, neste caso, de cerca de uma dúzia de instrumentistas de arco, aos quais se reune um cravo. Bonita qualidade de som, coesão, firmeza de «ataque» mas sem dureza, sentido muito cativante do fraseado e do «cantabile»: eis algumas virtudes salientes de uma execução cheia de maleabilidade mas isenta de qualquer resquício de mau gosto. E escusado será dizer que a direcção do maestro Eduard Fischer insere-se nesta linha de musicalidade visceral, digamos assim. As versões de «Os Solistas de Câmara de Praga» revestem-se de um modelar acabamento e adquirem relevo e colorido, mas sem prejuízo para a fluência e a plasticidade do discurso.

Vivaldi («Concerto em ré maior, para quatro violinos, violoncelo, arcos e cravo») resultou dentro do estilo adequado: luminosidade essencial e exemplar meio-termo no domínio da agógica (por outras palavras, o justo sentido dos andamentos: nem incorrendo em excessos de velocidade).

Haendel não ficou menos bem servido. O «Concerto Grosso» em ré maior (o 5.º da colectânea op. 6) foi um autêntico regalo para os ouvidos e igualmente um exemplo de bom estilo e de equilíbrio sonoro. Logo no «Grave» inicial (espécie de breve abertura de feição típicamente barroca) se sentiu o excelente «tenuto» dos executantes. O «Allegro» que se lhe segue assim como o «Presto» nada perderam do dinamismo rítmico que lhes são inerentes; mas também não se insistiu num certo tom empolado que não anda ausente de muitíssimas páginas haendelianas. O «Largo» recomendou-se por uma grande transparência do tecido sonoro. E que bem articulado, quanto a contrastes de dinâmica muito especialmente, o 5.º trecho («Allegro»)! O «Minuetto» final foi deliciosamente fraseado, não lhe faltando subtileza de cambiantes. Desprendeu-se da versão preciosismo? Talvez. Mas, apesar de tudo, até a esse preciosismo ficámos rendidos e não nos sentimos envergonhados por isso...

Concordamos inteiramente com a atitude de «Os Solistas de Câmara de Praga» de trazerem até nós música de compositores checos contemporâneos. Simplesmente as obras escolhidas, assinadas por Kalabis e Resak (sobre cujas personalidades artísticas as notas do programa são absolutamente omissas), nada nos revelaram de verdadeiramente pessoal. Uma primorosa escrita instrumental, por vezes com efeitos de uma apresentada um tal ou qual grande finura e a que não será estranho o ascendente de Bartok (sobretudo no caso do «suite» de Kalabis) e algumas ambiências não desprovidas de encanto, e pouco mais (o que já é alguma coisa, em todo o caso)... Em Janacek, Martinu, Kabelac, noutros porventura, não se encontrariam páginas mais substanciais? E também gostaríamos de ouvir um tal admirável conjunto em Webern, Bartok ou Strawinsky. Ficará para uma próxima vez? Assim o esperamos.

NUNO BARREIROS

FADO EM CASCAIS

No restaurante «Dar de comer e de beber á dor», instalado na Feira do Artesanato (em Cascais) realiza-se no próximo dia 1 de Setembro, á noite, um jantar que terá a presença (e a actuação) de alguns dos maiores nomes do Fado.

Este espectáculo tem uma curiosa história. O filho da proprietária do restaurante (Celeste Machado) esteve recentemente internado no Hospital de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo. O desvelo com que foi tratado, as atenções que viu serem prodigamente repartidas por todos os doentes (sem qualquer distinção social) calaram fundo no seu coração: e resolveu, com a organização de um espectáculo fadista, obter uma receita que contribuisse para minorar as despesas daquele Hospital.

Aí temos como reputadas vedetas do Fado estarão em Cascais (no «Dar de comer e de beber á dor») nesta verdadeira cruzada de benemerência.

«LOS COMODINES» — VITÓRIA NO FESTIVAL DE ANDORRA

O conjunto vocal-instrumental «Los Comodines» venceu, graças á interpretação da melodia «Libertad», o primeiro Festival da Canção de Andorra.

«Libertad» é da autoria do compositor espanhol Julio Monguillot, e «Los Comodines» (que receberam trezentas mil pesetas pelo triunfo: mais ou menos cento e vinte cinco mil escudos) são estudantes universitários.

SATÉ!

UM NOME PARA NÃO ESQUECER!

TÃO BOM ELE É!

Não perca tempo a pensar...

A

FEIRA POPULAR de LISBOA

Organizada a favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

É UM ESPECTACULO PARA TODAS AS IDADES E PARA TODOS OS GOSTOS

UM FIM DE SEMANA

PASSADO SEM PREOCUPAÇÕES E EM AMBIENTE ALEGRE ALIADO AO FACTOR SORTE QUE PODE ESTAR DO SEU LADO...

PRÉMIOS-VALIOSOS-PRÉMIOS

NO PASSATEMPO DESPORTIVO

A VOLTA VISTA DA FEIRA

ÚLTIMA VOTAÇÃO

OS PROGNÓSTICOS VÃO PARA A ETAPA ABRANTES-CARTAXO

A FIRMA ULTRAMAR, UMA DAS ASSOCIADAS DA CASA DARDO, OFERECE

UM PAR DE CANDEEIROS DE MESA DE CABECEIRA

ÀS 22.30 HORAS

OFERTA DOS VINHOS ROSAL E VERCOOL

COLABORAÇÃO DE JOÃO CAMILO ALVES E UNIÃO DAS ADEGAS COOPERATIVAS DA REGIÃO DOS VINHOS VERDES

10 — prémios de 12 garrafas destes famosos vinhos — 10

ÀS 23 HORAS

SERÁ SORTEADA POR TODOS OS VISITANTES DA FEIRA EM OFERTA DO BAZAR DA FEIRA

PAVILHÃO ONDE AS SENHORAS SE ESQUECEM DAS HORAS

UMA PANELA DE PRESSÃO «PRESTO»

UMA MOTORIZADA CASAL

TAMBÉM PODERÁ SER SUA ☆ SORTEIO MENSAL DA INICIATIVA DA METALÚRGIA CASAL, DE AVEIRO

Não perca tempo a pensar — Vá à Feira

Entrada: 1$50 — Abertura: 19 horas

UMA COMÉDIA FORA DE SÉRIE

TEATRO VARIEDADES 6.ª semana

VASCO MORGADO apresenta

TRIUNFO DA C.ª TEATRO ALEGRE

HENRIQUE SANTANA

IRENE ISIDRO COSTINHA

LIA GAMA

MARIA HELENA HENRIQUE SANTOS

LUISA DURÃO

HELENA ISABEL BENJAMIM FALCÃO

OS DIREITOS DA MULHER

2 HORAS A RIR

com

UM CASO MUITO SÉRIO

A MULHER é igual, superior, ou inferior ao HOMEM

HOJE, ÀS 21.45 H. — (Adultos)

AMANHÃ, À TARDE ÀS 16 H.

2.ª-FEIRA, DESCANSO DA COMPANHIA

Um êxito clamoroso!

12.ª SEMANA DE ENCHENTES

A revista dos PARODIANTES DE LISBOA — um espectáculo de VASCO MORGADO com CAMILO, FLORBELA, PAULA RIBAS e RUI DE MASCARENHAS na sala fresquinha do

MONUMENTAL

em DUAS SESSÕES 20.45 e 23 horas

(ADULTOS)

AMANHÃ, À TARDE, ÀS 16 H.

2.ª-FEIRA — DESCANSO DA COMPAHIA

CURSOS TÉCNICOS DE

DECORAÇÃO - PINTURA ARTES DECORATIVAS CERÂMICA • ESMALTAGEM

ESTÃO ABERTAS AS MATRICULAS A PARTIR DE 15 DE SETEMBRO

ESCOLA PAIXÃO

AV. ALMIRANTE REIS, 58, 3.º E. — TELEF. 5 27 26

BICO DOURADO

ESTREIA SEGUNDA-FEIRA O FAMOSO

TONY AMARAL

R. DA MISERICÓRDIA TEL. 368649

XIII FESTIVAL DE SINTRA

Hoje, 30 de Agosto 21,30 horas

TEATRO CARLOS MANUEL (Sintra)

pelo famoso pianista GLEB AKSSELROD

PROGRAMA

1.ª PARTE

Toccata e andante — SOUSA CARVALHO

Sonata em ré menor, op. 31 n.º 2 — BEETHOVEN

No lago Walenstad — LISZT

Funerais — LISZT

2.ª PARTE

Sonata em dó maior — KABALEVSKY

5 Prelúdios op. 34 — CHOSTAKOVITSCH

Sonatina (1.ª audição) — PIART

2 Sarcasmos — PROKOFIEFF

Tocata op. 11 — PROKOFIEFF

DIA 1 DE SETEMBRO — 21.30 HORAS

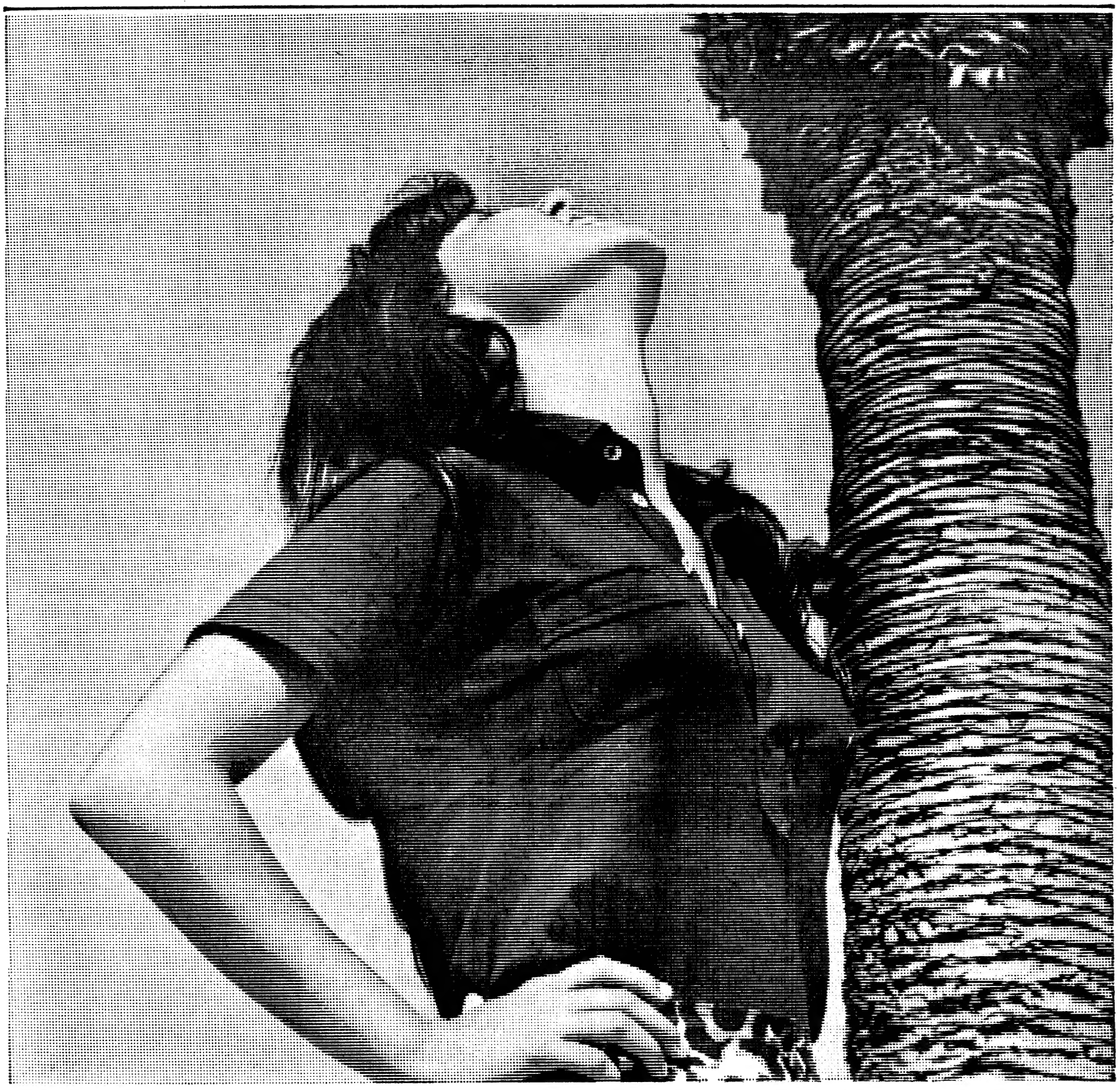
RECITAL

pelo violinista HYMAN BRÈSS

acompanhado ao piano por TANIA ACHOT

Piano STEINWAY da Casa VALENTIM DE CARVALHO

Os bilhetes para os espectáculos estão á venda na Agência do S. E. I. T., Praça dos Restauradores, Lisboa; na Junta de Turismo da Costa do Sol, Estoril; e no Turismo de Sintra. No próprio dia poderão ser adquiridos, desde as 20 horas, no local onde se realiza o espectáculo. Os transportes, de ida e volta, estão assegurados entre Lisboa-Sintra ou Queluz.



olhar para o futuro - olhar para a Torralta

Dia a dia a TORRALTA cresce
valorizando o seu capital
que é o dos seus accionistas
Adquira uma acção Título de Férias
e o seu dinheiro valerá cada vez mais

Informações: Av. Duque de Loulé, 66-A
Lisboa — Tels. 54479 - 555681 - 51748

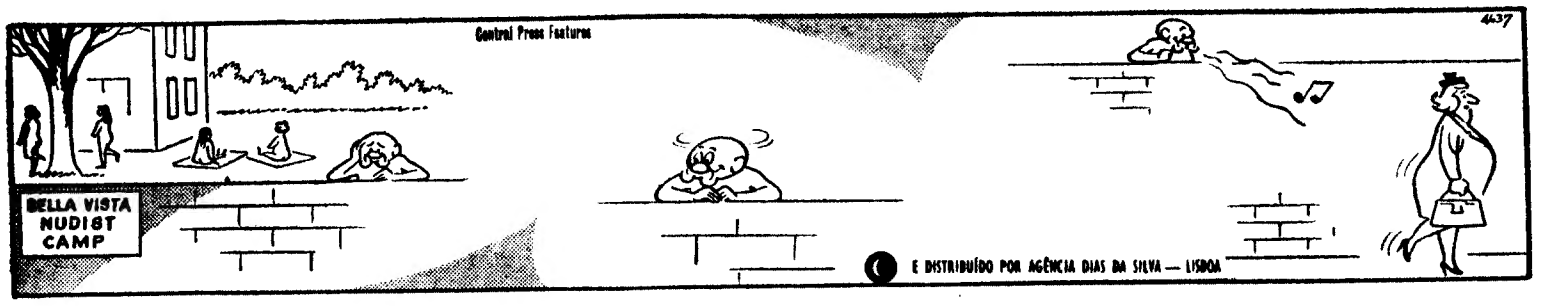
TORRALTA
A MULTIPLICAÇÃO DO SEU CAPITAL

a p

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Agosto de 1939 publicava:

«VARSOVIA. 30 — O governo polaco resolveu chamar ás fileiras todas as classes de reservistas e especialistas até á idade de quarenta anos. A ordem foi divulgada por meio de «placards» afixados nas paredes de todas as localidades polacas, hoje ás 13 horas, e também por meio dos postos emissores polacos de T. S. F.»

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada. 99 — LISBOA

Sociedade «ESTORIL»
VENDA DE BILHETES
VENDA DE SÉRIES
DE 20 BILHETES
Todos os dias e em todas as estações
SEM DATA
PARA OS DOMINGOS
Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 ás 22 horas

Palavras cruzadas

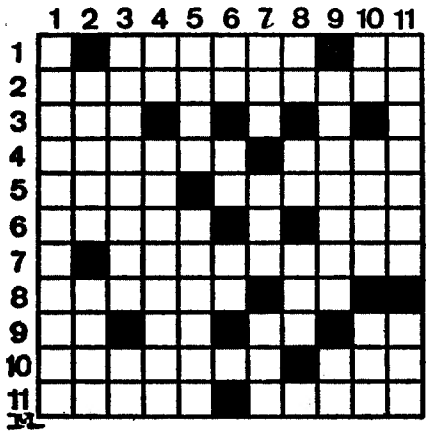
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5283

HORIZONTAIS: 1 — Regimes alimentares. Mil e quinhentos em romano. 2 — Juntarei em mealheiro. 3 — Ofereces. 4 — Sem ângulos. Prefixo que designa oposição. 5 — Verniz da China. Capital do Iraque. 6 — Quadra da proa do navio. Agora. 7 — Prometimentos. 8 — Mar. Partia. 9 — Acusado. Nota de música. Prefixo de negação. Réis (abrev.). 10 — A que publica a obra de um autor. Cabo na costa de Marrocos, fronteiro ás Canárias. 11 — Cures. Rio afluente do Douro.

VERTICAIS: 1 — Muito taladores. 2 — Satisfazem. Transija. 3 — Vague. Frequentar. 4 — Idem (abrev.). Descreveste. 5 — Deus dos ventos. Das musas. 6 — Pronome pessoal. Símbolo químico do antimónio. Pedra de moinho. 7 — Argola. Decâmetro quadrado. Seguias. 8 — Apetido. Símbolo químico da prata. Afirmação. 9 — Pingue. Descoberto. 10 — A mim. Embalagem de uma mercadoria. Batráquios aquáticos. 11 — Débitos. Ecoa.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5282

HORIZONTAIS: 1 — ARVORE. Cá. 2 — Pé. Dissolvo. 3 — Eu. Rós. RUIM. 4 — Desempate. 5 — Ada NÃO. Rn. 6 — Si. Bicórneo. 7 — Analisei. 8 — Alo. DÁ. 9 — BOA. Ais. Iam. 10 — Ag. SOMBRA. 11 — Sobem. Lecias.

VERTICAIS: 1 — Apenas. Abas. 2 — Réu. Diálogo. 3 — Da. Noa. 4 — Odre. Ba. Se. 5 — Rias. Ilda. 6 — Essenciais. 7 — Mãos. Sol. 8 — Corpóreo. Me. 9 — Alua. Ni. Ibo. 10 — Vitre. Cara. 11 — Somemos. Mas.

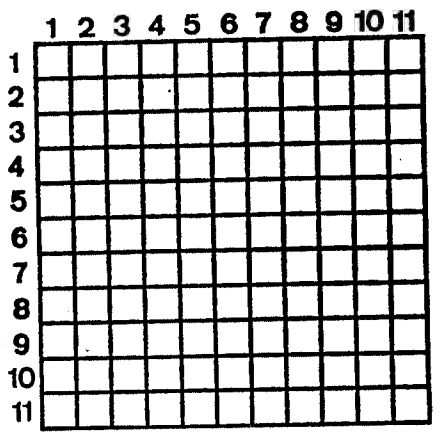
(Provérbio: ARVORE RUIM NÃO DÁ BOA SOMBRA).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9126

HORIZONTAIS: 1 — Terraço no alto de um edifício. Antiga moeda siamesa. 2 — Bolo de farinha de arroz e azeite de coco. Irmã da mãe. Preposição e artigo definido (pl.). 3 — Vê. Nome de mulher. Porco. 4 — Esteiro. Cinquenta e seis em romano. 5 — Multidão. Dispõe em comada. 6 — Vazia. Pátria. 7 — Amofinar. Prendera. 8 — Semelhante. Curso de água natural e abundante. 9 — Em partes iguais. A principal praça publica nas cidades da Grécia antiga. Quinhentos e cinco em romano. 10 — Nome de uma letra. Agora. Saudável. 11 — Lagarto. Terramoto.

VERTICAIS: 1 — Ilha do arquipélago de Cabo Verde. Oceano. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. 2 — Realiza. Safa. 3 — Basta. Deixa só. Viração. 4 — Disfarce. 5 — Base aérea portuguesa. Rio da Suíça. Distrito da Índia Portuguesa. 6 — Cólera. Mágoa. 7 — Grupo de línguas a que pertence o siamês. Fileira. Chefe etíope. 8 — Anca do boi. 9 — Rádio (s. q.). Atravessai. Abreviatura de Santíssimo. 10 — Revolta. Giram. 11 — Guarneço de asas. Bicho que aparece no queijo e na carne de porco mal curtido (Prov.). Desapareço no ar.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9125

HORIZONTAIS: 1 — Porto. Crato. 2 — Ari. Sim. Vãs. 3 — Rama. Mito. 4 — Lapa. Vasa. 5 — Restava. 6 — Ro. Cr. 7 — Anota. Corão. 8 — Velos. Asira. 9 — Arar. Omar. 10 — Toi. Dio. Agá. 11 — Aramoriamos.

VERTICAIS: 1 — Por. Gravata. 2 — Oral. Onerar. 3 — Rimar. Olaia. 4 — Apertar. 5 — Os. Ás. As. Dá. 6 — Io. Tu. Sir. 7 — CM. Vá. Cá. Aí. 8 — Mavioso. 9 — Aviea. Rimam. 10 — Tatá. Carago. 11 — Oso. Troaras.

SALDOS
por motivo de renovação total do "stock"
HELIO
Rua Augusta 221
HELIO boutique
Rua do Carmo 76
HELIO
Rua do Carmo 93
HELIO
Rua do Carmo 92
CINDERELA
Rua do Carmo 33
HELIO bottier
Rua Garrett 41
Anunciam a abertura da NOVA ESTAÇÃO com modelos assinados por CHARLES JOURDAN e PIERRE CARDIN
NOVAS FORMAS NOVOS SALTOS

A CIDADE para lá de Lisboa

Diàriamente 254 comboios circulam (às vezes superlotados) na linha do Estoril

PROBLEMA FUNDAMENTAL da parte litoral destes dois concelhos limítrofes (Loures e Cascais) que constituem a chamada «linha» é o da explosão demográfica. O ultimo censo da população, sendo de 1960 os numeros que ele adregou estão completamente ultrapassados (em certos casos mais que duplicados ou mesmo triplicados). Ora para o empreendimento de qualquer política razoável de transportes colectivos é indispensável **o conhecimento pelo menos aproximado dos utentes potenciais (além dos hábitos destes). Estes dados escasseiam lamentàvelmente, e assim temos que nos contentar com aproximações grosseiras e portanto falíveis. Digamo-las:**

Em Oeiras, a C. M. O. forneceu-nos o cômputo seguinte, que tem por referência os dados fornecidos pelos serviços de distribuição de água a cargo da Camara, tendo em consideração que haverá quatro e meio consumidores por cada contador montado: 185 720 habitantes (correspondentes a 41 271 contadores), distribuídos assim pelas cinco freguesias — Amadora, 114 183; Barcarena, 3906; Carnaxide, 41 108; Oeiras, 14 058; Paço de Arcos, 12 465. Ao escoamento da população activa da «linha» só nos interessam estas últimas freguesias que somam 67 633 pessoas. De registar que os valores apontados não incluem os bairros clandestinos, **ou assim ditos, como o da Brandoa, que devem albergar só por si dezenas de milhares de habitantes. Portanto, o concelho de Oeiras deve ser considerado o terceiro do País, depois de Lisboa e Porto e só não é urbano de 1.ª porque a sede da autarquia tem menos de um quarto da população de todo o concelho: se a Amadora fosse designada sede do município, este passaria inopinadamente a urbano de 1.ª...**

Quanto a Cascais, para as cinco freguesias que compõem o concelho (Alcabideche, Carcavelos, Cascais, Estoril e S. Domingos de Rana) os serviços municipalizados montaram 24 mil contadores, pelo que, se se mantiver a mesma estimativa de 4,5 pessoas para cada instalação, o concelho, cuja superfície é de 98,56 km2, contará com 108 000 habitantes. Destes uma importante fracção trabalha em Lisboa ou no aglomerado de que esta é a cabeça disforme e tentacular — não se sabe exactamente quantos, está bem de ver, mas de qualquer maneira numa percentagem ligeiramente inferior à do concelho vizinho de Oeiras. Esquemàticamente pode calcular-se que de 50 000 a 80 000 pessoas vão e vêm todos os dias para a capital, de uma das localidades ribeirinhas entre Cascais e Alges. É, apesar de tudo, uma quantidade imponente de gente.

Os turistas, claro, também circulam. Mais de automóvel do que de comboio...

IMPOSSÍVEL A HIPÓTESE DE CARREIRAS DE CAMIONAGEM ENTRE CASCAIS E A CAPITAL

Pois bem, quase todas essas pessoas se deslocam de comboio para a capital. Este facto idiosincretiza a «linha» do ponto de vista dos transportes colectivos: com efeito, o transporte rodoviário está francamente dificultado nesta zona pelas limitações de escoamento da «marginal». Esta via já com esforço (e nem sempre a contento) dá conta do recado não sendo espectáculo raro as «bichas» intermináveis de veículos ligeiros às portas de Lisboa, nas horas de ponta.

Completamente impossivel, pois, encarar a hipótese de carreiras de camionagem entre Cascais e a capital — apenas de Algés rolam autocarros até ao centro da cidade, e com manifesto testemunho das dificuldades que acima acentuámos. O caminho-de-ferro é, efectivamente, a única solução e, sem modificações radicais das estruturas da região o problema *parece restringir-se à consideração dos transportes ferroviários Cascais-Lisboa.*

A empresa concessionária da linha da «linha» é, desde 1918, a Sociedade Estoril. A concessão foi feita, segundo nos disseram na própria empresa em causa, sob a condição de as vias serem electrificadas — condição imposta pela própria sociedade exploradora. Os trabalhos de electrificação só começaram, contudo, devido a diversas causas suscitadoras de dilação, em 1923 e estavam prontas em 1926. Era a primeira linha ferroviária eléctrica do País e *só 30 anos depois* a C. P. electrificou as suas primeiras linhas... Durante três décadas as únicas carruagens accionadas entre nós pela energia eléctrica foram as que demandavam Cascais — este facto é um imperativo de qualidade que não deve ser alheio às tentativas de melhoria agora a ser levadas a cabo para manter esta via mais bem apetrechada que as outras suburbanas. E, por outro lado, não deve ser estranho ao sobrepovoamento das localidades servidas por este comboio, já que *o tempo perdido* nas viagens diárias pesa bastante na escolha do lugar onde se vive.

Em 1968 andaram nos comboios desta via de 26 quilómetros de comprimento 38 548 581 passageiros, de acordo com estimações estribadas em amostragens e inquéritos levados a cabo pela própria Sociedade Estoril. O mês mais *procurado* foi o de Julho, com 3 938075 e o menos Fevereiro com 2 878 000 utentes. Como se vê, não é substancial a diferença entre os meses de Verão e os de Inverno, indicativo de que a população fixa é muito grande e já maioritária — as enchentes de domingo e

(Continua na página seguinte)

O velho, o senhorial, o histórico junto das areias de sempre, mas...

População em aumento e ausência de planos

(Continuação da pág. anterior)

os meses de praia e sol fazem aumentar na época de canícula o número de passageiros destes comboios, mas não subvertem qualitativamente os dados do problema.

A questão da estimativa dos passageiros é difícil na medida em que a quase totalidade dos incolas desta zona utilizam passes de viagem que lhes permitem efectuar pelo mesmo preço, um número ilimitado de viagens—o cômputo é aqui feito na base de três utilizações diárias (nos dias úteis) por cada possuidor de passe.

*

Em 1931, as pessoas que viajavam nas carruagens da Sociedade Estoril foram 5 024 352, menos de sete vezes menos dos do ano passado... Em 1918, primeiro ano em que a S. E. explorou a via em causa, andavam apenas 23 comboios por dia (hoje andam 254)... As carruagens utilizadas são 72, actualmente e as locomotivas em serviço 3, sendo 21 as automotoras disponíveis. Espera-se entretanto a entrega de 30 carruagens já encomendadas ao estrangeiro e que permitirão a entrada em vigor de novos horários e esquema desta «linha», que aprovejam sèriamente soluções corajosas, não deixam de causar preocupação. Preocupação legitimada pelo que acontece em outros bairos limítrofes, em que a oneração de viver fora de Lisboa é paga com língua de palmo...

veitará a nova estação semi-terminus de S. Pedro do Estoril.

As duas centenas e meia de comboios diários esgotam pràticamente as hodiernas possibilidades técnicas, pois só existem duas vias, uma descendente e outra ascendente. Sem a introdução de outra ou outras vias, a facilitação do trânsito ferroviário deste troço é pràticamente impossível, pois limita dràsticamente a viabilidade dos rápidos: ainda que partam comboios *de minuto a minuto*, sendo alguns rápidos e outros não, os *rápidos* terão que esperar inevitàvelmente pelos *lentos*, pois as ultrapasagens são impossíveis! Além da existência da *terceira via* (?) os frequentes estragos nos «rails» provocados pelas águas que invadem a via, causam prejuízos graves. Muito embora outros arredores de Lisboa estejam bem pior servidos que a «linha», a numerosíssima população que cada vez mais se instala na região e a ausência de planos a longo prazo que preocupam.

ALGUNS DEPOIMENTOS DOS HABITANTES DA LINHA

Não será despiciendo auscultar os depoimentos de alguns interesados, apanhados ao acaso nas gares da «linha», à espera do seu comboio. Ei-los:

Dias Fernandes, empregado bancário confidencia-nos que mora em Algés porque as rendas na capital são mais caras.

— Além disso, é rápido ir de Algés para o meu emprego, que fica na Alameda — há muita gente que vive em Lisboa propriamente dita e demora mais tempo que eu para chegar ao trabalho. Sim, gostaria de viver em Lisboa, mas só se fosse no centro, e aí as rendas são altíssimas. Impossível, como vê... Bom, o serviço de transportes não é mau, comparado com outras linhas.

Manuel Ribeiro, funcionário dos C. T. T., também vivendo em Algés, diz-nos, por sua vez:

— Rendas! As rendas em Lisboa são incomportáveis. Viveria em Lisboa, se pudesse, porque ficaria mais perto do local de trabalho, e em Lisboa sempre há mais facilidades. Olhe, francamente, eu costumo é utilizar o «eléctrico» e não o comboio, porque me levanto cedo e tenho tempo — mas é caro, quinze tostões cada viagem... O comboio! É melhor, sim senhor: cinquenta escudos por mês.

Idalina Ferreira dos Santos, empregada numa clínica, ainda moradora em Algés (não é de propósito nem acaso — Algés é a estação com maior movimento nesta «linha», seguida pela Parede). Confia-nos:

— Em Lisboa não tenho família, e não gosto de viver sòzinha; aqui está quase toda a minha família. Morava no Cacém, mas de facto era muito longe. Até agora ia de autocarro, mas agora estou a ver que de comboio é mais barato — e mais rápido. O custo de vida não sei se é ou não mais elevado aqui do que em Lisboa, mas julgo que seja mais baixo. O preço das viagens de comboio, esse é em conta, sim senhor.

António Silva, estudante do I. S. T., mora na Parede. «Detestava» viver em Lisboa.

— Até aos quatro anos vivi em Queluz, depois mudei-me para a Parede. Há muito barulho, muita agitação em Lisboa, não se pode estudar. Há uma grande desvantagem, que é o tempo que se perde nos transportes, mas paciência. Se houvesse rápidos da Parede para o Cais do Sodré... O custo de vida, esse é elevado. Não sei se será mais que em Lisboa, porque não sou eu quem vai às compras, mas sei que é elevado objectivamente. Mas ponha-se a questão de outra forma: aí que de autocarro, do Cais do Sodré ao Técnico levo 34 e às vezes 45 minutos, e da Parede ao Cais, 23...

Marina Igrejas, também estudante de Engenharia, igualmente «detestaria» viver num sítio que não Cascais, onde mora desde que nasceu.

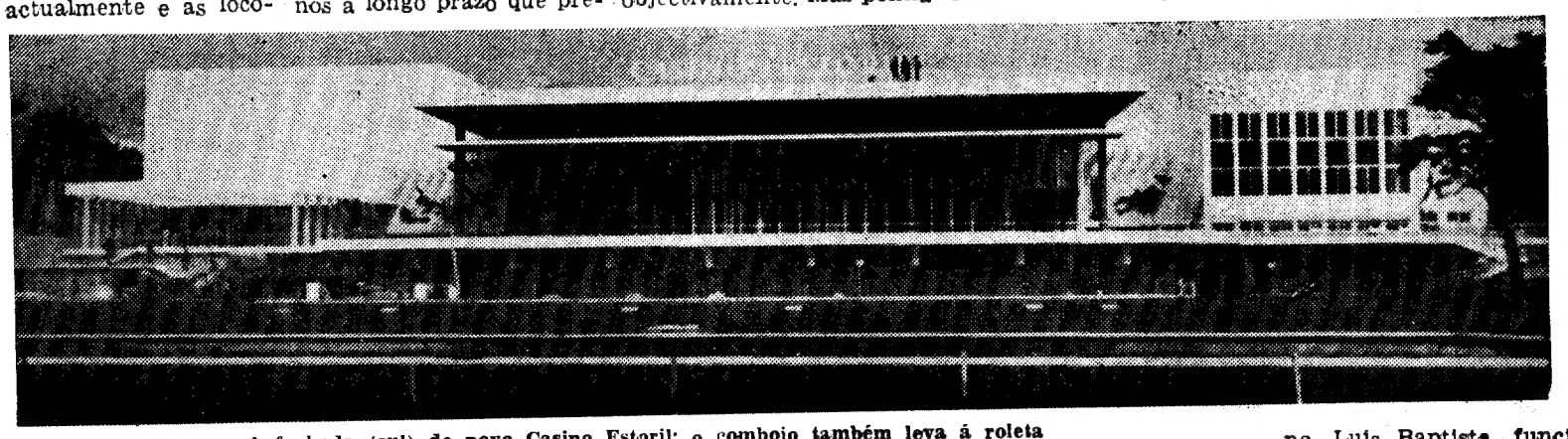
— Em Lisboa, o ar é muito viciado. Em Cascais, há o mar, há a praia, há o descanso... O nível de preços é fogo, é verdade. É uma terra de ricos e está tudo dito. A existência de muitos estrangeiros no Verão tem muita influência para isto, e já tenho visto serem vendidos produtos a não-nacionais mais caros que a portugueses. Mas mesmo estes não são poupados... O tempo que se perde? Sim, é maçador...

Por último, outro algesino, Luís Baptista, funcionário dos serviços hidráulicos. Reagiu desta maneira à nossa contestação:

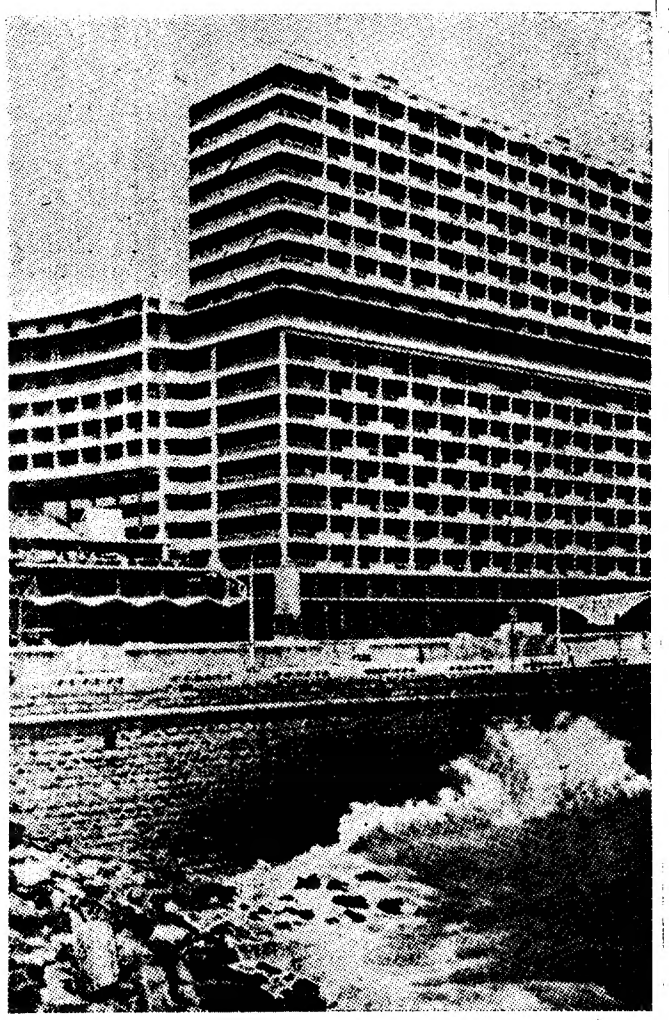
— Utilizo todos os dias quatro vezes o comboio e há quinze anos! Vim para Algés quando o meu serviço foi colocado nesta vila — agora está em Lisboa, mas permaneço. Não gosto, na capital é tudo muito complicado, muito barulhento. O trânsito é uma coisa horrível na Baixa, não aguento. O nível dos preços? Olhe, há vinte anos sim, era diferente (mais baixo) que em Lisboa, mas hoje são afins. Os comboios estão lógicos, estão funcionais, principalmente desde há dois anos — só não concordo com o facto de há um ano pagar 57$50 mensais agora 75$00... Com isto é que não estou de acordo...

A disseminação das populações que trabalham na Grande Lisboa pelos bairros e populações dos arredores põem graves problemas de carácter social, arquitectónico-urbanístico, económico, de saúde pública, etc., etc. No entanto, todos estes angulos por que a questão pode ser equacionada dependem fundamentalmente da estrutura e eficácia dos transportes colectivos que servem essas populações e suas zonas. A relevancia pública deste aspecto da administração suburbana não deve ser minimizada sob pena de se perderem de vista as soluções que se impõem e o verdadeiro âmbito das dificuldades.

Aquele senhor, que todos nós conhecemos, que viaja em 2.ª, não se encontra aqui



A fachada (sul) do novo Casino Estoril: o comboio também leva á roleta



Um hotel que se transformou em bilhete postal

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATOS

● São Vicente
Rua do Paraíso, 28 — T. 865904

● Marquês de Pombal
Rua Carrilho Videira, 10 (ao Chile) — T. 834658

● Álvares Cabral
Av. Grão Vasco, 1 (Frente á Igreja de Benfica)

Aulas diurnas e nocturnas

CURSO LICEAL
CICLO PREPARATÓRIO
INSTITUTOS

CURSOS DE LINGUAS
Francês ☆ Inglês ☆ Alemão

EXAMES — 2.ª ÉPOCA

Abertas as matrículas para 1969/70

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

Diário do Porto

Continuam a arder as matas da Serra de Santa Justa

Esta manhã, ardiam ainda, com intensidade, as matas dum dos contrafortes da serra de Santa Justa.

O sinistro, cujas causas se desconhecem, teve início ontem, cerca das 14 e 30, sendo desde logo, atacado por muitos populares e por várias corporações de bombeiros voluntários, entre as quais as de Valongo, Gondomar, Ermesinde, Matosinhos-Leça, Leixões, S. Mamede de Infesta e Moreira da Maia, mas as chamas, ajudadas pelo vento, não foram dominadas.

Ao princípio da noite, caminhavam as chamas, com grande intensidade, pelo declive da serra, em direcção ao limite dos concelhos de Valongo e de Gondomar, na freguesia de S. Pedro da Cova. Foram requisitadas forças militares para ajudar o ataque,. Pela madrugada houve a esperança de dominar o fogo. Porém, como o vento se tornasse mais forte, as chamas recrudesceram e, hoje, de manhã, seguiam pelo lado interior da serra, por sítios difíceis de atacar. O incêndio! deve, por isso, manter-se ao longo do dia.

As chamas atingiram também os limites de Valongo e a freguesia do Campo e, ás cinco horas de hoje, ameaçaram cinco residências isoladas nos contrafortes da serra. Os bombeiros, porém, com esforço e uma manobra táctica, conseguiram evitar que aquelas habitações fossem atingidas.

Beloi e Couce estão a ser assoladas pelas chamas, que lambem mádeiras de boa qualidade, numa zona muito bonita de arvoredo. Os principais proprietários, que maisp rejuízos já tiveram com este sinistro, foram os srs. António Moreira, que possuia um centro resinoso, Joaquim André e Fernando Seara.

Espectáculos para hoje

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA, Às 21 e 45: «Mãos á obra!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO —,Às 2' e 30: «Helga» o segredo da maternidade» (21 anos).
COLISEU — Às 2 e 30: «Musica no coração» (12 anos)
RIVOLI — Às 21 e 30: «Poucos dólares para Django» (12 anos).
ESTUDIO — Às 21 e 30: «O deserto maravilhoso» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21 e 30: «O pirata do rei» (.2 anos)
ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «F B I contra o Mafia» (12 anos)
TRINDADE — Às 21 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos)
BATALHA — Às 21 e 30: «Mata-me depressa, que tenho frio!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 21: «Operação relâmpago» e «Caçador de índios» (17 anos)
JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Ladrões de bicicletas» (17 anos).
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Um desconhecido na cidade» (12 anos)
CINEMA DO TERÇO — Às 21 e 30: «O mundo maluco» (12 anos).
CINE VITÓRIA — Às 21 e 30: «As baias de Ringo» (12 anos).

Amanhã à tarde

TEATROS

SÁ DA BANDEIRA — Às 16: «Mãos á obra!» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 15 e 30: «Helga» —O segredo da maternidade» (21 anos)
COLISEU — Às 15 e 30: «Musica no coração» (12 anos).
RIVOLI — Às 15 e 30: «Poucos dólares por Django!» (12 anos).
ESTUDIO — Às 15 e 30: «O deserto maravilhoso» (12 anos)
BATALHA — Às 15 e 30: «Mata-me depressa, que tenho frio!» (17 anos)
CARLOS ALBERTO — Às 15: «Rita no Colégio» e «Juízes da Bíblia» (12 anos).
OLIMPIA — Às 15 e 30: «O pirata do rei» (12 anos).
ÁGUIA D'OURO — Às 15 e 30: «F. B. I contra a Mafia» (12 anos).
VALE FORMOSO — Às 15 e 30: «Um desconhecido na cidade» (12 anos).
JULIO DINIS — Às 15 e 30: «Ladrões de bicicletas» (17 anos)
TRINDADE — Às 15 e 30: «As sandálias do pescador» (12 anos).
NUN'ÁLVARES — Às 15 e 30: «A fera amansada» (12 anos).
CINE VITÓRIA — Às 15 e 30: «O perseguido» (12 anos).

Notícias do Município de Gaia

O lugar de Barrosa vai ser dotado com uma escola do ciclo preparatório, cuja contrução deverá iniciar-se em breve — foi anunciado na reunião do conselho municipal de Gaia.

Nessa reunião, em que foi apreciado o relatório e contas da gerência de 1968, foram ainda anunciadas as seguites iniciativas:

A abertura, em Novembro próximo, do concurso para o projecto de construção em Lever, no Rio Douro, de uma central de captação de água, a qual virá a abastecer também, além de Gaia e Espinho, os concelhos de Vila da Feira, Ovar e S. João da Madeira; a construção de uma estrada de ligação da Avenida Marechal Carmona á Ponte da Arrábida (com duas faixas de rodagem numa extensão de 4 quilómetros e cujo custo orçará os 40 mil contos); a construção de um grupo de mercados satélites espalhados pela vila; a construção de uma biblioteca; a criação de uma Comissão Municipal de Turismo; e a possibilidade de ser concedido aos funcionários da Camara um 13.º mês e a criação para eles de um centro de alegria no trabalho; uma proposta a apresentar ao Governo, de um aumento de 22 por cento aos funcionários assalariados; e a proibição, para breve, do estacionamento nas faixas de rodagem da Avenida Marechal Carmona.

Calendário Desportivo

BASQUETEBOL — Torneio Luso-Galaico: F. C. Porto-Académico e Vasco da Gama-B. P. M., a partir das 20 horas, no Pavilhão do Lima.

FUTEBOL — Torneio Início da A. F. P. (1.ª Divisão): Leixões-Boavista (20 e 45) e F. C. Porto-Varzim (22 e 45), no Estádio das Antas.

Farmácias de serviço esta noite (4.º turno)

ALIRIO DE BARROS, SUCRS., R. Costa Cabral, 240 (Tel. 40593) • BOAVISTA, Rua do Boavista, 50 (Tel. 2-5443) • BOTELHO, Rua do Almeida, 865 • (Tel. 4-0069) • CENTRAL, Rua de Santo António, 203 (Tel. 2-684) • CONTUMIL, Rua de Contumil, 540 (Tel. 45755) • CORUJEIRA, Rua de S. R. do Lameiro, 473 (Tel. 5-928) • GARANTIA, Rua Fernandes Tomás, 696 (T. 2-4645) • LEMOS & FILHOS, Pr. de Carlos Alberto, 31 (Tel. 2-509) • MAIA, Rua do Campo Alegre, 92 (Tel. 6-4450) • PENINSULAR, Rua Chã, 00-02 (Tel. 2-0707) • PINHEIRO MANSO, Rua de S. João de Brito, 25-29 (Tel. 6-0692) • SÁ, Rua Vale Formoso, 81 (Tel. 40427) • FOZ, Rua Senhora da Luz, 382 — Foz (Tel. 68-0127) • SERPA PINTO, Rua de Serpa Pinto, 645 (Tel. 4-8697)

Miliares agraciados com condecorações espanholas

No Consulado de Espanha desta cidade, em cerimónia íntima, a que assistiram algumas destacadas individualidades portuenses, o sr. general Júlio ePreira, comandante da 1.ª Região Militar, recebeu a insígnia da Grã-Cruz de Mérito Militar daquele país. Fez a entrega, em nome do Governo espanhol, o cônsul, sr. conde de Altea. Na mesma cerimónia. aquele diplomata entregou também as insígnias da Cruz de Mérito Militar de 2.ª classe aos srs. tenente-coronel Joaquim Ramos de Freitas e comandante oJaquim Moreira Rebelo.

O CHEFE DO ESTADO NO FUNCHAL

FUNCHAL, 30 — Milhares de pessoas aclamaram o Chefe do Estado, almirante Américo Thomaz, que chegou a esta cidade, esta manhã, a bordo do paquete «Funchal», em visita oficial

O supremo magistrado da Nação desembarcou no cais da Pontinha ás 10 horas locais (11 horas em Lisboa).

O comércio fechou as suas portas e a população pôde assim acorrer ao molhe da Pontinha, onde, pouco depois das 8 horas locais, atracou aquele paquete arvorando o pavilhão presidencial.

Comunicado do S.I.P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças armadas comunica que morreram em combate na província de Angola o soldado 09082567, Eduardo Carvalho, natural de Lisboa, filho de Maria Olívia Carvalho e o soldado 07415467, Américo das Neves Almeida, natural de Vale de Orvalho-Estreito (Oleiros), filho de António Almeida e Maria da Conceição Mendes, casado com Maria Santos Gonçalves, e na província da Guiné o soldado n.º 08822068, Fernando Orlando Rodrigues Vasconcelos, natural de Santa Luzia (Funchal), filho de Luciano Jesustino Rodrigues Vasconcelos e de Laura Rodrigues Vasconcelos

DE COIMBRA

Interrupção de fornecimento de energia eléctrica

Amanhã, das 7 ás 12 horas, será efectuado o corte do fornecimento de energia elétrica ás áreas abastecidas pelos Postos de Transformação de Santa Teresa, Quinta Nova, Loios, Camões, Rua do Telégrafo S Sebastião, Tovim, S. Romão, Olivais, Manicómio de Sena, Lomba de Chão do Bispo e Casa Branca.

Durante este período as linhas devem ser consideradas como estando permanentemente em carga.

Festas na Adémia

De 6 a 13 do próximo mês vão realizar-se na Ademia as festas em honra de Nossa Senhora da Luz que estão a despertar grande interesse tanto na sua população como na dos lugares próximos

ESMAGADO POR UM BLOCO DE MÁRMORE

BORBA, 29 — Esmagado por um bloco de mármore, numa pedreira situada á Angustinha, faleceu o trabalhador João Francisco Cabaço Compõete, de 47 anos de idade, natural de Borba. O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Antónia Compõete.

Prof. dr. Elísio de Moura

Completa hoje 92 anos o sr. prof. dr. Elísio de Moura lente jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

Tendo feito uma carreira de professor muito distinta dedicou se também á direcção do Asilo da Infancia Desvalida, hoje Casa da Criança dr. Elísio de Moura, instituição que mantem duzentas meninas apesar dos poucos recursos. Tem sido a benemérita obra do prof. dr. Elísio de Moura muito apreciada pela população da cidade, que tem pelo grande professor e benemérito a maior admiração e o maior respeito.

Ao pasar o seu 92.º aniversário natalício registamos o facto com o desejo de ainda mais longa vida. com a melhor saude.

Vai reabrir a Biblioteca Municipal

Depois de um período de limpesa e arrumação, como habitualmente acontece todos os anos, a Biblioteca Municipal reabre na próxima segunda-feira, mantendo, por enquanto, o horário de abertura ás 13 e encerramento ás 18 e 30

Espectáculos para hoje

CINEMAS

Tivoli—ás 21 e 30: «Quem roubou a coroa?» (12 anos).
Esplanada dos Bombeiros Voluntários — ás 21 e 45: «Quando o peixe sai do mar» (17 anos).

Farmácias

Vilaça — Rua Ferreira Borges (tel. 22043).
Neves Morgado — Rua da Moeda (tel. 23738).
Baptista — Praça da Republica (tel. 23747).
Olivais — Rua Bernardo de Albuquerque (tel. 22804).

A LOTARIA DE ONTEM

NUMEROS PREMIADOS

14223 — 4 000 000$
27091 — 400 000$
51907 — 200 000$

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

14222 — 15 875$
14224 — 15 875$

PRÉMIOS DE 10 000$00

1795	4247	6740	8112	9939
11268	13898	15103	16248	17426
21455	22569	25889	27301	29673
30867	33164	33446	36980	38851
38980	41198	45376	48348	49505
50565	52744	53371	54695	56581
57147	58587			

PRÉMIOS DE CENTENAS (500$00)

14201 a 14300, 2701 a 27100 e 51901 a 52000.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 677 são premiados com 1 500$00, em cada bilhete; em 723, com 1 250$00 e em 197, 321, 374, 445, 540, 688, 948 e 949 com 1 000$00. Aqueles cujos dois algarismos finais sejam 18 — ou 81, são premiados com 500$00. Finalmente, todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo (terminação), seja 3, têm direito ao prémio de 250$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

COLÉGIO NUN'ÁLVARES
PRIMÁRIO · C. PREPARATÓRIO 1.º, 2.º e 3.º CICLOS
DIURNO e NOCTURNO — por discip. e secções
Semi-internato — transporte
Praça João do Rio 7 (ao Arrojdo) Tel. 722461 Lisboa

SORTE GRANDE
1.º prémio 14.223 — 4.000 contos
Vendido pelo feliz cambista
JOÃO CÂNDIDO DA SILVA
CASA CENTENÁRIA
Bilhete recebido directamente da Santa Casa da Misericórdia
CÂMBIOS, LOTARIAS E TOTOBOLA
Rua da Prata, 104-106
PRÓXIMA EXTRACÇÃO
LOTARIA DAS VINDIMAS
1.º Prémio ..... 10.000 contos
Bilhetes ..... 800$00
Vigésimos ..... 40$00

MAIS DOIS PRÉMIOS GRANDES FORAM VENDIDOS PELO
CAMPIÃO
A MAIS ANTIGA CASA DE LOTARIAS DO MUNDO
27091 — 400 CONTOS
51907 — 200 CONTOS
QUE JÁ TEM AOS SEUS BALCÕES
OS 10.000 CONTOS
DA PRÓXIMA EXTRACÇÃO
Bilhetes a 800$00 — Vigésimos a 40$00
(Emissão só de 40.000 bilhetes)
VENHA... ou ESCREVA à
Rua do Amparo, 2 C — Lisboa 2
(Pedidos pelo Correio, mais 2$50 para registo)

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS

"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

TSAI SISTERS
Vedetas chinesas do "music-hall" internacional

FREDIANI BROTHERS
originais acrobatas e fantasistas

NORBERTO MARTINHO

BLUEBELL GIRLS' SHOW

SHEGUNDO GALARZA e seu conjunto
JIRINA'S COMBO
FERRER TRINDADE e sua orquestra

no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos — no wonder bar à 1.00h m/21anos

STORMY SUMMERS
só no wonder bar

NO CINEMA ÀS 17 e 21 e 30:
«A BRIGADA DO DIABO»
(M./17 anos)

O dr. Alfredo Franco foi aprovado por unanimidade director de Serviço de Medicina dos Hospitais Civis de Lisboa

Terminou hoje o concurso para preenchimento de uma vaga de director de Serviço de Medicina dos Hospitais Civis de Lisboa. Era concorrente o dr. Alfredo Franco, assistente dos mesmos Hospitais. Trata-se do primeiro concurso que se realizou, no nosso País, de harmonia com as disposições do novo Estatuto Hospitalar, que manda preencher estas vagas por concurso documental, quando pela legislação anterior o provimento era feito por antiguidade.

Assim, às 12 horas, reuniu-se no salão nobre do Hospital de S. José, com a presença do candidato, o júri que era constituído pelo Enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa, dr. Carlos George, que presidia, profs. Mário Trincão, Emídio Ribeiro e Frederico Madeira, que representavam, respectivamente, os Hospitais Centrais de Coimbra (Hospitais da Universidade de Coimbra), do Porto (Hospital de S. João), e de Santa Maria (Lisboa), nos quais são directores de Serviços de Medicina, e pelos directores de serviços, também de Medicina dos H. C. L., drs Gomes de Oliveira, Cristiano Nina e Hasse Ferreira que apreciou o «curriculum vitae» do concorrente, após o que deu a sua decisão aprovando o dr. Alfredo Franco por unanimidade.

O novo director de Serviço de Medicina foi então muito cumprimentado não só pelos membros do júri mas também por numerosos colegas e amigos que assistiram ao acto.

O dr. Alfredo Franco, Alfredo Marques Ferraz, de seu nome completo, tem 59 anos de idade e nasceu na Guarda, onde fez os estudos primário e liceal. Licenciado com 16 valores de média final, pela Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1933, completou, no ano seguinte, o curso de Medicina Sanitária, com a classificação de 17 valores.

Há 35 anos nos Hospitais Civis

Tendo feito toda a sua carreira nos Hospitais Civis de Lisboa, para onde entrou em 1934, como interno do Internato Geral, ali ascendeu a assistente dos Serviços Gerais de Clínica Médica, em 1945, em concurso de provas públicas em que obteve o 1.º lugar, tendo sido nomeado chefe de Internos, lugar que ainda hoje ocupa e em que tem desenvolvido notável acção, especialmente na organização de cursos de aperfeiçoamento, e a qual temos tido ocasião de referir.

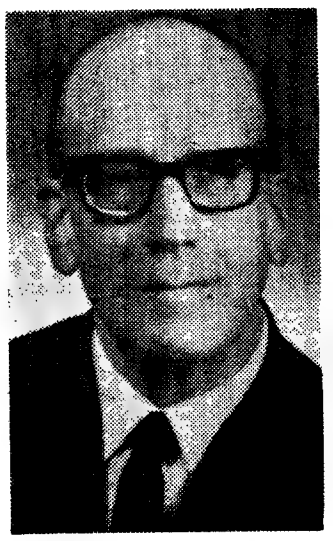
O dr. Alfredo Franco teve a honra de, logo que terminou as suas provas de concurso para o internato geral, portanto no início da sua carreira, ser convidado pelo saudoso dr. Aníbal de Castro para trabalhar com ele no Serviço que dirigia no Hospital de Arroios, verdadeira «Universidade de Arroios», como era conhecida nos meios médico-científicos, dada a intensa actividade científica que ali se vivia, tanto em Medicina como em Cirurgia, Anátomo e Radiologia.

Tendo frequentado o Sanatório de Sousa Martins, na Guarda, durante as férias grandes aquando do seu 3.º e 4.º anos de Medicina, quando ainda se vivia o período dramático e angustiante da tuberculose, pelo que aquele centro constituía precioso manancial para aprendizagem médica, o dr. Alfredo Franco dedicou grande parte da sua actividade á arteriosclerose e hipertensão arterial, tendo em vista que elas representam os mais importantes capítulos da patologia vascular, debruçando se exaustivamente sobre os seus estudos clínico e experimental, tendo sempre em vista a aplicação à clínica dos resultados da investigação.

Mas os seus estudos não se têm confinado apenas ao nosso meio, pelo que tem mantido valoroso intercâmbio com centros estrangeiros da maior nomeada, através das inúmeras viagens que tem feito a França, Inglaterra, Espanha, Suíça, Checoslováquia, Polónia, Estados Unidos, Escandinávia e Bélgica.

Da sua folha de serviços constam numerosos louvores, sendo também de citar a atribuição, em 1959 e em 1966, dos 1.os prémios («Alexandre Cancela de Abreu») por trabalhos apresentados à Sociedade Médica dos Hospitais Civis de Lisboa. Além disso, é membro de várias Sociedades Científicas, tanto portuguesas como estrangeiras, da maior nomeada e tomou parte, quase sempre como convidado, em numerosos congressos, nos quais apresentou trabalhos grandemente apreciados.

O dr. Alfredo Franco, que desde Dezembro do ano passado foi encarregado da direcção do então novo Serviço de Medicina (Serviço 6) do Hospital de D. Estefânia, que agora passa a dirigir efectivamente, é ainda autor de cerca de 80 trabalhos publicados, a maioria dos quais sobre problemas da arteriosclerose e hipertenção.



DR. ALFREDO FRANCO

Gravataria PARIS
RUA AUREA, 172
LIQUIDA
A partir de 1 de Setembro
RESTOS DAS SUAS
COLECÇÕES DE VERÃO
HOMEM E SENHORA
CASACOS
CALÇAS
CAMISAS
GRAVATAS

EXISTE UM E NÃO SÓ U

PORTO, 30 — «Quando D. Afonso Henriques criou o Estado Português, já existia uma língua portuguesa diferenciada do castelhano; quer dizer: já existia uma realidade cultural no lugar onde ele construiu o seu reino» — afirmou, num colóquio, realizado ontem, à noite, na Cooperativa do Povo Portuense, o escritor e investigador dr. António José Saraiva, que desde há alguns dias se encontra em Portugal, em gozo de férias.

O autor de «Inquisição e Cristãos Novos», que há anos se retirou para Paris, onde prossegue a sua carreira de professor e investigador, na Sorbonne, falava do fenómeno cultural português (a partir do tema da sua obra, «História da Cultura em Portugal».

A vasta sala de conferências da C. P. P. encontrava-se repleta de um público de todas as idades, que escutava atentamente a palavra de António José Saraiva. Envergando uma camisa desportiva, o autor de «Para a História da Cultura em Portugal» votou-se inteiramente a um diálogo aberto, cativando com o seu verbo, toda a assistência. As funções de moderador da sessão foram desempenhadas pelo dr. Óscar Lopes, que conduziu os debates sem nunca perder de vista o interesse das questões formuladas.

Cultura portuguesa em vez de cultura em Portugal

Numa exposição prévia, disse o dr. António José Saraiva que, ao ser convidado, através da U. N. I. C E. P., para usar da palavra na C. P. P., se escusara, dada a sua disposição de não falar em público, durante a visita ao Porto. Porém, acedeu, porque se tratava de falar para um público jovem.

Disse o dr. António José Saraiva:

«Por isso, efectivamente, reconsiderei o assunto e, dentro dos limites possíveis de tempo, resolvi propôr a esta assembleia um tema que vou resumir, e para o qual peço a vossa atenção e a vossa meditação, tanto mais que não é um tema muito debatido, penso eu, actualmente, em Portugal. Escolhi um tema, intencio-

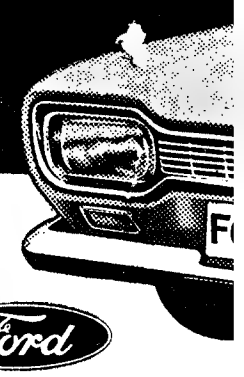
CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Brilhantes grandes
BOM EMPREGO DE CAPITAL
OURIVESARIA PIMENTA
R. Augusta, 253 ● Telef. 324564

Em BENAVENTE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Casa Leitão, Rua da Índia Portuguesa, 13.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Ford à frente em preço
O Escort só custa 56.704$10.
E é mais carro.
Não se contente com menos!

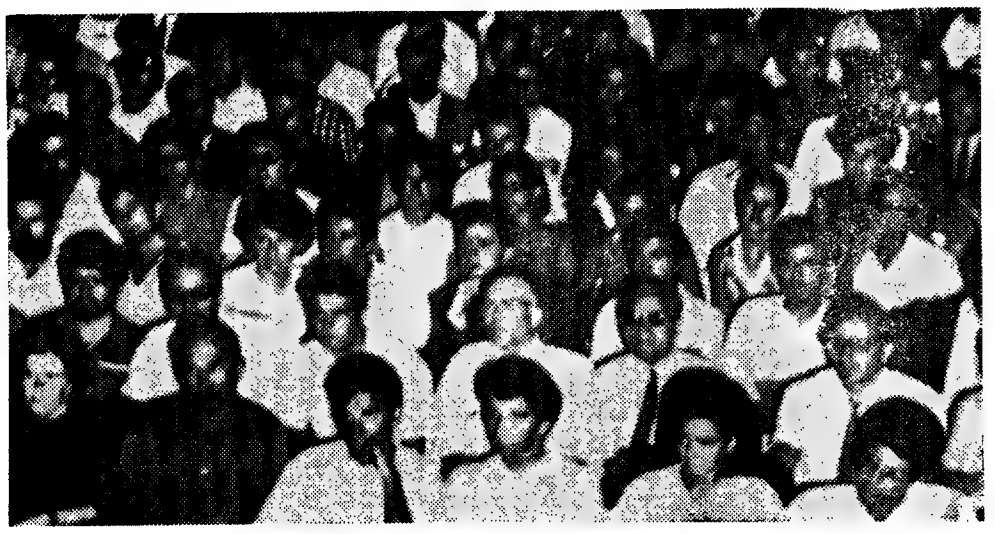


Escort – Escort DeLuxe – Escort GT (1300 cc)
Utilitárias (Estate Car e Furgoneta)
Ford Escort só é pequeno no preço
Ford

À SUA DISPOSIÇÃO NOS CONCESSIONÁRIOS FORD
AUTO BOAVISTA, LDA.
R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41

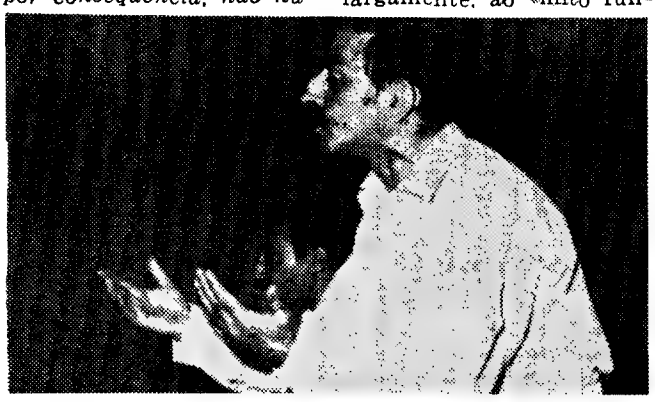
UMA CULTURA PORTUGUESA Ó UMA CULTURA EM PORTUGAL

—DISSE O DR. ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA NA COOPERATIVA DO POVO PORTUENSE



Uma assistência constituída por pessoas de todas as idades, constituiu o auditório atento da brilhante sessão da Cooperativa do Povo Portuense

nalmente, fora da circulação, por me parecer que há uma grande necessidade de alargar os temas de discussão no nosso País. Há sempre uma tendência para reduzir a discussão a um número determinado e reduzido de temas e deixar de fora outros que podem realmente ter um grande interesse. Chamo, por isso, a vossa atenção para um deles. Em resumo, a coisa põe-se assim: sou autor de um livro que se chama «História da Cultura em Portugal». Ora, porque é que chamei a esse livro «História da Cultura em Portugal», em vez de lhe chamar «História da Cultura Portuguesa»? Chamei-lhe «História da Cultura em Portugal» por, no fundo, estar convencido de que existe uma cultura, isto é, um sentido único de desenvolvimento da cultura. E, por consequência, não haveria uma cultura portuguesa, mas cultura universal, da qual nós fariamos parte. Hoje penso de maneira diferente. E, se voltasse a ter a possibilidade de estabelecer o nome do livro, eu chamar-lhe-ia, realmente, «História da Cultura Portuguesa». E porquê? Porque hoje não acredito mais no sentido único do progresso ou da evolução cultural.



O dr. António José Saraiva, no uso da palavra

«Acredito em múltiplos sentidos, múltiplas direcções. Sòmente, o que acontece é que uma dessas direcções tomou um extraordinário avanço sobre as outras. Essa direcção — eu penso que esta ideia é muito discutível, eu próprio não estou totalmente seguro dela, mas penso que vale a pena discuti-la — essa direcção é a da cultura ocidental, isto é, da cultura que tem a sua origem nos gregos, que se comunica e difunde através do Império Romano, e é retomada, ou melhor, reintensificada, durante a Renascença, que conduz aos fundamentos da ciência moderna, que se desenvolve através da revolução industrial inglesa, que é transportada da Inglaterra para a América, que atinge o seu apogeu e que, ao mesmo tempo, é difundida para regiões que até uma determinada época estiveram fora da cultura ocidental. Refiro-me á Europa Oriental, á União Soviética e a outros países fora da Europa.

E o dr. António José Saraiva referiu-se, depois, largamente, ao «mito fundamental» da cultura ocidental: o progresso tecnológico.

«Quando digo que é um mito — prosseguiu — *não significa que esse progresso tecnológico seja condenável. Chamo-lhe mito, na medida em que esse progresso tecnológico é considerado como a única coisa importante, como a única via possível, como único caminho para onde se pode avançar. A última expressão do progresso tecnológico, todos nós a vimos pela Televisão: é a chegada dos homens á Lua. Ora, este desenvolvimento da cultura num determinado caminho traz como consequência a amputação de outras possibilidades culturais e de outros problemas, de outras intuições, inclusivamente, que não estão integradas nos carris por onde a nossa civilização está marchando.*

«Este é o ponto de vista geral que presidiria uma revisão do título da «História da Cultura em Portugal». Seria, portanto, a «História da Cultura Portuguesa». Mas que é que significa, realmente, uma História da Cultura Portuguesa? Podemos nós afirmar que existe uma via portuguesa de cultura? Naturalmente, isso é muito discutível.

«Nós somos um país com limitações de ordem vária, enfim, algumas das quais, possivelmente, nós nem sequer conhecemos. Somos um país cujas possibilidades de alcançar uma posição e de se colocar num maquinismo acelerador na história da cultura são reduzidos. Basta lembrar a pobreza da nossa reflexão filosófica ou a quase inexistência da nossa contribuição científica. No entanto, creio que existe realmente alguma coisa a que se pode chamar a cultura portuguesa, embora uma cultura embrionária. Mas o que interessa não é que ela seja pequena ou grande; o que interessa é que ela tenha uma semente que lhe é própria. Como é que nós podemos definir, neste sentido, uma cultura? Como é que nós podemos dizer que há uma cultura portuguesa?»

Prosseguindo o seu raciocínio, o dr. António José Saraiva, referiu-se á importancia do idioma: «a língua é o princípio, a base e o instrumento fundamental da criação de qualquer cultura.» Disse, ainda:

«Nós herdámos do século XVIII a ideia de que a língua é apenas um veículo para transmitir ideias. Existe mesmo uma noção corrente, segundo a qual há numero X de conceitos e, portanto, tem de haver um numero X de palavras correspondentes. A língua serve só para comunicar coisas, portanto a língua não interessa, o que interessa são as coisas que se comunicam».

«Nós apreendemos a falar uma língua, apreendemos certas coisas que estão ligadas a certas palavras e não apreendemos outras que não estão ligadas a palavra nenhuma, porque essas palavras, inclusivamente, não existem. Mas não é só isso: é que a língua é uma construção, é a distribuição da realidade dentro de um determinado sistema. Neste sentido a língua pode ser comparada a um caleidoscópio. Estão lá as pedrinhas, mas nós não vemos as pedrinhas: vê-se uma certa disposição simétrica, porque há um sistema de vidros e reflexos que transforma as pedrinhas, que são uma coisa amorfa, numa construção, numa arquitectura.»

De D. Afonso Henriques ao nosso tempo

Na parte final da sua exposição, o dr. António José Saraiva estabeleceu a relação da língua com a nacionalidade, afirmando:

«Há uma ideia corrente — aliás foi defendida por grandes historiadores como Oliveira Martins e Herculano — segundo a qual a existência de Portugal como país independente é apenas o resultado de acasos diplomáticos ou da vontade de grandes chefes, como D. Afonso Henriques. Como mostra a lenda extraordinária que deixou atrás de si, este era um homem fora de série, de uma extraordinária capacidade combativa e diplomática e, através dessas suas qualidades pessoais, talhou para si um reino dentro da península, com a espada e com a astucia.

Essa ideia é errada. Por uma razão: é que quando D. Afonso Henriques criou o Estado português já existia uma língua portuguesa diferenciada da castelhana. Quer dizer: já existia uma realidade cultural no lugar onde ele construiu o seu reino. O que aconteceu foi que, efectivamente, a ambição pessoal de D. Afonso Henriques veio a coincidir com uma realidade étnica preexistente. E essa é a razão da persistência do reino de Portugal e da República Portuguesa e daquilo que sucedeu á República até hoje. Nestas condições, põe-se efectivamente o problema da existência de uma cultura que é mesmo portuguesa.

Depois de outras considerações sobre o bem marcado individualismo e a forte personalidade do português, através da sua experiência em França, que lhe permitiu ver as coisas de longe, o dr. António José Saraiva, pôs-se á disposição dos auditores, respondendo ás questões que lhe foram postas no decorrer de um debate vivo e profundo.

A. M.

Já que a sorte não tem férias há os que têm férias com sorte!...

Felizmente que a sorte grande não entrou em férias. E como poderia ser de outro modo, se tão-pouco a ambição e o sonho dos homens jamais descansa?

Por inúmeros locais de vilegiatura, país fora, muitos são os que neste tórrido período estival acertaram no «vinte», que é como quem diz nos numeros dos grandes prémios das lotarias que a Misericórdia de Lisboa emitiu durante o Verão, realizando o anseio de fortunas milionárias. Todavia — o aviso aqui fica — os calores desta febre de dinheiro barato vão fazer subir ainda mais o termómetro da cobiça de cada um, com o sorteio que se anuncia, da chamada lotaria das Vindimas. Que, os milhões, também embriagam. Sábado próximo Baco inspirará a Fortuna, num sorteio que oferece dez milhões de escudos no prémio maior. Uma «taluda» que é tentação para todos quantos gostam de se habilitar nas lotarias, e tantos são.

Mais de 5000 prémios

Vem a propósito referir o esquema desta lotaria das Vindimas, que se afigura sensacional. Para uma série única de 40 000 bilhetes, serão atribuídos premios totalizando dezassete milhões e duzentos e oitenta milhares de escudos, a serem repartidos entre 5115 bilhetes premiados. Além da referida sorte grande de dez milhões de escudos, outro milhão será cantado pelos pregoeiros ao 2.º prémio, enquanto que o imediato ainda arrecadará a confortável quantia de 250 mil escudos. Mais 34 bilhetes serão contemplados com 25 contos, cada um. Em prémios de aproximações e terminação do número da «taluda» pagará a Santa Casa o melhor de 3245 contos e nas centenas dos três prémios grandes e aos grupos de três e de dois últimos algarismos serão aplicados os restantes 1935 contos previstos no plano do sorteio.

Os bilhetes são divididos em vinte fracções, que se destinam a ser vendidas a 40$00, ao público. Cada «cautela» habilitará, portanto, no prémio grande, a quinhentos contos ou seja a 12 500 vezes mais!

Lembre-se, leitor que a «roda» anda já no próximo sábado.

A 6 DE SETEMBRO SUBIRÁ O TERMÓMETRO DA COBIÇA

SATÉ!

QUE VAI SER APRESENTADO BREVEMENTE EM CASCAIS, CONQUISTA TODA A GENTE COM O SEU ENCANTO ORIENTAL!

A MÃO aya

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

EM LISBOA
J. MENDES COELHO, LDA.
R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47
AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32
Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

Actualidade internacional

O MINISTRO INGLÊS CALLAGHAN CONVIDOU OS IRLANDESES A DESTRUIREM AS BARRICADAS

BELFAST, 30 — (F. P.)— O ministro britanico do Interior convidou os irlandeses a destruirem as barricadas e afirmou que a sua visita tinha por fim «criar condições que permitam um regresso á paz e á confiança, na Irlanda do Norte». James Callaghan fez estas declarações durante uma conferência de Imprensa dada ontem á tarde, no final da viagem de três dias que efectuou ao Ulster.

Callaghan disse que a população do Ulster «vivia um pouco de mais no passado» e fez votos para que fosse aceite o regulamento de conjunto que lhe foi proposto. Por outro lado, admitiu que as novas disposições não poderão pôr termo ás manifestações e aos conflitos se a população não quiser impedir os extremistas de lançar «fogo ao rastilho».

O ministro congratulou-se pelo «enorme progresso obtido desde a semana passada» e confirmou que voltará á Irlanda do Norte em fins de Outubro, para estudar a evolução da situação e tomar conhecimento dos relatórios que lhe serão apresentados nessa altura pelo representante de Londres junto do Governo de Belfast, pela comissão encarregada de estudar a reorganização da Polícia e pelo tribunal de inquérito.

Segundo os observadores desta cidade, as propostas comuns de Callaghan e do Governo de Chichester-Clark acalmaram os britânicos e os unionistas, mas arriscam-se a serem interpretadas como um subterfúgio pela minoria católica.

Fazendo do regresso á paz e á confiança a tarefa imediata dos responsáveis políticos do país, o ministro do Interior arrisca-se a trair o realismo político por si mesmo anunciado á multidão de Londonderry.

Se os católicos obtêm de facto algumas vantagens imediatas nesses pontos, sobretudo no que diz respeito á libertação de prisioneiros, já é muito menos provável que aceitem confiar no Governo do Stormont, na sua forma actual. Desta forma, o comunicado de ontem aparecer-lhes-á mais como uma manifestação de boas intenções do que como prelúdio de verdadeiras reformas.

REFORMAS NECESSÁRIAS

BELFAST, 30 — (F. P.) — Foi a noite passada publicado em Belfast um comunicado comum relativo ás conversações que o ministro britanico do Interior, James Callaghan, teve com os membros do Governo da Irlanda do Norte.

Segundo o comunicado, os interlocutores acharam necessário proceder a reformas para assegurar:

1 — A igualdade de todos os cidadãos da Irlanda do Norte desejosos de entrar para o funcionalismo publico.

2 — A protecção de todos os cidadãos contra violências provocadas por motivos religiosos.

3 — A distribuição imparcial dos alojamentos.

4 — A criação de processos eficazes para a apresentação de queixas contra os poderes publicos e a eventual atribuição de indemnizações.

5 — A representação equilibrada dos cidadãos pertencentes a grupos minoritários nos organismos, tanto ao nível local como ao nacional.

O comunicado acrescenta que Callaghan «tomou conhecimento da decisão do Governo de Belfast de criar um organismo encarregado de velar para que a minoria católica não seja vítima de discriminação religiosa.

«UM FIDEL CASTRO EM MINI-SAIA»

NOVA YORK, 30. — (A. N. I.) — Dois deputados protestantes do Ulster, Stratton Mills e Robin Baillie, vieram percorrer os Estados Unidos para refutar as declarações da deputada católica Bernadette Devlin, que dizem ser «um Fidel Castro em mini-saia».

«Bernadette está muito ligada ás associações socialistas internacionais», sublinhou Mills, ao chegar a Nova York, prometendo dar mais pormenores sobre a deputada durante a sua permanência nos Estados Unidos.

«O seu plano», declarou Robin Baillie, «é estabelecer na Irlanda do Norte e na do Sul um tipo cubano de Governo socialista».

FIGURA EM FOCO

Bernadette Devlin

«Os católicos e protestantes constituem uma classe de gente modesta e oprimida a que eu também pertenço e represento. Não há lugar para nós num país de proprietários rurais como a Irlanda do Norte. Porque nós somos os que nada têm e eles os que têm tudo.» Assim falou Bernadette Devlin no primeiro discurso que proferiu no Parlamento britânico. Os sizudos deputados da Câmara dos Comuns, cujo olhar irónico Bernadette enfrentou nos primeiros minutos da sua alocução, não esconderam o seu espanto face á eloquência firme e decidida da jovem representante da Irlanda do Norte.

Bernadette Devlin, de 22 anos, é a mais jovem deputada da história parlamentar inglesa desde 1871. A sua dura campanha eleitoral fundou-se na luta pelos direitos de todos os oprimidos, devendo-se o seu êxito não só aos votos dos católicos como também ao apoio de muitos protestantes pertencentes ás classes mais modestas do Ulster. Ela própria pertence, como afirmou nos Comuns, a uma modestíssima família e seu pai, carpinteiro de profissão, morreu quando Bernadette, a mais velha de seis irmãos, tinha 9 anos. As dificuldades por que passou não a dissuadiram de prosseguir os seus estudos e, em 1966, matriculou-se na Universidade de Belfast, onde actualmente cursa Psicologia.

Para Bernadette Devlin o principal problema da Irlanda do Norte consiste em se tratar de um território sujeito a «leis primitivas», cuja unica finalidade é a protecção desmedida dos proprietários rurais, a maior parte deles protestantes. A actual questão irlandesa está intimamente ligada á evolução da sua História. Colonizada, a partir do século XVII, por protestantes, vindos da Inglaterra e da Escócia, a Irlanda foi teatro, em 1916, por uma rebelião nacionalista. Nessa altura, o Governo britânico aceitou a divisão da ilha em duas partes: uma ao Norte (Ulster) sob influência protestante e outra ao Sul (Eire) predominantemente católica. Ao contrário do que sucedeu com o Sul, que declarou a independência, o Norte manteve-se fiel á coroa britânica, transformando-se numa província autónoma da Inglaterra. Resolvidos a manter intransigentemente as suas prerrogativas, os protestantes do Ulster colocaram a minoria católica numa situação insustentável que ameaçava degenerar num novo e grave conflito. Este deflagrou com extrema violência, arrastando a Irlanda para a beira da guerra civil.

Nas barricadas erguidas no «ghetto» católico de Bogside, um Londonderry, a figura frágil de Bernadette Devlin foi uma das mais proeminentes. Em Belfast, onde os motins atingiram o auge, a situação só foi dominada mercê da intervenção de blindados da Polícia e das tropas britânicas. O balanço final das vítimas foi de oito mortos e cerca de 200 feridos.

Aproveitando o que poderá ser apenas uma curta pausa na luta, Bernadette encontra-se frequentemente nos Estados Unidos, onde desenvolve uma campanha de obtenção de fundos para, segundo as suas próprias palavras, «acudir ás famílias que ficaram sem lar, simplesmente porque em pleno século XX, pediram justiça e direitos». Esta sua iniciativa tem todas as possibilidades de ser coroada de êxito, pois é na América do Norte que se encontra grande parte da massa de irlandeses que, após a colonização inglesa e escocesa, foram obrigados a emigrar devido á fome e á pobreza.

P. C.

FLUOR NA ÁGUA CONTRA A CÁRIE

MANILA, 30 — (R.). — O departamento de saúde das Filipinas aprovou um plano da organização mundial de Saúde (O. M. S.) para incluir Fluor no abastecimento de água desta capital, de forma a evitar a cárie dentária entre as crianças.

O dr. Walter Allwright, consultor da O. M. S., afirmou que a fluorização da água reduzirá a metade as despesas com o programa público de saúde dentária do país.

Protesto no Festival de Veneza contra a tirania do «negócio do espectáculo»

VENEZA, 30 — (R.) — O primeiro frémito de emoção registou-se a noite passada no Festival Cinematográfico de Veneza quando o director alemão ocidental Edgar Reitz escreveu que boicotava a «Mostra» como protesto contra a tirania do «negócio do espectáculo».

A sua extensa declaração foi o primeiro protesto no selecto Festival que, após as manifestações, boicotagens, disputas e demissões do passado, mergulhou num estranho sossêgo.

Poucos astros se incomodaram em aparecer, as exibições de filmes têm frequentemente meia casa e, segundo afirmam os críticos, os filmes não são grande coisa.

Reitz, que se demitiu do juri do Festival no ano passado, como protesto contra o sistema de competição e de prémios e o trajo de cerimónia obrigatório á noite — agora abolido — disse na sua comunicação, enviada de Munique, que não se encontrava ainda satisfeito.

«É uma ilusão pensarem que libertaram os produtores de filmes da miséria das competições culturais, pelo simples facto de terem uma estreia em que os convidados, de ambos os sexos, aparecem de calças e de camisola» — escreveu Reitz.

FOI PRESO O ACTOR RICHARD HARRIS

LONDRES, 30 — (R.).—O actor cinematográfico Richard Harris foi preso ás primeiras horas de hoje nesta cidade, a seguir a luta fora do restaurante popular «Talk of the Town», na Leicester Square.

Richard Harris, o astro irlandês de nascimento que interpretou «This Sporting Life» e «Camelot», comparecerá hoje perante um tribunal, acusado de agredir dois polícias.

SALVOU-SE NO PACÍFICO «PEDINDO BOLEIA» A UMA TARTARUGA...

SAN PEDRO (Califórnia), 30 — (R.) — Um jovem marítimo coreano, que caiu de um navio nas águas do Oceano Pacífico, chegou hoje a esta cidade e contou como se salvara de se afogar «pedindo boleia» a uma tartaruga.

«Pensei que ia morrer. Então, vi algo a bater na água, junto de mim. Era uma tartaruga» — revelou Chung Nam Kim, de 27 anos, á multidão que o acolheu neste porto.

Falando por intermédio de um intérprete, Kim narrou a sua quase inacreditável história, da ponte de comandos do petroleiro sueco «Citadel», que o recolheu no dia 22, após cair do cargueiro liberiano «Federal Nagara», perto da costa ocidental da Nicarágua.

O coreano disse que as 14 horas que esteve na água seguiram-se a uma festa no cargueiro. Como não se sentisse bem, «encaminhou-se para o tombadilho e, nessa altura, uma grande onda arremessou-o pela borda fora.»

Kim declarou que passara duas horas agarrado á tartaruga, antes de ser salvo. «Agarrei-me a ela e utilizei os meus pés como remos».

O marítimo contou ainda que a tartaruga, que tinha cerca de um metro de largura, nadava lentamente e não fez qualquer tentativa para submergir quando se agarrou a ela.

O comandante do «Citadel», Horst Werder, de Malmoe, Suécia, afirmou: «Vi-o com um braço agarrado a algo e o outro a acenar. Quando estávamos a cerca de dez metros de distancia, Kim largou a «coisa» e começou a nadar em direcção ao petroleiro. Depois disso, verifiquei que a «coisa» era uma tartaruga.»

FILME PROIBIDO NO MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO, 30 — (A. N. I.) — O México proibiu a exibição do filme norte-americano «Che», em que o actor Omar Sharif interpreta a figura do chefe de guerrilheiros Ernesto «Che» Guevara. As autoridades mexicanas salientam que o filme não é imparcial e «a maneira como trata um facto histórico acontecido em Cuba não coincide com a realidade».

Incidentes no terceiro dia de uma greve de autocarros na República Dominicana

S. DOMINGOS, 30 — (R.) — Um rapaz de 14 anos morreu durante uma batalha a tiro e com bombas de fabrico caseiro, que causou, também, vários feridos, segundo se anunciou, durante o terceiro dia de uma greve dos autocarros afectando todo o país.

Os recontros ocorreram ontem.

O rapaz morreu em San Pedro de Macoris, a 64 quilómetros desta capital, quando se travou uma batalha a tiro, após uma bomba ter sido arremessada contra um autocarro.

Explosões de bombas foram ouvidas na cidade, a intervalos, durante todo o dia de ontem.

Contudo, os autocarros começaram a circular novamente e as luzes de trânsito de S. Domingos, que não funcionavam há dois dias, apareceram de novo.

O sindicato dos motoristas de autocarros, em greve em apoio de aumento de salários, afirmou ontem que não negociaria com funcionários governamentais, mas acentuou que não era responsável por «actos de terrorismo», que têm ocorrido durante as paralisações.

PROVÁVEL VITÓRIA DO PARTIDO DE KOFI BUSIA

ACCRA, 30 — (R.) — O dr. Kofi Busia,, de 56 anos, professor universitário de Sociologia, que chefiou a oposição ao ex-presidente Kwame Nkrumah, parecia encaminhar-se hoje para se tornar o próximo primeiro-ministro do Ghana.

O dr. Busia ganhou o seu próprio lugar durante luta renhida com o candidato do partido principal da oposição, a Aliana Nacional de Liberais, por cerca de 9000 votos.

E á medida que eram conhecidos os resultados das eleições gerais, o seu partido do Progresso registava maiorias maciças no Sul e arrebatava lugares á A. N. L., a sua rival, no Norte.

A CIA na origem das notícias acerca da possibilidade de um ataque russo à China

—segundo dois jornais de Washington

WASHINGTON, 30 — (Por Francis Lara, da F. P.) — A C. I. A. esteve na origem das notícias relativas á possibilidade de um ataque preventivo soviético contra as instalações nucleares chinesas — afirmam dois jornais de Washington.

O «Evening Star», principal vespertino da capital federal, não hesitou em afirmar que foi o próprio Richard Helms, director da C. I. A., que propagou as notícias Helms revelou, com efeito, a alguns jornalistas a existência de informações segundo as quais a U. R. S. S. havia sondado as reacções dos seus aliados da Europa Oriental quanto á eventualidade de um ataque contra a China. Para isso, Helms organizou um pequeno-almoço íntimo para o qual convidou um reduzido numero de jornalistas diplomáticos americanos, todos com formais indicações para não revelar a fonte das suas informações. Como o «Evening Star» não foi convidado, entendeu que podia dispensar-se de respeitar tal condição e revelou, portanto, a identidade do organizador do almoço. Segundo o jornal, o secretário de Estado, William Rogers, teria ficado extremamente irritado com a iniciativa da C.I.A. esforçando-se agora por abafar o caso. Rogers seria de opinião que este episódio pode comprometer a sua política de estrita neutralidade no conflito fronteiriço sino-soviético. Por enquanto, a Casa Branca cala-se e o informador do Departamento de Estado recusa-se a comentar todas as perguntas que lhe são feitas a este respeito.

A verdade é que o caso é apenas mais um de uma longa série de controvérsias e contradições que se instalaram no seio da Administração americana, desde que o presidente Nixon está em férias na Califórnia. Antes, já o Departamento de Estado e o Pentágono tinham tomado atitudes divergentes quanto ao significado da redução das infiltrações norte-vietnamianas Por outro lado, os responsáveis civis e militares estão em desacordo quase total quanto aos progressos realizados na «vietnamização» da guerra.

A primeira reacção de vários funcionários da C. I. A., foi de dizer que os chineses não deixarão de denunciar o caso como uma prova suplementar da conivência americano-soviética. Os funcionários receiam também que os russos se sirvam deste pretexto para atrasar a abertura das conversações com Washington acerca de grandes problemas mundiais.

Na expectativa, os observadores interrogam-se sobre quais terão sido os motivos que levaram a C. I. A. a montar subitamente esta encenação. Anteriormente, o Departamento de Estado e o Pentágono já tinham tido conhecimento de rumores acerca de sondagens soviéticas relativas a um ataque preventivo no Sinkiang, mas acharam prudente relegar essas informações para os arquivos «top secret», pensando que se tratava de uma nova fase na guerra psicológica da U. R. S. S. contra Pequim.

Na ausência de explicações da C. I. A., os jornais americanos estão reduzidos ás especulações acerca dos motivos desta iniciativa. Terá Richard Helms pretendido pôr Moscovo em guarda contra os riscos que representaria para a paz do Mundo um embate com a China? Ou estará a C. I. A. pura e simplesmente a fazer a sua própria política externa, á margem da do Departamento de Estado, como foi o caso durante longos anos?

FAMÍLIA DE GIGANTES

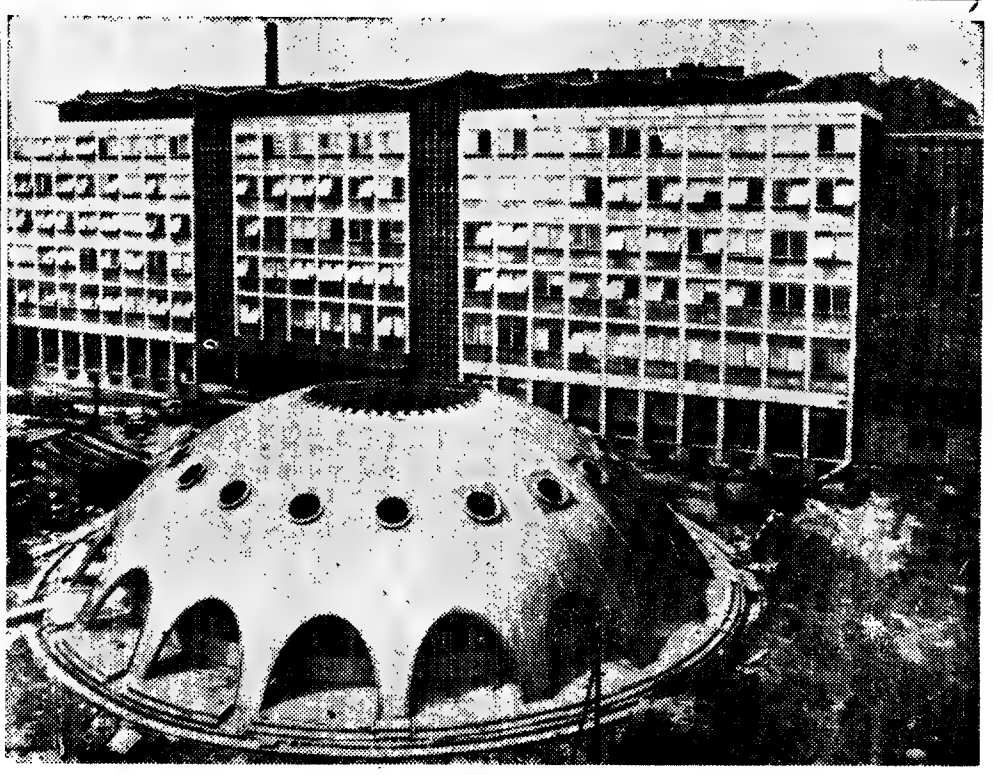
ROCKY MOUNTAIN HOUSE (Alberta), 30 — (R.) — Três operários que trabalham no local da barragem de Big Horn, nesta área, afirmam que viram uma figura, parecida com um ser humano, com quase três vezes o tamanho de um homem normal.

Floyd Engen, que trabalha na barragem, a 124 km a oeste de Rocky Mauntain House, disse que ele e dois companheiros localizaram recentemente a figura, a várias centenas de metros do local onde se encontravam. Os dois outros operários declararam que viram a estranha figura a atravessar a pé uma ravina.

Engen afirmou, também, que a criatura parecia estar sentada e a observar, de uma colina, a barragem. Mais tarde, pôs-se de pé e andou uma certa distância, antes de desaparecer.

A figura parecia ter cerca de 4,56 m de altura, costas abauladas e cor negra — acrescentou o operário.

Índios, que trabalham no projecto da barragem ao norte do rio Saskatchewan, a cerca de 176 km a sudoeste de Edmonton, acreditam que existe uma família de quatro dessas criaturas, que vive na área — concluiu Engen.



REACTOR ATÓMICO NA UNIVERSIDADE DE BUDAPESTE — A construção de um reactor atómico na Universidade de Budapeste entrou numa nova fase: a cobertura em alumínio do edifício. O reactor será instalado em seguida e destinar-se-á ao ensino, devendo estar pronto ainda este ano.

CONTRA-ATAQUE DA OPUS DEI

MADRID, 30 — (F. P.) — A Opus Dei respondeu ontem, pela primeira vez, ao ataque desencadeado pela Imprensa falangista e apoiado por jornais de outras tendências, em seguida ao escandalo Matesa.

«Nuevo Diário» (órgão ligado á Opus Dei) exprime a sua estranheza perante a tolerancia sem precedentes manifestada pelo Ministério da Informação e sublinha que «a Imprensa que denuncia a Opus Dei deixa na sombra numerosos outros casos como os escandalos de Los Angeles, de San Rafael (conjunto de habitações que ruiu provocando 60 mortos), o de Nueva Esperanza S. A. (empresa imobiliária que vendeu habitações e não as construiu) e o da Caixa de Espanha, de Barcelona, donde desapareceram centenas de milhões de pesetas.»

«É-se assim levado subtilmente a pôr em causa toda a política económica do país», diz o jornal, lembrando, que a Imprensa falangista pediu a demissão dos ministros económicos, membros da Opus Dei.

«Gostaria que esta exigência de liberdade e de defesa dos interesses do povo se aplicasse a todos os casos e pergunto as razões deste surpreendente contraste com os silêncios, as camuflagens e os servilismos anteriores», afirma o editorialista.

Os observadores, contudo, fazem notar que as acusações da Imprensa falangista não são desmentidas no editorial, muito embora também seja de notar que a Imprensa falangista não dá provas concreas sobre as acusações que levanta. Considera-se, portanto, este contra-ataque de ontem como uma advertência: «Aquele que nunca pecou, lance a primeira pedra.»

Queria dinamitar um «dancing»

MADRID, 30 — (F. P.) — A Polícia prendeu um jovem de 20 anos, quando este se preparava para fazer ir pelos ares um «dancing», onde se encontravam cerca de 700 pessoas, na maioria de nacionalidade francesa.

O jovem teria sido descoberto quando se preparava para colocar seis cartuchos de dinamite no tecto do estabelecimento. Durante uma busca ao seu domicílio, foram encontrados numerosos panfletos anarquistas e comunistas.

«Companhia de Raptores Limitada»

BOGOTÁ, 30 — (R.). — O presidente Carlos Lleras Restrepo ordenou ás forças armadas colombianas que auxiliem a Polícia a esmagar uma quadrilha de bandidos que se denomina a si própria como «Companhia de Raptores, Limitada».

Julga-se que a quadrilha extorquiu cerca de 250 mil dólares (aproximadamente 7280 contos) ás famílias de quatro homens raptados este ano.

PORTUGAL — TERCEIRA QUOTA DE EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DOS PAÍSES PRODUTORES

LONDRES, 30 — (A.N.I.) — O Conselho da Organização Internacional do Café (O.I.C.), reunido nesta cidade, estabeleceu hoje a quota global de exportação de 46 milhões de sacas e uma quota de reserva de dois milhões de sacas, para o próximo ano cafeeiro, que se inicia a 1 de Outubro.

O consumo mundial (incluindo o dos próprios países produtores é calculado em 52,2 milhões de sacas. Quanto ao consumo nos países que não fazem parte da Organização Internacional do Café deve representar como anteriormente, cerca de 0,5 por cento do total, como no ano anterior

Foi também decidido o aumento de 1,5 cêntimos de dólar (43 centavos) no preço máximo e no preço mínimo, que, no sistema selectivo, desencadeiam os ajustamentos ascendentes e descendentes das quotas.

O chefe da delegação brasileira. Caio de Alcantara Machado, declarou-se satisfeito com o resultado dos debates, acresscentando que ambos os lados tiveram de ceder um pouco.

A Portugal foi atribuida a quota de exportação de 2 275 796 sacas de café.

Só dois países — o Brasil (17 155 367 sacas) e Colômbia (5 738 678) — e um grupo de países — as antigas colónias francesas (com o volume global de 4 498 542 sacas) — ultrapassaram Portugal.

As quotas de exportação atribuidas ao café do tipo Robusta (nomeadamente o de Angola) serão ainda revistas, para aceder ao pedido da Republica Democrática do Congo (Kinshasa), que provocou um ajustamento de ultima hora, passando a sua quota de 819 811 para 954 456 sacas.

O contingente geral de exportação dos «robustas» é de 11 144 730 sacas das quais 2 275 796 de Portugal).

UMAS FÉRIAS MELHORES...

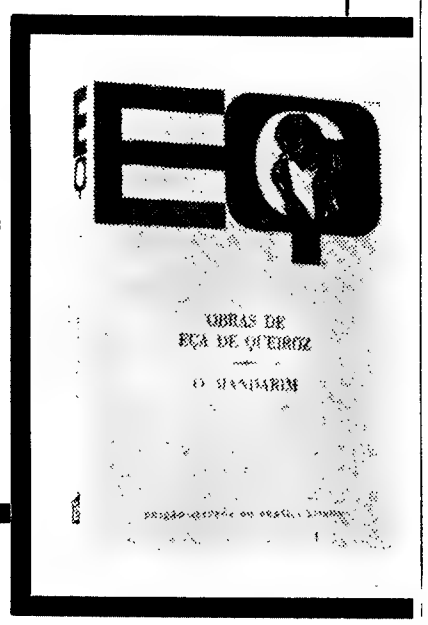
com EÇA DE QUEIROZ!

releia as novas edições revistas da LIVROS DO BRASIL e sinta um renovado prazer.

último lançamento:

O MANDARIM

de acordo com a 1.ª edição em livro, e seguido da primeira versão saída a público, em 1880, no «Diário de Portugal».



Fixação do texto e notas da Dr.ª Helena Cidade Moura.

PREÇO: 40$

à venda em todas as livrarias.

Pedidos contra-reembolso a:

Livros do Brasil

Rua dos Caetanos, 22

LISBOA

HOTÉIS

Grupo financeiro pretende comprar hotéis no Algarve preferência beira-mar e em Lisboa ou linha de Cascais informações com os máximos detalhes incluindo preços a que se guarda sigilo a este jornal ao n.º 328

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO DE CASAS EM PORTALEGRE

Está aberto concurso até ao dia 26 de Setembro de 1969, para atribuição de habitações construídas pela Caixa Geral de Aposentações, na cidade de Portalegre, destinadas a funcionários do Estado e dos Corpos Administrativos, em regime de propriedade resolúvel.

As condições constam do «Diário do Governo», III Série, n.º 201 de 28 do corrente, e encontram-se patentes no Serviço do Património, em Lisboa, Largo do Calhariz, Palácio Palmela, 1.º andar, e na Filial da Caixa Geral de Depósitos, em Portalegre, onde deverão ser obtidos e entregues os boletins de inscrição.

Caixa Geral de Depósitos, 28 de Agosto de 1969

O ADMINISTRADOR-GERAL
Ulisses Cruz de Aguiar Cortês

†

AMÉLIA MARIA XAVIER DE LIMA

FALECEU

Maria Amélia Xavier de Lima, António Xavier de Lima, Isidro Xavier de Lima e mais família cumprem o doloroso dever de participar que foi Deus Servido chamar à sua Divina Presença a sua muito querida mãe e parente e que o funeral se realiza amanhã, dia 31, ás 12.30 horas, saindo da Basílica da Estrela para jazigo no cemitério de Vila Nogueira de Azeitão. As 10 horas será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

5 horas no Tejo

Comunica-nos a C P. que os passeios no Tejo realizados aos domingos, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, terminam no fim de Agosto, efectuando-se o último passeio no domingo dia 31.

O DIREITO À INFORMAÇÃO

(Continuação da 4.ª página)

estrangeiros. Constitui dever imperioso do nosso tempo trabalhar para a compreensão mútua, para a pacífica integração de todos no seio das comunidades de que são membros, na grande família humana». (4)

3. Tudo isto nos deve tornar conscientes da urgente necessidade de se criarem condições favoráveis ao exercício do direito á informação, com base nos princípios invioláveis da liberdade e da verdade na responsabilidade, criando um estatuto jurídico que efectivamente salvaguarde os direitos de todos os interessados no processo informativo, desde o jornalista ao leitor. Tal estatuto jurídico só poderá encontrar as necessárias independência e imparcialidade se entregue a instâncias legais òbviamente independentes do executivo. Por outro lado, cabe á autoridade civil um papel muito importante: impedir o monopólio dos meios de informação pelos detentores do poder económico ou político e possibilitar as correntes de opinião minoritárias e os sectores sociais mais desfavorecidos tenham justo acesso a esses meios. Assim se servirá, efectivamente, o bem comum; julgamos que o Estado não deve imiscuir-se de outro modo no sector informativo: compete-lhe garanti-lo, promovê-lo, e nunca impedi-lo. (5)

4. No equilíbrio entre os direitos á informação e á expressão do pensamento, os profissionais da informação desempenham um papel de grande relevância social. A aplicação das medidas de justiça atrás propostas contribuiria para os tornar autênticamente responsáveis pela sua bela missão em favor do público. Um dos seus aspectos principais está em proporcionar-lhes elementos de informação verídicos e completos que permitam ao leitor — como já foi dito — formar uma opinião e fazer uma escolha pessoal. Há quem diga não estar o nosso povo preparado para tal. Achamos que um acto de coragem colectiva, de saudável e patriótica confiança se impõe, para além de eventuais e falíveis critérios de «oportunidade política». Como disse o cardeal Koenig, «no final de contas o homem não é — graças a Deus! — um ente tão fácilmente dirigível e manipulável como certos estrategos no-lo querem fazer pensar. O homem é essencialmente um ser feito de contradição. E, com a derradeira graça de poder dizer sim, Deus deu ao homem a força de dizer não». (6).

Ao dar este testemunho público, a Acção Católica Portuguesa contrai uma responsabilidade que espera não enjeitar: a de tudo fazer no sentido de, ao menos adentro das suas publicações, difundir e defender a verdade e promover a consciencialização dos seus membros no sentido duma compreensão da responsabilidade pessoal e da maturidade crítica que uma autêntica liberdade postula e exige.

(1) Paulo VI, Alocução ao VI Congresso da Imprensa Periódica, Abril de 1965 (in Anta Apostolicne Sedis LVII, págs 507-511).

(2) Paulo VI, Mensagem ao Seminário Europeu da O N.U. sobre a liberdade de informação, em 17 de Abril de 1964 (in Acta Ap Sedis, LVI, págs 387-389)

(3) Cardeal Herrera y Oria, na inauguração das novas instalações do jornal «La Verdad», em 16 de Dezembro de 1967 (in Ecclesia, n.º 1372, Janeiro 1968, pág. 23).

(4) Paulo VI. Alocução citada

(5) «É dever da autoridade civil (...) defender e assegurar a verdadeira e justa liberdade de informação (...), sobretudo no que diz respeito á imprensa» (Decreto Conciliar «Inter Mirifica», n.º 12).

(6) Cardeal Koenig, no VIII Congresso Mundial da União Católica Internacional da Imprensa, Berlim, Julho de 1968 (in Documentation Catholique, n.º 1522, cols 1407-1418)

†

SEBASTIÃO TOREGO

FALECEU

FRAMARTE — MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO, LDA., participa a todos os seus clientes, fornecedores e amigos o falecimento do seu sócio gerente SEBASTIÃO TOREGO, realizando-se o funeral amanhã, às 11 horas da Igreja de S. João de Brito para jazigo no cemitério do Alto de S. João. Às 9,30 horas será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA SALGADO

†

SEBASTIÃO TOREGO

FALECEU

O PESSOAL DA FRAMARTE — Materiais para Construção, Lda., cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu patrão e bom amigo sr. SEBASTIÃO TOREGO. Amanhã, às 9,30 será rezada missa de corpo presente na Igreja de S. João de Brito, realizando-se o funeral às 11 horas, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA SALGADO

†

AMÉLIA MARIA XAVIER DE LIMA

FALECEU

ANTÓNIO XAVIER DE LIMA, PROPRIEDADES COMPRA E VENDA, COM ESCRITÓRIOS NA COVA DA PIEDADE, participam o falecimento da mãe do seu proprietário, Exmo. Senhor António Xavier de Lima, e que o funeral se realiza amanhã, dia 31, às 12,30 horas, saindo da Basílica da Estrela para jazigo no cemitério de Vila Nogueira de Azeitão. As 10 horas será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

†

AMÉLIA MARIA XAVIER DE LIMA

FALECEU

OS EMPREGADOS DA FIRMA ANTÓNIO XAVIER DE LIMA, PROPRIEDADES COMPRA E VENDA, COM ESCRITÓRIOS NA COVA DA PIEDADE, participam o falecimento da mãe do seu patrão e amigo, Exmo. Senhor António Xavier de Lima, e que o funeral se realiza amanhã, dia 31, às 12.30 horas, saindo da Basílica da Estrela para jazigo no cemitério de Vila Nogueira de Azeitão. Às 10 horas será rezada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«O FUGITIVO» E O VIOLINISTA

Prestes a terminar a mais longa série apresentada até hoje na televisão, cerca das 22 e 35, será exibido mais um episódio realizado por Leonard Hom, Gonn Carol Rossen, ex-Thompson e Bill Quinon nos papéis secundários, já que o principal o de Richard Kimble é desempenhado por David Jansen.

Richard Kimble, com um nome suposto, é agora motorista do grande violinista Geoffrey Martin. Geoff tem 15 anos e o seu professor e tutor é Max Pfeiner, um ex-violinista, austero, exigente e violento, quando bebe. Ellen, a secretária de Geoff, tem por este um grande afecto, porém Geoff, que está separado dos pais desde os 9 anos, tem uma verdadeira ânsia de se libertar de Max e prepara um plano para desacreditar este...

VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA

PELAS 23 e 35, vem mais uma reportagem realizada pelos enviados especiais da R. T.P. ao grande acontecimento velocipédico que tem apaixonado o País e que tem amanhã em Lisboa o seu termo.

Amadeu José de Freitas fará, como habitualmente, os seus comentários.

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Diálogo de Sábado; 20: Teledesporto; 20 e 30: Ao serviço da Nação; 21: Telejornal e Boletim Meteorológico; 21 e 35: TV Clube; 21 e 35: TV 7; 22 e 35: O Fugitivo; 23 e 35: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 50: Marcha do Mundo e fecho.

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: O tunel do tempo; 22 e 20: Tempo internacional; 22 e 45: Variedades; 0 e 15: Fecho

TELEVISORES GRUNDIG

AMANHÃ — **I Programa — 1.º Período** — Às 12 e 30: Abertura e Missa de Domingo; 13 e 5: Fecho. **2.º Período** — Às 18: Abertura e reportagem do exterior; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: Barreira de sombra; 20 e 5: TV Rural; 20 e 35: Notícia do espectáculo; 21: Telejornal; 21 e 35: TV Mundo; 22 e 10: O Chefe Ironside; 23 e 10: Volta a Portugal em Bicicleta; 23 e 25: Domingo desportivo; 23 e 40: Marcha do mundo; 23 e 55: Fecho

II Programa — Às 21: Telejornal; 21 e 30: TV 7; 21 e 55: Noite de Cinema; 24: Fecho.

TUDOR PILHAS BLINDADAS ESTANQUES

2.º PROGRAMA

Túnel do Tempo, Tempo internacional e Variedades

Da programação de hoje, do Emissor UHF de Lisboa, fazem parte o episódio «Merlim, o mágico» da série de ficção científica «O Túnel do Tempo» que é exibido pelas 21 e 30. James Darren e Robert Colbert são os intérpretes principais.

«Projectados na Idade Média, Tony e Dong, os visitantes do tempo, convivem com o Rei Artur, o mágico da corte, Merlin, e são armados cavaleiros da Távola Redonda.»

A seguir, pelas 22 e 20, vem em repetição o programa do dr. António Ruano, «Tempo internacional», subordinado ao tema «Relatório sobre a Roménia».

Ainda em repetição, cerca das 22 e 45, serão apresentadas as variedades, programa dedicado à final da 11.ª Taça Europeia para Cantores, em Knokke-Le Zoute, na Bélgica. Participação de cançonetistas da Grã-Bretanha e da Espanha (estes foram os vencedores).

TV CLUBE

Pelas 21 e 30, Pedro Moutinho apresenta o Grupo Vocal Feminino «Harmonia», dirigido pelo prof. Friedrich Wilhelm Vener. Programa variado, pois compõe-se de obras para piano, duetos e de coros em estilo popular.

Logo, de começo é apresentada uma obra para coro feminino e piano: «A Rapariga Abandonada», seguindo-se uma canção popular. Outros números se seguirão, terminando o programa, todo ele dedicado a Selmanann, com a composição intitulada «Rosmaninho».

Participa o pianista José Carlos Picoto que interpreta «O cavaleiro do cavalo de Pau» das «cenas infantis».

Rádio

PROGRAMA DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Fim-de semana; 18 e 5: Música de filmes; 18 e 15: Emissão infantil, por Madalena Patacho; 18 e 45: Vedetas Pop; 19: Cartaz dos espectáculos e reportagem da final da 25.ª etapa da «Volta a Portugal em Bicicleta»; 19 e 45: Rádio rural — Música só música; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Diário da «Volta» — Actualidades musicais; 20 e 40: 15.º episódio do folhetim «Amor Supremo»; 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Música ligeira; 21 e 40: Variedades; 22 e 30: Poesia, música e sonho, por Miguel Trigueiros; 2: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 17 e 5: Concerto n.º 2 em si bemol maior, op. 19 para piano e orquestra (Reethovens), solista Orquestra de Filadélfia dirigida por Eugene Ormandy; 17 e 34: Serenata op. 31 para tenor, com'inglês e orquestra (Benjamim Britten); 18: O maestro Ataulfo Argenta, 19: Abraço na distância, por Goulard Nogueira; 19 e 20: Música de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Música de arco — obras de Drdla e Castelnuovo-Tedesco — solistas; 20 e 30: Ciclo de melodias; 20 e 50: A Orquestra de Filadélfia, dirigida pelo maestro Eugene Ormandy — Alborada del Gracioso (Ravel); 21: Concerto preenchido com obras de autores portugueses, que tem a colaboração da pianista Maria Fernanda Wandschneider e do duo de violino e piano Lídia de Carvalho-Helena Matos; 21 e 45: O gosto pela musica, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 15: Musica coral sinfónica; 23: A voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho

ME 2 — 94,3 mc/s — Às 23: Intercambio musical — Parte de um concerto pela Orquestra Sinfónica de Turim da RAI, dirigida por Joseph Keilberth (gravações cedidas pela RAI, Radiotelevisão Italiana); 23 e 24: Quarteto de cordas, op 112 (Florent Schmidt) — Quarteto «Champel»; 0 e 05: Sonata N.º 2, em ré menor, op. 14 para piano (Prokofieff) — Yury Boukoff; 0 e 25: Danças sinfónicas, op. 64 n.os 1 a 4 (Grieg) — Orquestra Filarmónica dirigida por Walter Susskind; 1: Fecho.

Às 19 e 10: Rádio Universidade. — 451 m — 665 kc/s.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Canções de Portugal; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: Robbialac; 19 e 30: Teatro trágico; 19 e 45: Rádio Jornal; Entre as 20 e as 21: Hoje convidámos... 20 e 15: Orquestras famosas. 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Vozes que são êxito; 21 e 03: Rádio placard, 21 e 15: Musica tradicional e palestra religiosa; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s — Às 16: Da Philips para si; 16 e 15: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 9 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta fidelidade Philips, 1 e 03: Banda sonora; 2: FM-67 e fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Presença Singer; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelanea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64, 20: Nota de abertura; 20 e 10: Norte dia a dia; 21: Noticiário; 21 e 02: Conjunto; 21 e 15: Só rádio; 21 e 30: Viagens na nossa terra; 21 e 45: Hora luterana; 22 e 02: Uma vedeta na noite; 22 e 15: O mundo de amanhã; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Programa Sumol; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Musica e canções para o seu fim-de-semana; 21 e 45: Grande plano; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Sonodesporto; 18 e 15: Noticiário regional e boletins de filmes e religioso, 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Diálogo com os que sofrem; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Verdade e vida; 21 e 30: Mosaico; 22: Auditório; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Dos 7 ás 8 e dos 14 e 30 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Dos 8 ás 10 e dos 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Dos 10 ás 12 e dos 22 ás 2; **Rádio Graça** — Dos 12 ás 14 e 30.

canal da crítica

1

Uma cara nova na televisão portuguesa, mas não na poesia portuguesa. Chama-se António Gedeão e é um dos nossos maiores poetas actuais.

O facto merecia embandeiramento em arco e banda na rua. Como se diz na minha terra, «merecia um foguete no aido do ti Palhão».

Este é Robert Wagner, o protagonista da série «Ladrão, precisa-se», que a nossa televisão está a apresentar semanalmente

Eram más as imagens, era péssima a recolha do som. E a entrevista decorreu, toda ela, num ambient de abandono, de recepção de um parente afastado.

2

Antes de mais, atentemos na rubrica: «*A entrevista do mês*». Isto não significa nada para o telespectador, não lhe dá nenhuma possibilidade de orientação. Si, si, claro, vão entrevistar um mensalmente. Mas um, quem? Escritor, em particular? Artista, em geral? Industrial? Comerciante? Jogador de futebol? Campeão de belindre? Dona de casa? Menina-amiga-dos-animais da operação Plus Ultra?

Não são perguntas á deriva, estas que faço. São intencionais. Há que saber, há que dizer, há que formar publico, há que constituir um nucleo que entrevista após entrevista possa alargar-se, enriquecer-se. Entrevista, claro, onde sempre se passe alguma coisa. Porque «onde nada possa acontecer» já existe e chama-se «Zip-Zip»... Basta!

«A entrevista do mês» é uma colecção muito vaga, como se viu. E depois de mês a mês, caramba! Seria com receio de vir a faltar material?

3

Mas bem: Gedeão esteve em nossas casas e falou de

(Continua na página seguinte)

Cápida

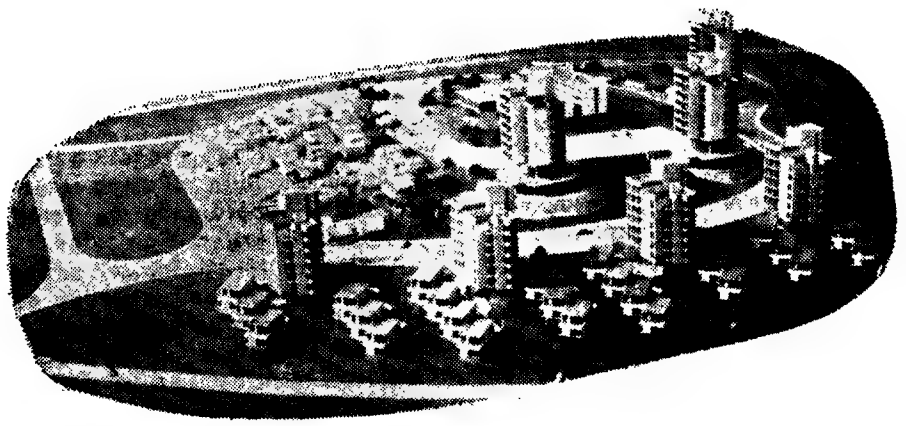
CASA PIRES D'ALMEIDA, LDA

RUA AUGUSTA, 275-A-LISBOA TELEF 32 07 00

Participa aos seus estimados clientes que os seus Famosos SALDOS de fim de estação, começam na segunda-feira dia 1.

Em ALCOBAÇA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Narciso da Costa, Suc., Rua Dr. Oliveira Salazar, 54

Cascais vai ter uma nova urbanização



CONJUNTO URBANO DA PAMPILHEIRA — CASCAIS

J. PIMENTA, S.A.R.L.

Oferece lhe agora as vantagens de sempre, num ambiente excepcional. Em plena vila de Cascais, os novos apartamentos são dotados do máximo conforto destrutando de uma bela vista panorâmica sobre o mar e serra de Sintra

Nova modalidade em Apartamentos Mobilados

190 Contos rendem-lhe 1187$50 mensais

garantidos por escritura pública durante 6 e ate 18 anos. Administrando directamente pode obter um rendimento mensal de 1.437$50 (superior a 9%)

3000 Clientes dar-lhe-ão as melhores referências

INFORME-SE NOS NOSSOS ESCRITORIOS:

J. PIMENTA, S.A.R.L.

MATERIAIS DE CONSTRUÇAO.

Azulejos nacionais e estrangeiros

Plásticos para revestimentos de paredes e tectos Ferragens e ferramentas Loiças sanitárias, tintas e maquinas para construção civil. Toda a gama de materiais de construção, utilidades para o lar, novidades, em artigos domesticos, flores e apetrechos para jardins encontra V Ex. aos mais baixos preços nos estabelecimentos da Organização J Pimenta, em Amadora e Queluz junto as estações de caminho de ferro respectivas

LISBOA — Rua Conde Redondo, 53-4.º Esq — Telefs. 45843 e 47843; QUELUZ — R. D Maria I, 30 — Telefs 95 20 21 95 20 22; AMADORA — Reboleira — Telefone 93 36 70

A NOSSA ORGANIZAÇAO VENDE MAIS BARATO E COM-MAIS GARANTIAS PORQUE E A ÚNICA DO PAIS DEVIDAMENTE APETRECHADA NA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DO RAMO

canal da crítica

(Continuação da pág anterior)

algumas coisas importantes, e entre elas, do valor da palavra na construção do poema, da influência do vocabulário científico no enriquecimento do caudal poético. Houve algumas falhas, mas a culpa não lhe pertenceu. A culpa da mais gravosa para o entendimento de Gedeão residiu na tendência do entrevistador, o poeta Mário Dias Ramos, para literalizar, para redundancear demasiado as perguntas. Estas estavam feitas segundo a escrita, não segundo a oralidade. Em televisão, isto representa condenar uma tarefa ao malogro.

Mário Dias Ramos teve, contudo, a grande virtude de se colocar totalmente na sombra, de se apagar, como presença, diante de Gedeão. Nada quis para si, mesmo quando o sabor da pequena controvérsia iniciada, o poeta (com razão) arrastar para puxar a brasa á sua sardinha.

Com tudo isto, desigualada, isolada do seu mundo, a entrevista com António Gedeão deve ter passado despercebida á quase totalidade do publico. Sei lá, muitos podiam até ser levados a concluir que estavam assistindo a mais uma emissão da «Parada da Industria».

E foi pena que tão inglòriamente se desperdiçasse a oportunidade de tão vasta audiência como é a da televisão quando é «Noite de Cinema». Diga-se que o poeta, aí, teve culpas. Ao admitir (mais: ao estatuir) a função didáctica da poesia; ao mesmo tempo que dizia ter-se esforçado por construir poesia acessível a baixos graus de cultura, António Gedeão acabou por oferecer a um publico de grau quase abaixo de zero no conhecimento da poesia moderna, um poema de maneira nenhuma ajustado ás circunstancias. Mentalmente, pus-me a recitar seus poemas em medida velha. Para me vingar. Vingança platónica? Cada qual faz o que pode. O que é pena é eu não ter faculdades telepáticas.

MÁRIO CASTRIM

P. S. — Não tenho por hábito espantar as gralhas que poisam na minha árvore. Sou dos que acreditam na inteligência do leitor.

Ontem, porém, aconteceu uma gralha que modifica o sentido da frase ao ponto de lhe retirar o sentido. Reparem: «Daí que não resultasse vivência, mas convivência». *Não escrevi* convivência: *escrevi* conivência. *Faz sua diferença, não? — M. C.*

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	22/8/69	29/7/69	Desvio %
GERAL	142,8	141,1	—1,2
METROPOLITANAS	139,4	137,9	—1,1
Bancárias	230,5	230,8	+0,1
Eléctricas	95,6	94,7	—0,9
Industriais	127,1	125,5	—1,3
Diversas	161,0	154,9	—3,8
ULTRAMARINAS	167,4	164,6	—1,7
Angolanas	172,8	169,5	—1,9
Moçambicanas	105,7	107,9	+2,1

NOS PALCOS DO MUNDO

● *Queta Claver vai empreender, em fins do corrente mês, uma digressão artística apenas com uma peça, «La casa de las chivas», de Jaime Salom.*

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«UIGE» a sair em 8 de Setembro às 16 horas	Com escala previa por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, S. TOMÉ, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega de 30 de Agosto a 2 de Setembro
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 12 de Setembro às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 3 a 7 de Setembro
«PÁTRIA» a sair em 15 de Setembro às 12 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: FUNCHAL, S. TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA Carrega de 6 a 9 de Setembro.
«LOBITO» a sair em 20 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA. Carrega de 13 a 17 de Setembro.
«VERA CRUZ» a sair em 23 de Setembro às 16 horas	Com escala por LAS PALMAS, para: LUANDA e LOBITO Carrega de 15 a 20 de Setembro.
«LUGELA» a sair em 27 de Setembro	Com escala por LEIXÕES, para: PRÍNCIPE, S. TOMÉ, LUANDA, PORTO AMBOIM, LOBITO, MOÇÂMEDES e PORTO ALEXANDRE (se necessário) Carrega de 20 a 24 de Setembro.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» a sair em 12 de Setembro às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI). Carrega em 11 de Setembro.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

32.ª Volta a Portugal em bicicleta

Herculano de Oliveira, Joaquim Agostinho, Joaquim Andrade e Mário Silva: quatro «gigantes» tentam vencer a serra

A GRANDE ETAPA DA ESTRELA

O SOBE-DESCE DA INCERTEZA

- *VITÓRIA DE MÁRIO SILVA. CAMISOLA AMARELA PARA ANDRADE. GRANDE ACTUAÇÃO DE AGOSTINHO. RECUPERAÇÃO ESPECTACULAR DE MENDES.*

REPORTAGEM DE
MÁRIO ZAMBUJAL
Enviado especial do
«DIÁRIO DE LISBOA»

SEIA, 30 — Esta longa etapa da serra da Estrela nada decidiu, antes carregou de maiores dúvidas este apaixonante batalhar pela glória (e proveito) de ganhar a Volta. É certo que a camisola amarela mudou de dono, o «leader», a partir de Alcains, desceu para terceiro lugar, o extraordinário Agostinho, verdadeira vedeta número um da tirada serrana, acabou por baixar ao quarto posto. Mas do primeiro ao quarto ficou uma tão pequena diferença de segundos, que todas estas evoluções não tinham (à partida de Seia) verdadeiro valor. Era como se a luta começasse agora, como se toda a Volta se resumisse a este jogo entre quatro, a um fim-de-semana árduo e empolgante.

Árdua e empolgante foi também esta tirada por altos da Serra da Estrela. Começou longe, aliás, com a «fuga» de António Salazar, ainda á vista do casario branco de Alcains. A mesma, porém, estava de antemão condenada ao malogro. Mas António Salazar da Coelima, andou sózinho mais tempo do que seria de pnsar. Mais tarde, ele próprio nos dizia: *«Fugi demasiado cedo, era quase impossível aguentar-me tanto tempo na frente.»*

Serviu-lhe o esforço, no entanto, para fazer vasta colheita de prémios, para passar em primeiro lugar em várias metas, para atingir, ainda nessa posição, as Penhas da Saude. Logo que depois foi alcançado começou, então, a «batalha dos grandes».

Foi ali mesmo, na Covilhã, ao iniciar-se a agreste ladeira de perto de uma dezena de quilómetros, que estalou o conflito. Agostinho, na frente, a impor um andamento durissimo, e o pelotão a fragmentar-se, primeiro em dois grupos, depois em estilhaços. Vantagem inicial do F. C. Porto que teve, no primeiro grupo da frente, Mário Silva, José Azevedo, Huber, Pacheco e Joaquim Leão. E lá estava o «camisola amarela», Fernando Mendes, e o «camisola verde» (Miranda)

Não tardou, porém, que alguns homens da vanguarda começassem a ceder. E nisto, ainda a subida estava por uns três quilómetros, deu-se o inesperado: Mendes ficou para trás. Mesmo admitindo-se que ele pudesse ser derrotado nas Penhas da Saude, não se aguardava que tombasse tão cedo. O «camisola amarela», rosto crispado pelo esforço, perdia terreno quase metro a metro. A certa altura, parecia um náufrago sem salvação possível, um homem sarciado de possibilidades de continuar a pedalar.

Entretanto, Agostinho' não abrandava no seu pedalar enérgico, certo, imperturbável. Máquina em funcionamento. Andrade, do Sangalhos, e Mário Silva, do F. C. Porto, não o largavam. Mais dois portuenses — Azevedo e Pacheco — faziam uma prova á parte, ora juntando-se aos da frente, ora descolando para mais além se juntar de novo. Até que definitivamente, a luta da frente era de quatro.

Agostinho, sempre a «puxar» embora em terreno montanhoso essa posição de abrir caminho não tenha a mesma importancia que noutras circunstancias. Mas á aproximação das metas da Penha e da Torre, os dois magnificos corredores do Sangalhos adiantavam-se para ganhar pontos e avanço. Nesta ultima, a vigorosa arrancada de Andrade coincidiu com uma quebra bem visivel de Agostinho, o que levou o novo «camisola amarela» a tentar escapar-se aos seus três companheiros.

Depois, era a descida.

E Fernando Mendes? Após o seu colapso, que o atirou rápidamente para um atraso de cerca de dois minutos, o corredor do Benfica pareceu reaviver. Primeiro, não permitindo que essa desvantagem se alargasse, como seria inevitável se mantivesse a di-

(Continua na página seguinte)

Nas Penhas da Saude, o vencedor foi António Salazar (Coelima)

... Para lençois,
coelima
SOCIEDADE TEXTIL ALBANO COELHO LIMA S.A.R.L. PEVIDEM-GUIMARAES

CHEGADA A SEIA

INDIVIDUAL

1	Mário Silva (P.)	3	23	25
2	J. Andrade (Sg.)	3	23	41
3	J. Agostinho (Sp.)	3	24	06
4	H. Oliveira (Sg.)	3	24	28
5	J. Azevedo (Prt.)	3	25	02
6	A. Salazar (Coel.)	m. t.		
7	Fer. Mendes (Bf.)	m. t.		
8	J. Pacheco (Pto.)	3	25	07
9	Joaq. Leão (Pto.)	3	26	07
10	L. Miranda (Sp.)	3	26	59
11	Man. Luís (Bf.)	3	27	02
12	F. Bernard. (Sp.)	3	27	02
13	A. Graça (Tav.)	3	27	07
14	João Pinhal (Bf.)	m. t.		
15	A. Silva (Bf.) ...	3	27	09
16	A. Fortes (Bf.) ...	3	27	26
17	J. Pereira (Coel.)	3	28	20
18	João Roque (Sp.)	3	28	45
19	Hub. Niel (Porto)	3	29	27
20	N. Timóteo (Sp.)	3	29	55
21	Ped. Moreira (Bf.)	3	30	03
22	V. Tenazin. (Sp.)	3	30	25
23	V. Cardoso (Bf.)	3	30	45
24	M. da Costa (Bf.)	3	30	50
25	C. Oliveira (Sg.)	3	30	50
26	A. Pereira (Coel.)	3	30	56
27	José Santos (Bf.)	m. t.		
28	J. Leite (Porto)	3	31	03
29	Vítor Rocha (Sp.)	3	31	12
30	Sérg. Páscoa (Sp.)	3	31	20
31	P. Rodrigues (Bf.)	3	31	22
32	M. Mestre (Tav.)	3	31	38
33	J. Coelho (Amb.)	3	31	42
34	J. Moreira (Coel.)	3	31	59
35	D. Vitorino (Bf.)	3	32	13
36	P. Doming (Sp.)	3	32	20
37	José Diogo (Tav.)	3	33	31
38	A. Teixeira (Tav.)	3	34	00
39	M. Castro (Amb.)	3	35	00
40	F. Martins (Tav.)	m. t.		
41	Wilson Sá (Amb.)	3	37	15
42	N. Duarte (Sang.)	3	38	28

EQUIPAS

1	F. C. PORTO ...	10	13	34
2	Sportig	10	18	07
3	Sangalhos	10	18	59
4	Benfica	10	19	11
5	Coelima	10	24	27
6	Tavira	10	32	16
7	Ambar	10	43	57

MONTANHA

PRÉMIO «CAVES DA MONTANHA»

Serra da Gardunha

		P.
1	António Salazar (Coel.)	5
2	Joaquim Leite (Porto)	3
3	Fernando Mendes (Bf.)	1

Penhas da Saúde

1	António Salazar (Coel.)	10
2	Joaq. Andrade (Sang.)	7
3	Hercul. Oliveira (Sang.)	5
4	Mário Silva (Porto)	3
5	Joaq. Agostinho (Sp.) ...	1

Alto da Torre

1	Joaq. Andrade (Sang.)	10
2	Hercul. Oliveira (Sang.)	7
3	Mário Silva (Porto) ...	5
4	Joaq. Agostinho (Sp.) ...	3
5	Luís Pacheco (Porto) ...	1

META VOLANTE

1.º, Ant. Salazar (Coel.)
2.º, Joaq. Agostinho (Sp.)
3.º, Fernando Mendes (Bf.)

32ª Volta a Portugal em bicicleta

Serra da Estrela

(Continuação da pág. anterior)

ferença de velocidade entre ele e os da frente. Depois, recuperando, aos poucos

Estávamos, então, numa batalha de duas fases: os da frente procurando vencer-se uns aos outros, todos eles contra Fernando Mendes, que lhes movia uma perseguição espantosa, auxiliado pelos companheiros que o haviam alcançado, quando ficara para trás.

Foi bonito. Só não foi bonito que alguns (muitos) espectadores decidissem participar na corrida, da forma que noutro lugar se aponta e lamenta.

Com a embalagem do «sprint» para a Torre, An-

Mário Silva, o triunfador em Seia

drade chegou a andar na frente uns 500 metros. Mas seria alcançado pelos outros três, devido ainda ao esforço espectacular de Agostinho, que desce montanhas a uma velocidade de arrepiar. Andrade dizia-nos mais tarde: «*Reconheço que sou fraco a descer*», e a verdade é que ele, já a poucos quilómetros, foi ultrapassado pelo corredor do Sporting, que lhe ganhou (a ele e a Herculano de Oliveira) uns 300 metros. Só Mário Silva se aguentou na pedalada. Até que, já perto de Seia, o «leão» foi tocado pelo infortunio: um furo. Parar, mudar de roda, segundos preciosos que se perderam. Mário Silva lá abalou, lesto, a caminho da vitória. E Andrade também passou, para vestir uma camisola amarela.

Se Joaquim Agostinho na Volta á França, impressionou os entendidos em ciclismo pela sua espantosa temeridade nas descidas, que nesse aspecto também é considerado um caso á parte, a verdade é que F. Mendes, ontem, igualou-o (pelo menos), na vertigem dessa velocidade. O seu atraso, em relação a Agostinho, ficou apenas em 55 segundos. Poderia ter sido um pouco maior se não fora o azar do sportinguista, também poderia ser menor se não fora o facto de o próprio Mendes ter corrido, os dois ultimos quilómetros, com um «furo». O carro de apoio do Benfica ficara para trás, sem poder acompanhar na descida, a velocidade do ciclista.

Mendes deixara para a retaguarda todos os seus companheiros de posição, alcançando o surpreendente António Salazar que, durante algum tempo, se manteve a seu lado (*«colaborei com o Mendes na recuperação e fi-lo com muito gosto. Admiro-o muito»* — afirmou em Seia, o corredor da Coelima). Cedendo depois e tornando a juntar-se quando o benfiquista reduziu a velocidade devido ao percalço sofrido.

Uma etapa de grande espectáculo, que nada decidiu, embora tenha talvez reforçado, um pouco, o favoritismo de J. Agostinho. O certo é que para este infernal fim-de-semana de quatro etapas, um corredor do Sangalhos, outro do Porto, outro do Benfica e outro do Sporting partiram práticamente do zero. Quase como se encontravam na noite de 14 de Agosto, quando começou esta aventura da Volta.

O QUE FALTA PERCORRER

Seia-Avelar	157
Avelar-Abrantes	78
Abrantes-Cartaxo	86
V. F. Xira-Lisboa	35

Um só esguicho... já alivia. Que o diga Fernando Mendes, «alvejado» por um companheiro de clube (Américo Silva)

VENCEDORES DAS ETAPAS

1.ª — Emiliano Dionísio
2.ª — António Graça
3.ª — Emiliano Dionísio
4.ª — Vítor Rocha
5.ª — Joaquim Coelho
6.ª — João Pinhal e Hubert Niel
8.ª — Leonel Miranda
9.ª — Fernandes Mendes
10.ª — António Teixeira
11.ª — Fernando Mendes
12.ª — Celestino de Oliveira
13.ª — Fernando Mendes
14.ª — Leonel Miranda
15.ª — Emiliano Dionísio
16.ª — Leonel Miranda
17.ª — Manuel Mestre
18.ª — Joaquim Andrade
19.ª — Leonel Miranda
20.ª — Hubert Niel
21.ª — Leonel Miranda
22.ª — Joaquim Moreira
23.ª — Mário Silva

COMUNICADO DO JÚRI

Na sua reunião em Seia, o júri tomou, entre outras, as seguintes decisões:

— Multar em 25$00 cada um, os corredores Américo Silva, Manuel Luís, Valdemiro Cardoso, Eduardo dos Santos e João Pinhal, por estarem incursos no n.º 1 da Tabela de Penalidades (falta de assinatura da folha de presenças no prazo regulamentar).

— Multar em 25$00 cada um, os corredores Joaquim Andrade, Herculano de Oliveira, Fernando Mendes, Joaquim Agostinho, António Graça e Mário Silva, por estarem incursos no n.º 15 da Tabela de Penalidades (não estar munido de tubo de reserva e bomba de ar).

— Atender as exposições apresentadas pelos directores desportivos do Sangalhos e da Ambar, no que se refere ao pedido de repescagem dos seus corredores Norberto Duarte e Wilson de Sá.

— Multar em 200$00 e um minuto de penalização, o corredor João Pinhal, por estar incurso no n.º 20 da Tabela de Penalidades (empurrão, afastamento ou obstrução a outro corredor).

— O prémio do azar foi atribuído aos corredores Norberto Duarte e Francisco Martins.

ELIMINADOS

57 — Fernando Brito (Ambar); 64 — João Lopes (Tavira); 65 — José Nunes (Tavira); 80 — António Carvalho (Porto); 81 — Francisco Machado (Coelima); 83 — Mário Miranda (Coelima); 85 — Serafim Dias (Coelimá); 87 — Armindo Mendes (Coelima); 90 — António Domingos (Coelima); 22 — Fernando Vieira (Benfica) e 73 — Cosme de Oliveira (F. C. Porto); 86 — António Rodrigues (Coelima); 67 — J. Viegas (Tavira); 6 — Manuel Lote (Sangalhos); 78 — Manuel de Sousa (F. C. Porto) e 32 — Emiliano Dionísio (Sporting).

Os empurradores

Na berma da estrada, foi até certa altura. Depois, quiseram saltar para o asfalto, entrar na Volta, disputar também a etapa. E não foi novidade nenhuma, é todos os anos a mesma coisa: depois da Covilhã, numerosos espectadores entenderam que deviam ajudar os corredores da sua predilecção a chegarem ao fim. E vá de empurrar. No final, Andrade queixava-se: «O Agostinho foi escandalosamente ajudado». *Mas, também ele, Mário Silva e Fernando Mendes, quase todos tiveram os seus auxiliares não solicitados. E houve pior ainda: houve quem tentasse agarrar alguns ciclistas, para beneficiar os seus preferidos.*

É difícil fazer-se um balanço, saber quem ficou mais a ganhar mais a perder com tudo isto.

De qualquer modo, foi triste. Foi triste — e é triste — ver a facilidade com que as pessoas — muitas pessoas — voltam as costas á verdade e ao jogo-limpo. Quando acabará isto na estrada e em outros caminhos do nosso desporto?

DESISTENTES

52 — Albino Alves (Ambra); 70 — Rogério Domingues (Tavira); 79 — Duarte Ribeiro (Porto); 7 — João Fonseca (Sangalhos); 36 — José Vieira (Sporting); 69 — Marcelino Santos (Tavira); 54 — Joaquim Freitas (Ambar); 55 — Sousa Vieira (Ambar); 58 — Henrique Silva (Ambar); e 5 — Lino Santos (Sangalhos).

OS CORREDORES EM PROVA

SANGALHOS
1 — Joaquim Andrade
2 — Celestino Oliveira
3 — Herculano Oliveira
4 — Norberto Duarte

BENFICA
11 — Fernando Mendes
12 — Pedro Moreira
13 — Manuel Costa
14 — Américo Silva
15 — Manuel Luís
16 — Daniel Vitorino
17 — Valdemiro Cardoso
18 — Augusto Fortes
19 — Eduardo Santos
20 — João Pinhal
21 — Pedro Rodrigues

SPORTING
31 — Paulino Domingos
33 — Firmino Bernardino
34 — João Roque
35 — Joaquim Agostinho
38 — Norberto Timóteo
37 — Leonel Miranda
39 — Sérgio Páscoa
40 — Vítor Tenazinha
41 — Vítor Rocha

AMBAR
51 — Manuel Castro
53 — Joaquim Coelho
56 — Wilson Sá

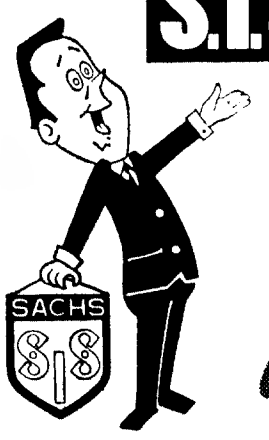
TAVIRA
61 — António Graça
62 — António Teixeira
63 — Fernando Martins
66 — José Diogo
68 — Manuel Mestre

F. C. PORTO
71 — Hubert Niel
72 — Mário Silva
74 — Joaquim Leão
75 — José Azevedo
76 — Luís Pacheco
77 — Joaquim Leite

COELIMA
82 — António Pereira
84 — António Salazar
88 — Joaquim Moreira
89 — José Pereira

Ao longe, a escarpa íngreme. Curvado sobre a máquina, tentando proteger-se da água que lhe atiram, Joaquim Andrade prossegue velozmente a caminho da «camisola amarela»

LICEU
NOCTURNO
Ensino Audio-Visual
EXTERNATO
PAULO DIAS
R. TEN. FERREIRA DURÃO, 37-3.º
65 43 04
EM CAMPO DE OURIQUE

S.I.S.-SACHS


a victória da técnica!

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

ATLETISMO

O vento «roubou» mais um «record» a Alberto Matos (200 m barr.)

Na pista do Estádio José Alvalade, disputou-se, ontem à noite, a penultima jornada dos «Nacionais» da 1.ª e 2.ª divisões. Dado o elevado numero de concorrentes e, ainda a realização da prova do decatlo com 12 participantes (numero *récord*), a pugna que se iniciou ás 21 horas só veio a findar cerca da 1 e 30 da madrugada.

O vento que parece este ano apostado em prejudicar os atletas «tirou» mais uma vez a possibilidade a Alberto Mota, do Sporting, de conquistar novo *record* nacional, desta feita nos 200 m. nacionais, com um tempo que *batia* por 5 décimos de segundo, o seu próprio máximo, que também é Nacional — 24, s. desde 1 de Junho de 1969

Além desta proeza a jornada nocturna deu-nos ainda outros bons motivos, um deles pela sua importancia para o desporto; que foi, sem duvida, o reaparecimento de Américo Barros, do Sporting, que como se sabe teve de dar entrada num hospital quando há dias disputava uma prova de fundo no encontro Benfica Sportig, nas festas da F. N. A. T; os outros foram os *tempos* alcançados pelas equipas do Benfica na estafeta 4x100 m. (Horta, Mena, Antunes, Marcenal e Barceló) 42,8 s.; e do Sporting, nos 4x1500 m (Lopes, A. Barros, J. Diogo e Marujo) 15 m. 55 s.

Na primeira estafeta os «encarnados», quedaram-se apenas a 5 décimos de segundos do *record* nacional (12.3 s); e na segunda, ficaram a 3.4 segundos

No decatlo, Tadeu de Freitas, agora, em boa forma, aposta-se para ser o vencedor, com uma pontuação de interesse. Nesta primeira ronda ganham já, o comprimento (6,90); peso (11.09); 400 m. (51,9). Perdeu, portanto, os 100 m. (J Palhoto, Bel.-11 s.) e a altura (Raposo Borges, Sp 1,72 m.

Dos doze participantes, um ficou já no caminho. José Lima, do Belenenses, que desistiu após o salto em comprimento.

Classificação no final da 1.ª jornada:

1.º, Tadeu de Freitas, Sp., 3.341 pontos; 2.º, José Palhoto, Belen., 3.094; 3.º, Raposo Borges, Sp., 2.911; 4.º, Helder Valente, Sp., 2.850; 5.º, Vítor Silva, Sp., 2.707; 6.º, Manuel Alexandre, Belen., 2.570; 7º, Rapazote Fernandes, U., 2.487; 8.º, Rosa da Silva, Cuf, 2.486; 9.º, António Gomes, Viseu e Bf., 2.467; 10.º, Joaquim Sena, Sp. 2.239 11.º, Jorge Proença, Bf., 2.082.

Nos «Nacionais», das 1.ª e 2.ª divisões, os resultados foram como segue:

220 m. barr.: — 1.º, Alberto Matos, Sp., 24.2 s; 2.º, Nuno Pires, Sp., 26,9 s; 3.º, Libertino Remourinho, Cuf, 27,2.

4x100 metros: — 1.º, Benfica (Horta, Mena Antunes, Marcenal e Barceló), 42.8 s; 2.º, Sporting, 43,6 s; 3.º, F. C. Porto, 44,3 s.

4x400 metros: — 1.º, Benfica (F. Reis, Barceló, Mena Antunes e Marcenal), 3.25,7 s; 2.º, Benfica «B», 3.26,3 s; 3.º, Sporting, 3.27,5 s.

4x1500 metros:—1.º, Sporting (C. Lopes, A. Barros, J. Digo e Morujo), 15,55 s; 2.º, Sporting «B», 16.27,2 s; 3.º, Benfica, 16.58,8 e.

200 m bar. (2.ª cat): — 1.º, Dias Santos, Cuf, 27,4 s; 2.º, Angelo Gromicho, U., 27,5 s; 3.º, Rui Sousa, U., 27,5 s.

Os resultados dos cinco primeiras provas do decatlo são as seguintes:

100 metros: 1.º, J. Palhoto, 11 s; 2.º, Helder Valente, 11,4 s; 3.g, Tadeu de Freitas, 11,4 s.

Comprimento: — 1.º, Tadeu de Freitas, 6,90 m 2.º, J. Palhoto, 6,62 m; 3.º, Raposo Borges, 6,19 m.

Pêso: — 1.º, Tadeu de Freitas, 11,09 m; 2.º, Jorge Proença, 10,67 m; 3.º, Vítor Silva, 10,59 m.

Altura: — 1.º Raposo Borges, 1,72 m; 2.º, Manuel Alexandre, 1,65 m; 3.º, Tadeu de Freitas, 1,65 m.

400 metros: — 1.º, Tadeu de Freitas, 51,2 s; 2.º, Rosa da Silva, 53,9 s; 3.º, J. Palhoto, 54,3 s.

O INQUÉRITO AOS HOQUISTAS QUE ESTIVERAM NO BRASIL

Ainda não está concluído (ao contrário do que já foi noticiado) o inquérito a alguns dos hoquistas portugueses que, no Brasil, tomaram parte nos Jogos Luso-Brasileiros.

O inquiridor oficial, Domingos da Luz Carvalho, ex-dirigente federativo, fez seguir, agora, as notificações acompanhadas das notas de culpa para a residência dos jogadores em causa: Vítor Domingos, Garrancho, Livramento Salustiano e Américo Solipa.

Os atletas podem apresentar a sua defesa, até terça-feira, por escrito, e, ainda, indicar as respectivas testemunhas, que, no entanto, não podem ser superiores a três para cada facto que conste nos artigos de acusação. Os hoquistas podem, ainda, consultar o processo se assim o entenderem.

Daqui se conclui, pois, que ainda vai levar o seu tempo até se saber, em definitivo, o resultado deste inquérito.

Hóquei em patins

TREINO DA SELECÇÃO DE JUNIORES

No pavilhão do Infante de Sagres, sob a orientação do seleccionador nacional Guilhermino Rodrigues, realizou-se mais uma sessão preparatória da selecção nacional de juniores que participará, em Espanha, no campeonato da Europa de hóquei em patins

Um misto de jogadores do Infante de Sagres serviu de equipa treinadora, tendo a selecção alinhado com os seguintes elementos: Castro, Barbot, Julio e Cristiano (todos do F. C. Porto), Vale e Camões (ambos do Valongo), Dinis e Orêncio (os dois do Parede).

A sessão decorreu agradável, tendo o responsável obtido boas indicações para o seu trabalho.

VAI RECOMEÇAR...

a ÉPOCA do TOTOBOLA a partir de 7 de Setembro

1 X 2

CADA APOSTA PODE SER UM PASSAPORTE PARA A FORTUNA

Sonarte

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A partida com o Racing, que deve realizar-se na próxima segunda-feira, em Alvalade, representa para Fernando Vaz nova (e decisiva) observação dos trunfos que pode jogar no «Nacional»

Belenenses-Atlético e Sporting de Braga-Académica hoje, à noite, no Restelo

Integrado no ciclo comemorativo das suas «Bodas de Ouro», principia hoje, á noite, o Torneio Quadrangular, de futebol, promovido pelo Belenenses, e em que participam, além da equipa «azul», os «onzes» do Sporting de Braga, da Académica de Coimbra e do Atlético.

Pràticamente a oito dias do início do Campeonato Nacional, não deixa de se revestir de muito interesse a organização deste torneio, disputado nos moldes da antiga «Taça Latina». Se o Atlético, a tentar o regresso á Divisão Maior, e o Belenenses, este ano com uma equipa mais poderosa, já fizeram a sua apresentação esta época, em Lisboa, já o mesmo não se poderá afirmar em relação ás equipas da Académica e do Sporting de Braga, que têm, pràticamente, o seu primeiro contacto ao nível nacional. Aliás, este embate, que se adivinha cheio de interesse, deve servir aos técnicos dos dois clubes para aquilatarem das possibilidades das respectivas equipas, em relação ao próximo Campeonato Nacional.

Os bracarenses, que este ano fizeram um grande esforço no sentido de conseguir uma boa equipa, uma equipa capaz de lhes proporcionar um bom campeonato, apresentam-se no Restelo com quatro jogadores que na época transacta pertenceram exactamente ao clube do Restelo: Lua, Caetano, Alfredo e Fernando, e que, certamente, tudo hão-de fazer para actuarem em pleno num campo que tão bem conhecem e ante um público que tanto os acarinhou.

A Académica, que é sempre um cartaz do nosso futebol, também apresenta novidades, entre elas o guardião Abrantes, que pertenceu ao Benfica, e que procura um «lugar ao sol». Por outro lado, há a curiosidade em observar como o actual técnico, Francisco Andrade, colmatou as baixas sofridas pela «Briosa». Estamos em crer que os estudantes, mesmo com outros elementos, não devem ter perdido as características que tornaram tão atraente o seu futebol. E este embate pode já fornecer excelentes indicações.

O encontro Belenenses-Atlético, as duas equipas já observadas, não deixa, também, de se revestir de certa curiosidade, pois permite, sem dúvida, ideias mais definidas quanto ao actual valor dos dois «onzes», ao mesmo tempo que possibilita a recordação de uma saudável rivalidade entre os clubes mais representativos dos bairros mais ocidentais da cidade.

O torneio prossegue amanhã, com jogos entre os vencidos e vencedores de hoje.

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

SPORTING-RACING EM ALVALADE?

Tudo parece encaminhar-se para que, na próxima segunda-feira, actue no Estádio de Alvalade a equipa do Racing de Buenos Aires que, recentemente, empatara sem golos com o Sporting, em Lourenço Marques.

Rangel (que pertencia ao Vitória de Setubal) ingressou no Montijo.

*

Novos valores do Cova da Piedade: Mega (ex-Sesimbra), Necas (Seixal) e Gouveia (Fut. Benfica).

*

Sérgio deixa o Belenenses para representar futuramente o Sintrense. Gaspar também deixa o Restelo: o Atlético é o seu novo clube

*

Rui Alberto (do União da Madeira) vem treinar ao Sporting.

*

Luponini (dispensado pelo Sporting de Braga) é nome que agrada ao Varzim.

*

O Barreirense pretende o concurso de Almeida (F. C. Porto).

*

Miguel Arcanjo é o novo treinador do Lourosa.

CRUZEIRO DA RIA DE AVEIRO

Organizado pela secção náutica da Associação Desportiva Ovarense, começa hoje a disputar-se na Ria de Aveiro o nono cruzeiro náutico, a que concorrem barcos das classes «Moths», «Andorinhas», «Vauriens», «Fynns», Snipes», «Sharpies», «Flyngs», «Vougas» e de «Pequeno Cruzeiro».

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL:

A contar para a «Taça de Honra», da Associação de Futebol de Setubal, o Montijo e a CUF empataram a quatro bolas, num encontro disputado no Montijo.

HÓQUEI EM PATINS:

Foram os seguintes os resultados da primeira jornada do torneio internacional, disputada ontem e promovida pelo Hóquei de Sintra: Benfica Parede, 2-0 e H. Sintra.Vilanueva, 4 5.

NATAÇÃO:

Na piscina da praia das Maçãs, realizou se um festival de natação entre as equipas representativas do Belenenses e do Clube de Natação de Sevilha.

MASCULINOS — *100 m (mariposa)*—Gonzalez (Sev) 1 m e 10,5 s.

100 m (livres) — Alarcon (Sev.), 1.02,7.

100 m (bruços — Juzman (Sev.), 1.24,4.

100 m (costas) — Alarcon (Sev.), 1.16,2.

4x50 m (estilos) — Belenenses (Freitas, Melo, Tavares e Sacadura), 2 m e 25 s.

4x50 m (livres) — Sevilha (Esquivia, Gonzalez, Alarcon e Judman), 2 m e 00,3 segundos.

FEMININOS — *100 m (bruços)* — Juana Fernandez (Sev.), 1.37,7.

100 m (costas)—Esperanza Crespo (Sev.), 1.25,1.

100 m (mariposa) — Rosa Nogueira (Belen.), 1.34,4.

100 m (livres) — Teresa Antunes (Sev.), 1.21,7.

4x50 m (estilos) — Sevilha (Teresa Antunez, Cármen, Esperanza e Juana Fernandez), 2.46,9.

4x50 (livres) — Sevilha (Teresa Antunez, Cármen, Esperanza e Amparo), 3.34,6.

HOJE À NOITE

FUTEBOL — Taça de Honra da A. F. L., da II Divisão: Alhandra-Sintrense, ás 20 e 30; e Oriental-Torriense, ás 22 e 30, no Campo das Covas, em Torres Vedras.

— Taça de Honra da Associação de Faro, em Faro: Farense-Portimonense, ás 20 e 30; e Olhanense-Lusitano, ás 22 e 30.

— Final do Torneio Início do Porto (1.ª série): Leixões-Boavista (3.º e 4.º lugares), ás 20 e 45 e Porto-Varzim, ás 22 e 45, no Estádio das Antas, no Porto.

— Torneio de Pamplona (Espanha): Vitória de Guimarães-Maiorca ás 21 e 45.

— Inauguração da luz eléctrica no Estádio Municipal de Grândola: União de Santiago-Salátia, ás 20; e Odivelas-Grandolense, ás 22.

HÓQUEI EM PATINS — Torneio Internacional de Hóquei Sintra, em Sintra: Sintra-Parede, ás 21 e 30: e Villanueva - Benfica, ás 22 e 45.

— Campeonato de Lisboa da II Divisão: Estremoz-Sporting de Torres, em Estremoz, ás 22.

NATAÇÃO — Campeonato de Portugal de Seniores e Absolutos, na piscina dos Olivais, ás 21 e 30.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

AUTOMOBILISMO

VILA DO CONDE: FIM-DE-SEMANA E FIM DE ÉPOCA

Os aficionados do automobilismo, na sua expressão mais espectacular — os circuitos — têm neste fim-de-semana, a derradeira oportunidade de saborearem, este ano, o seu desporto predilecto. Vila do Conde vai, mais uma vez, encerrar a nossa curta temporada de circuitos, uma temporada que em numero foi igual a outras, mas que em interesse e emoção se pode considerar perfeitamente positiva.

O Estrela e Vigorosa, monta hoje e amanhã a sua prova máxima, sob a direcção — que vimos sempre certa — do eng.º Carlos Fonseca, um nome grande e respeitado no panorama automobilístico nacional, ao nível de organizadores.

A pista de Vila do Conde compreende, fundamentalmente cinco grandes rectas. Da meta sai-se pela estrada marginal até uma curva quase em angulo recto, onde de velocidades extremas se passa para as mínimas. Depois, nova recta — a mais curta — e uma curva a uns cento e poucos graus, traçada dentro das ruas da vila. Acelera-se então muito, já que a curva seguinte é feita de «prego a fundo» e «a da seca» (do bacalhau...) é também muito rápida. É nesta ultima que se têm verificado espectaculares acidentes, com os carros «saindo» em frente... Que o digam, por exemplo, Francisco Santos e o R. Cavagnac! Há depois a «curva do Castelo» (próxima do fortim), que antecede a recta. É muito espectacular e muito «traiçoeira», Depois... é a meta, de novo. No total, 2905 metros. Velocidade «record»: 114,535 km/h.

O XIV circuito de Vila do Conde está a ter, hoje, (á hora de encerrarmos esta edição) os treinos para todas as categorias: Fórmula V (carros de mecanica «Volkswagen»), Turismo de Série (fabricados á cadência de 5000 unidades por ano), Turismo e Especiais (1000 unidades anuais, os primeiros e os outros com grandes transformações) e GT, Desporto e Protótipos (cujos limites e fabricação são, respectivamente, 500,25 e menos unidades em cada ano).

A grande maioria da «élite» dos nossos pilotos mais consagrados vai estar presente neste circuito. Contudo há algumas ausências e «novas» presenças.

Dois nomes grandes não estarão em Vila do Conde: Nogueira Pinto e Colaço Marques. Corredores de muito valor — especialmente o primeiro que é o actual campeão nacional — fazem sempre grande falta. Baptista dos Santos reaparece no seu belo «Palma-Galáxia».

No Turismo de série o lote está pràticamente completo (se exceptuarmos a presença do eng.º Burnay Bastos). Espera-se que Francisco Santos (neste momento o provável «leader» do «Nacional») chegue a tempo de poder alinhar amanhã, ele que hoje termina em Lourenço Marques, o «Rallye» Total.

Também no Turismo e Especiais, estarão «todos». Melhor. há a acrescentar a presença de Carlos Soa o num BMW 2002 TI (que não sabemos o que poderá), mas que é sempre um corredor a ter em muita conta.

Finalmente GT, Desporto e Protótipos reunirá os carros mais espectaculares «a nossa praça».

Na ausência e Nogueira Pinto, o duelo dos «Carrera 6» de Filipe Nogueira e Carlos Santos — não «acabado» em Montes Claros — poderá fornecer o «fim de festa em beleza» para o circuito e para a temporada — *Avelãs Coelho*

ATLETISMO

Amanhã, ás 10 horas e na quarta-feira, dia 3 de Setembro, ás 21 e 30 horas, realizam-se nas instalações do Benfica, no Campo Grande, torneios de captação de atletismo para sócios e simpatizantes com mais de 10 anos.

LOTES PARA MORADIAS
NOS MELHORES LUGARES DE CASCAIS
GRANDES FACILIDADES DE PAGAMENTO
Em óptimos locais, com lindo pinhal, para vivendas isoladas ou geminadas.
Mostra-se no local (COBRE — CASCAIS)
Proprietário: JOAQUIM BARAONA
Estrada Marginal, Lote JME-2.º C (por cima do Supermercado)
Telef. 282345-282388 CASCAIS

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15, 18.30 e 21.30
Um filme Policial-Sex 100% divertido
DIAMANTES AO PEQUENO ALMOÇO
com Marcello Mastroiani — Rita Tushingham

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 5.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
A obra fundamental de Roman Polansky
REPULSA
com Catherine Deneuve - Ivonne Fucueaux

CONDES
Telefs. 322523 326710
(M. 12 anos)
Às 15.15, 18.15 e 21.30
À MARGEM DA LEI
com Lee Van Cleef
AR CONDICIONADO

ESTÚDIO 444
(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
O clássico que desafia o tempo!
O ANJO AZUL
com Marlene Dietrich e Emil Jannings

ODEON
Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
EM 2.ª SEMANA TRIUNFAL TARDE E NOITE:
M. DE 6 ANOS
O 1.º FESTIVAL DE GARGALHADA DO CINEMA PORTUGUÊS
A CANÇÃO DE LISBOA
com Vasco Santana, Beatriz Costa e António Silva

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45 h.
Steve McQueen dinâmico e irresistível como nunca!
Um alegre e grande espectáculo
SOLDADO À CHUVA
com Jackie Gleason e Tuesday Weld

EUROPA
(Adultos) Tel. 661016
Em continuação de estreia
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sandy Dennis e Keir Dullea
em
A RAPOSA

MUNDIAL
(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
UMA CARREIRA SENSACIONAL
(Il Medico Della Mutua)
com Alberto Sordi, Bue Valoxi e Evelyn Stewart
AR CONDICIONADO

EDEN
(M. 17 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O fabuloso cómico da actualidade CANTINFLAS em
O BOLERO DE RAQUEL

TIVOLI
(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite
Reexibição do fabuloso espectáculo em 70 m/m!
CHITTY, CHITTY, BANG, BANG
com Dick Van Dyke e Sally Anne Howes

LUMIAR
C. Carriche
(M. 17 anos) Tel. 791574
Às 21.30
PÃO, AMOR E CIÚME
com Gina Lollobrigida e Vittorio de Sica
A seguir:
ARMADILHA ISTAMBUL
(M. 12 anos)

SÃO JORGE
(M. 12 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
No ciclo do cinema francês um clássico da 7.ª Arte
BRINCADEIRAS PROIBIDAS
com Georges Poujouly e Brigitte Foster

MONUMENTAL
(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15.15, 18.15 e 21.30
KRAKATOA
(A LESTE DE JAVA)
no écran gigante — 70 m/m
com Maximilian Shell e Diane Baker

POLITEAMA
(M. 17 anos) Tel. 326305
Às 15.15 e 18.15 e às 21.30
2.ª SEMANA COM O ÍDOLO MONTGOMERY WOOD
no seu melhor filme de sempre
UM DÓLAR FURADO
A história de uma sinistra vingança
Tecnicopio — Eastmancolor

RESTELO
(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30
CAMINHO PERIGOSO
com Richard Johnson e Carol Lynley

IMPERIAL
(Adultos) Tel. 45933
O NUMERO DO AMOR
O HOMEM QUE RI

LIDO
Praça D. João I — AMADORA
Às 21.30 (M. 12 anos)
O melhor filme sobre a ultima guerra mundial!
O DIA MAIS LONGO

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15, 18.15 e 21.30
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger com Ton Tryon, Rommy Schneider e Raf Valone

ALVALADE
(Adultos) Tel. 763080
Às 21.45
O CARDEAL
Um filme de Otto Preminger com Tom Tryon, Rommy Schneider e Raf Valone

AVIS
(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
Uma espantosa e divertida aventura!
3 SUPER-HOMENS EM TÓQUIO
com George Martin — Dick Gordon e Willy Newcomb
— EASTMANCOLOR —
— AR CONDICIONADO —

VOX
(M. 21 anos) Tel. 720808
Às 18.30 e 21.45
6.ª SEMANA
de lotações esgotadas
HELGA
(O segredo da maternidade)
comentado em português
(Ar condicionado)
AVISO:
É indispensavel a apresentação do bilhete de identidade àquelas pessoas cuja aparência possa suscitar dúvidas

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
A CHAMADA CAMARADA MINI-SAIA

CASINO ESTORIL
(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e às 21.30
A BRIGADA DO DIABO
com William Holden e Cliff Robertson

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

MONUMENTAL — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Ri-te, Ri-te» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «Os Direitos da Mulher» (17 anos)
TEATRO GIL VICENTE — Às 22: «A maçã» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Roma invencível» (12 anos).
PARIS — Às 21: «O dia mais longo» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Rica, bonita e para casar» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «O filho de El Cid» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «O cavaleiro vagabundo» (12 anos).
IDEAL — Às 21: «Tomy Rome investiga» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «O estrangulador de Boston» (17 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O voo fatal» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21 e 15: «Os 4 filhos de Katie Elder» (12 anos).
ORIENTE — Às 21 h: «Homens que são feras».
CASTANHEIRA — Às 21 h: «Ataque á muralha do Atlântico» (12 anos).
B. ENCARNAÇÃO — Às 21: «A justiça de Gringo» (12 anos).
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 45: «Genghis Khan, o conquistador» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Os Dominadores» (12 anos).

● Linha de Cascais

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Os guerrilheiros do Sahará» e «O alto, o baixo e o gato» (12 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «As férias grandes» e Barbara Negra o pirata» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 21 e 30: «A brigada do diabo» (17 anos) e CINE-ESPLANADA — Às 21 e 30: «O desconhecido desejado» (17 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30 «Sinfonia para um inimigo» (17 anos).

● Linha de Sintra

DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Mal por mal... antes com elas» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: O maior espião da História» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Pistoleiros do Arizona» e «O rapaz atómico» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «7 mulheres» e «Margarida Gautier» (17 anos).
CACÉM — CINEMA S. JOÃO — Às 21: «O último comboio do Katanga» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30 «A pistola do mal» (12 anos)
ERICEIRA — CASINO — Às 21: «Interlúdio de amor» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Conflitos de alma» (12 anos).
COSTA DA CAPARICA — CINE-COPACABANA — Às 21: «Os ossos do ofício» e «Dias de férias» (17 anos)
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21: «Yang Tsé em chamas» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 30: «Sete dólares de sangue» (17 anos).

Logan's
Scotch Whisky de luxe of White Horse

IMPORTADO DIRECTAMENTE DA ORIGEM
AGENTES
COSTA PINA & VILAVERDE, LDA.
RUA DO BONJARDIM 420 — PORTO
J. A. DA COSTA PINA, LDA.
RUA DO ALECRIM, 73 — LISBOA

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno F

AJUDA — Lidia Almeida, Calçada da Ajuda, 70 (6373 8)
ALCANTARA — Probidade, R. Alcantara, 15-B (638589)
ALFAMA — Anunciada, R. do Vigário, 74 (866360)
ANJOS — Guerra, R. Andrade, 32-36 (8455 3)
AREEIRO — Central do Areeiro, Av Paris, 2 e 2-A (720820) ● Belo, Avenida de Roma, 53-A (7763 4)
ALTO DO PINA — Eusil, R. Barão de Sabrosa, 04 (84 9 2).
ALVALADE — Alentejo, Av Igreja, 28-B (7 2682) ● Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (765262) ● Estados Unidos, Av Estados Unidos da América, 6-B (725859).
ARROIOS — Aliança, Av Almirante Reis, 45-B-C (50487).
AVENIDA DA LIBERDADE — Geléníca, R. das Pretas, 2-14 (322588)
AVENIDAS NOVAS — Cerdoto, Lda., Av Visconde Valmor, 28-A-B-C (77229) ● Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (43938) ● Latina, Av. António Augusto de Aguiar, 17-A (42312).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R 27, n.º 41 (731216).
BAIXA — Internacional, R. do Ouro, 228 (322017-30203).
BELÉM — Restelo, R. Duarte Pacheco Pereira, -C (Pedrouços) (610741).
BENFICA — Marques, Est de Benfica, 648 (700096) ● Vitex Est. Benfica, 373-B)780548) ● São João — Estrada da Luz 124-A (Tel 780548)
CAMPO DE OURIQUE — Almeida, R. Silva Carvalho, 36 (681726). ● Condestável, R Coelho da Rocha, 19 (666206)
CAMPOLIDE — Imparcial, R General Taborda, 28 (68093) ● Rualto, Lda., R do Alto do Carvalhão, 5-A, 5-B (65 72)
CAMPO GRANDE — Santa Maria, Avenida 5 de Outubro 283-A (763016)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE DE REDONDO — Contemporanea, R Conde de Redondo, 26-30 (45048)
ESTRELA — Aurélio Rego, Calç. da Estrela, 39 (66758)
GRAÇA — Progressiva, R de St. Marinho, 8 (863619) ● Alves de Carvalho, R do Vale de Santo António, 1-9 (840 25)
JANELAS VERDES — Infante Santo, R. Olival, 290 (66 003)
LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R Lumiar, 22-24 (790332)
MARQUÊS DE POMBAL — Vieira Borges, R Alexandre Herculano, 28 (40536).
OLIVAIS — Fernandes Borges, R. C, 3, lote 300 (3 09) ● Central dos Olivais, Rua Alferes Barrilaro Ruas 1-C — Olivais Norte (3 5539
PALHAVÃ — Curie, Av Madame Curie, 5-A (778439)
PENHA DE FRANÇA — Dimer, R. Conde de Monsaraz, 17-B (842533)
PICHELEIRA — Marlus, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 e 728395)
PRINCIPE REAL — Oliveira, R. D Pedro V 23-25 (327880).
REGO — Prates & Mota, R. do Beneficência, 9 (773728)
SANTO AMARO — Santo Amaro, Rua Filinto Elisio 29-A-B (637070)
S. BENTO — Valentim, R do Poço dos Negros, 88-90 (679453).
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Grilé, R do Grilo, 25
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — Rua Francisco Marques Beato, 45-A (Tel 25 234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (Tel 213953)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, -A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, Rua Costa Pinto, 86 243 20 34)
OEIRAS — Godinho — R Cândido dos Reis, 98 (Tel 2430090)
PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87-A (Tel 2471204)
ESTORIL — S João — S. João do Estoril (Tel 26 86)
MONTE ESTORIL — Suiça, Cruzeiro (260087).
CASCAIS — Marginal, Av.ª Marginal (280078 ● A. Costa, R. Freitas Reis 24 (2802 4).

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I — Lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ● Central, Av.ª Cardoso Lopes 25 (932210) ● Igreja, P da Igreja, 22-A (Tel 937740) ● Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1 Reboleira (Tel 938924)
DAMAIA — Lemos — R. de Goa, 8-A (Tel. 971121).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ● «Zeller», R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central — R. Elias Garcia, 55 (Tel 2940034)
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins, 285 (T 29100 2)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Marrazes (Estefânia) — Largo Afonso de Albuquerque (980058)
COLARES — Colares — Abrein (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 5 (Tel. 234100).
ALHOS VEDROS — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 50 (22 40 20).
ALMADA — Galeno, R. Capitão Leitão, 85 (2760565.
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 14 Tel. (224302)
BARREIRO — Higiénica, R. D. Manuel I, 178 (22730 7)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 270121)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (23 90 29
MONTIJO — Montepio, R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis 67 (Tel 229028) 2 45 58)
SETÚBAL — Marques, R. Arronches Junqueiro (2 27 83) ● Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12
SEIXAL — Godinho — L. da Igreja 5 (Tel 22 8580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

AGUA, GAS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ● Companhias Reunidas, 537011 ● Gazcidla 538821 ● Gazcidla (dom. e feriados) 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ● Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R — Serviço de emergência, 115 ● Segurança Publica, 366141 ● Judiciária, 535380 ● Marítima, 326456 ● Internacional, 362721 ● Viação e Trânsito, 42205 ● G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ● Enfermagem permanente, 766161 ● Enfermagem de urgência, 43738 ● Hospital de Santa Maria, 775171 ● Hospital de S. José, 860131 ● Sangue, oxigénio e soros, 771168 ● 771169 ● Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ● Centro de Intoxicações (informativo), 76777 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● Caminhos-de-ferro (C. P.) 869029 ● Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ● Estação fluvial (T. Paço), 325345 ● Estação Marítima de Alcântara, 663195 ● Estação Marítima da Rocha 672445 ● Estação fluvial (Belém), 638531

BOM APETITE

Restaurant CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(M. 5 anos)

MAIA
R. DAMIÃO DE GÓIS, 32-B
Tel. 212705
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
Mariscos recebidos directamente

NOVO RESTAURANTE E SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA - SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE MONDEGO
COZINHA À PORTUGUESA
TRAV. DO FORNO, 15 e 19 (ao Rossio)
TELEFONE 36 81 60

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
Aos Sábados e Domingos
JANTARES DANÇANTES
com o conjunto privativo
AMBIENTE FAMILIAR
AR CONDICIONADO
Parque privativo para automóveis
(Encerrado às 3.ª-feiras)
(Maiores de 15 anos)

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de
Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 84-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA. Telex 1383
Lisboa 2 — Portugal

Fernando Mendes em segundo lugar da classificação geral

(Continuação da 1.ª página)

ras e 7 minutos quando foi dada a partida aos 42 ciclistas para disputar a 24.ª tirada, Seia-Avelar, na distancia de 157 quilómetros.

Poucos quilómetros após a partida o benfiquista Américo Silva deu um fortissimo «esticão», levando na sua «roda» o portista Joaquim Leite. O pelotão, porém, reagiu imediatamente e em breve a fuga estava anulada.

Pouco depois, foi a vez de um corredor do Tavira, José Diogo tentar a sua sorte, mas a oposição dos adversários não lho permitiu.

A primeira hora da prova foi percorrida em excelente velocidade. O pelotão, embora não tenha havido qualquer desmembramento, percorreu neste período exactamente, 42 quilómetros.

A «meta volante» estava instalada em S. Martinho da Cortiça. A ordem de passagem foi a seguinte: 1.º Pedro Moreira, Benfica, 1 h. 19 m. 16 s.; 2.º, Firmino Bernardino, Sporting; 3.º, Vítor Rocha, também do Sporting, seguidos do pelotão.

Com esta vitória, Pedro Moreira já ganhou, praticamente, o prémio das «metas volantes».

Mantendo excelente velocidade o pelotão atravessou depois a Lousã, onde foi dispensada calorosa recepção, não só aos ciclistas, como também a todos os membros da caravana voltista. Nesta localidade, estava instalada a meta «Um Portugal desconhecido». O portista Joaquim Leite conseguiu adiantar-se ao pelotão e conquistar o respectivo prémio. Os principais favoritos, Joaquim Andrade, Fernando Mendes e Joaquim Agostinho vigiando-se atentamente pedalavam a meio da coluna que era, na altura, comandada por Firmino Bernardino.

A ordem de passagem no Alto da Serra foi a seguinte: 1.º, Fernando Mendes; 2.º, Joaquim Andrade; 3.º, Mário Silva, e 4.º, Joaquim Agostinho.

Classificação geral após a etapa de hoje

		H.	M.	S.
1	J. Andrade (Sg.)	68	41	24
2	F. Mendes (Bf.)	68	41	36
3	M. Silva (Porto)	68	41	41
4	Agostinho (Sp.)	68	41	57
5	Bernardino (Sp.)	68	46	44
6	J. Pacheco (P.)	68	47	19
7	J. Azevedo (P.)	68	50	31
8	Joaq. Leão (P.)	68	52	21
9	A. Silva (Bf.)...	68	53	30
10	A. Graça (Tav.)	68	53	59
11	J. Pinhal (Bf.)	68	54	31
12	A. Fortes (Bf.)	68	54	41
13	H. Oliveira (Sg.)	68	55	10
14	L. Miranda (Sp.)	68	55	21
15	V. Rocha (Sp.)	68	57	11
16	H. Niel (F.C.P.)	68	58	24
17	J. Eduardo (Bf.)	69	01	14
18	Man. Costa (Bf.)	69	01	17
19	Vitorino (Bf.)...	69	02	49
20	J. Roque (Sp.)	69	03	02
21	Man. Luís (Bf.)	69	04	33
22	V. Cardoso (Bf.)	69	04	49
23	J. Coelho (A.)...	69	05	11
24	Joaq. Leite (P.)	69	05	26
25	A. Teixeira (T.)	69	06	25
26	P. Moreira (Bf.)	69	07	47
27	Tenazinha (Sp.)	69	08	46
28	J. Moreira (C.)	69	09	34
29	Rodrigues (Bf.)	59	12	23
30	S. Páscoa (Sp.)	69	12	59
31	Martins (Tav.)	69	13	48
32	Domingos (Sp.)	69	14	07
33	M. Castro (Amb)	69	17	06
34	Duarte (Sang.)	69	19	08
35	Oliveira (Sang.)	69	19	24
36	Pereira (Coel.)	69	20	49
37	A. Pereira (C.)	69	20	56
38	N. Timóteo (Sp.)	69	22	53
39	M. Mestre (Tav.)	69	25	44
40	A. Salazar (Coel.)	69	28	17
41	J. Diogo (Tav.)	69	45	36
42	W. de Sá (Amb.)	70	00	37
21	H. Oliveira (San)			
22	J. E. Santos (Bf.)			
23	D. Vitorino (Bf.)			
24	J. Roque (Sp.) ...			
25	Man. Luís (Bf.)			
26	V. Cardoso (Bf.)			
27	J. Coelho (Amb.)			
28	A. Teixeira (T.)			
29	Tenazinha (Sp.)			
30	Wil. Sá (Coel.)			
31	S. Páscoa (Sp.)			
32	F. Martins (T.)			
33	P. Doming. (Sp.)			
34	M. Castro (Amb.)			
35	N. Duarte (Sg.) ..			
36	C. Oliveira (Sg.)			
37	J. Pereira (Coel.)			
38	A. Pereira (Coel.)			
39	N. Timóteo (Sp.)			
40	M. Mestre (Tav.)			
41	A. Salazar (Coel.)			
42	José Diogo (Tav.)	m. t.		

A ORDEM DE CHEGADA A AVELAR

1	L. Miranda (Sp.)	4	21	04
2	F. Mendes (Bf.)			
3	P. Moreira (Bf.)			
4	H. Niel (F.C.P.)			
5	J. Leite (F.C.P.)			
6	J. Agostinho (Sp.)			
7	M. Costa (Bf.) ...			
8	J. Moreira (Coel.)			
9	J. Andrade (Sg.)			
10	A. Silva (Bf.) ...			
11	P. Rodrigues (Bf.)			
12	J. Azevedo (P.) ...			
13	M. Silva (F.C.P.)			
14	V. Rocha (Sp.) ...			
15	F. Bernard.º (S)			
16	J. Pacheco FCP			
17	J. Leão (F.C.P.)			
18	A. Graça (Tav.)			
19	J. Pinhal (Bf.)			
20	A. Fortes (Benf.)			

Ténis nas Caldas da Rainha

Nas Caldas da Rainha efectua-se hoje um encontro de ténis em que são oponentes as equipas representativas daquela cidade e a selecção da Guiné. Os jogos efectuam-se pelas 15 e 30 horas, nos «courts» instalados junto do Hospital Rainha D. Leonor.

À noite, no Casino do Parque, são distribuídos valiosos troféus durante um baile.

tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado e o vento era fraco ou moderado do quadrante norte

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Alvalade, 37°; mínima: Montalegre, 11°,9.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 21°; Penhas Douradas, 13°; Coimbra e Funchal, 22°; Portalegre, 20°; Lisboa, 18°; Faro, 28°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 19°,6, na água do mar: 17°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado, vento fraco ou moderado do quadrante norte. Neblina ou nevoeiro locais.

Amanhã
Nascer ás 7 e 04
Ocaso ás 20 e 09

Dia 3 Dia 11 Dia 19 Dia 25

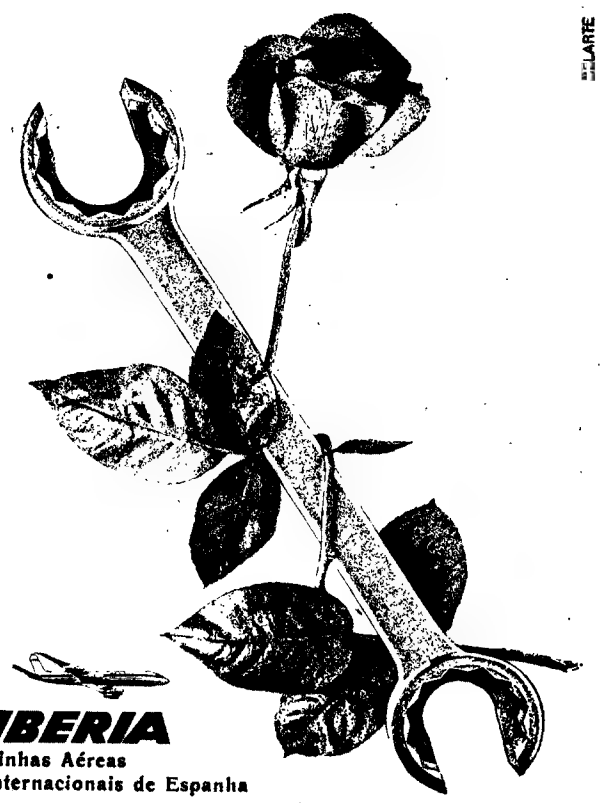
MARES:

PREIA-MAR. Dia 30 — 6 e 08 (4,2 m); 18 e 27 (4,4 m). Dia 31 — 6 e 45 (4 m); 19 e 07 (4,1 m) Dia 1 — 7 e 28 (3,8 m); 20 e 50 (3,8 m). BAIXA-MAR: Dia 30 — 11 e 47 (0,8 m). Dia 31 — 0 e 13 (0,9 m); 12 e 25 (0,9 m). Dia 1 — 0 e 49 (1,1 m); 18 e 02 (1,2 m)

A ARISTOCRÁTICA CASCAIS VAI TER O PRIVILÉGIO DE APRESENTAR PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL O FABULOSO
SATÉ

Em LEIRIA o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Baltazar & Rodrigues, Rotunda de Santana, 1

Pense em Joanesburgo:



DELARTE

IBERIA
Linhas Aéreas
Internacionais de Espanha

Pense em Iberia:
Onde só o avião recebe mais atenções que V.

IATA 1919-1969

Consulte o seu agente de viagens ou IBERIA · Av. da Liberdade, 107
Informações e bilhetes, telef. 562018
Reservas, telef. 539571

LATINA

TERMAS DE MONFORTINHO

Abertas de 1 de Setembro a 15 de Novembro

Magnífica estância de repouso e tratamento, com um clima sedativo de média altitude e dispondo de adequadas instalações hoteleiras

HOTEL DA FONTE SANTA
1ª classe
Telef. 44104/5

HOTEL ASTÓRIA
1ª classe
Telef. 44205/7

Junta de Turismo de Monfortinho — Telef. 44223

— A «ÁGUA DA BELA VISTA» À FRENTE DAS ÁGUAS DE MESA

À VENDA EM TODO O PAÍS
EM LISBOA:
LISÁGUA DISTRIBUI
Pedidos — Telefs 553336-553809

NOVO CASINO ESTORIL

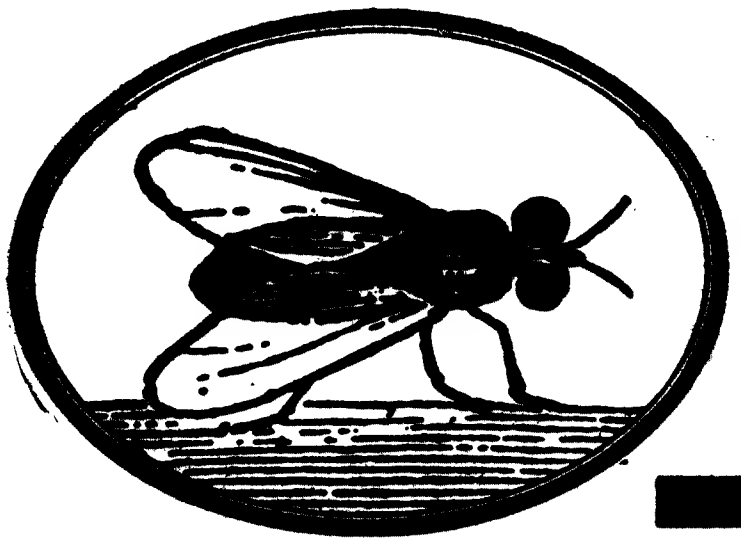
AMANHÃ
«MATINÉE», às 17 horas
NO WONDER-BAR
TSAI SISTERS
● FREDIANI BROTHERS
● NORBERTO MARTINHO
● BLUEBELL GIRL'S SHOW
MUSICA PARA DANÇAR
SHEGUNDO GALARZA
E SEU CONJUNTO
JIRINA'S COMBO
TRINDADE FERRER
E SUA ORQUESTRA
(M. 17 anos)
Preços
Chá completo: 40$ (taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, ás 17 horas
«MATINÉE» INFANTIL
(M. 6 anos)
e às 21.30
«A BRIGADA DO DIABO»
(M. 17 anos)
AMANHÃ, às 17 e 21.30
«TESTEMUNHA SUSPEITA»
(M. 17 anos)
Ambiente climatizado

BALÃO VERMELHO

JÁ PODE VESTIR-SE ONDE VESTIA SEUS FILHOS E NETOS

BALÃO VERMELHO
E NOVA SECÇÃO N.º 3
AV. ANTÓNIO AUGUSTO AGUIAR [illegible] Telef. 41279



HÁ
SEMPRE
UMA MOSCA
DESCONHECIDA
À
SUA ESPERA

21

AQUI SE FAZ RELATO DO GENUÍNO E AUDAZ MINI-GOLFE DO POBRE

SEGUNDO OS CRONISTAS DE «A MOSCA» E OS TESTEMUNHOS LOCAIS

As bolas empurram-se para os buracos. **Jota Elle,** repórter internacional de «A MOSCA», não perdeou. Foi assim que o berlinde foi promovido a golfe do pobre

MOSCA

O GOLFE DO POBRE P'RA NÃO VOLTAR PALMO ATRÁS

Todos os dias, chova ou faça sol, eles estão no largo. É um largo pequeno, de vilória dos arredores de Lisboa. Estão curvados, medindo a palmo o terreno liso, semeado de pequenas covas. Firmam o dedo mínimo no chão e usam os polegares e os médios como catapulta, arremessando á distância necessária e na direcção pretendida as pequenas bolas de vidro baço ou colorido.

Quando alguém passa, eles não olham a menos que, quem quer que seja, leve saias e destas espreitem umas pernas que valham a pena; mas têm realmente que valer a pena, pois não são quaisquer pernas que distraem os jogadores no momento de fazerem os lances.

Os julgadores locais de actos alheios por conta própria, defensores das instituições e solteironas acicatadas desdenham daqueles homens ali dobrados pelos rins como os quase desaparecidos calceteiros de granítica paciência. As normas são disparadas com silenciador de afuzilados e invejosos dedos indicadores cuja mira se centra no meio do grupo e grandes bocas, as bocas locais da moral, em nome oficioso da decência, rasgam-se para os forasteiros e acusam:

— **Olhem para eles. Olhem para aquilo. Uns homens!!! Sabem como lhes chamam? São os «Reis do Trabalho».**

No fundo, eles nem encolhem os ombros, que não são homens disso, são apenas jovens dobrados pelos rins que fazem as suas apostas nas bolas que arremessam, com a perícia dos velhos e bons tempos da instrução primária. Para quê encolher os ombros? Eles esperam. Simplesmente esperam. Esperam curvados, dobrados pelos rins mas de vida mais direita do que todos os outros de Pombal, a localidade perto de Lisboa, no concelho de Loures, em cujo largo eles jogam curvados ao berlinde. O berlinde, se quisermos atentar por este ângulo, é o golfe do pobre Ele não precisa de «clubs» para que a pequena esfera de vidro seja disparada à distância, de carambola rápida, seca ou deslizar suave, medido, até ao buraco pretendido. E — ó vozes da decência! Defensoras oficiosas da mediocridade, do servilismo vertical — atentem bem, detenham-se um pouco junto desses homens e sintam, mas irra! Sintam mesmo, o que há nessa frase de tão velhos e perdidos anos de todos nós:

— **P'ra não voltar palmo atrás...**

Lembram-se? Vá digam se se lembram ou não desses momentos felizes dos joelhos escalavrados e dos braços partidos com frequente regularidade, das viagens clandestinas nas cancelas dos eléctricos, da trapeira, do velho dos gelados (no Verão) ou das castanhas (no Inverno). Vá, digam se se lembram, pensem se já alguma vez se esconderam do polícia, ou se foram agarrados pelo braço e levados até lá, onde está o papão-mor que não deixa os meninos quando não comem a sopa. Ó criaturas infelizes! Como podem vocês querer compreender esses homens de voz grossa e barba rija que ainda há pouco estavam de bibe ou de calção e agora são o que vocês vêem, homens feitos, homens a jogar o ber-

(Continua na 14.ª página)

espiral

PORQUE TENHO TANTO CABELO E VOCÊ NÃO TEM?...

Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz. Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrês...». Quer saber o segredo? Vê este frasco? É Personal, o tónico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientìficamente preparada. Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistemàticamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurno na sua toilette matinal. Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrês...» Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é

PERSONAL

À venda na sua farmácia habitual

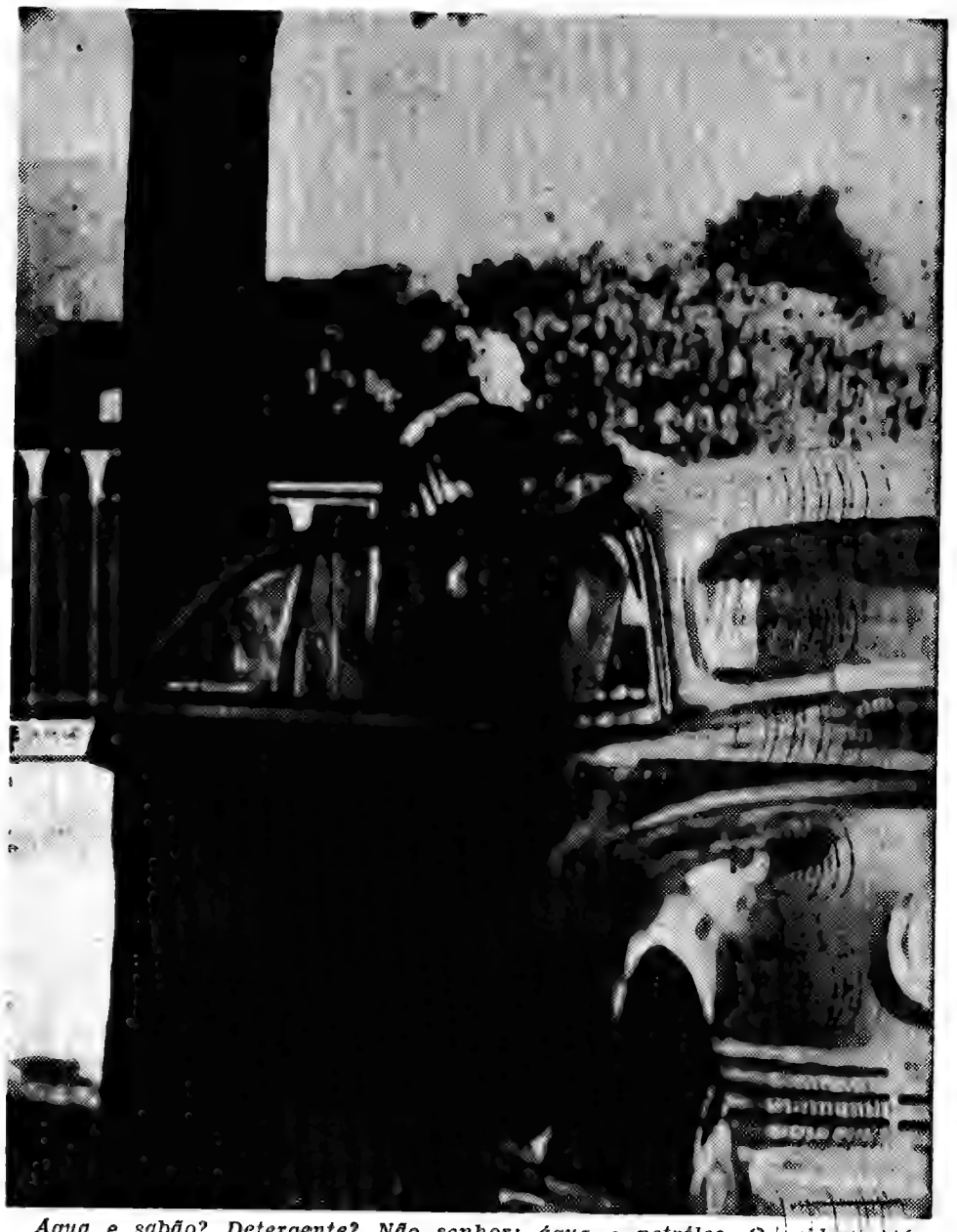
Representantes: Aymami Peig Lda.

Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

O LIMPA VIDROS

Texto de Pedro Alvim

«Limpo por dia os vidros de dez, quinze carros. É um trabalho que exige paciência e saber. O petróleo nunca deve estragar os estofos... Nem o petróleo, nem a água»



Água e sabão? Detergente? Não senhor: água e petróleo. Os vidros até reluzem... E tudo se vai: o hálito, a cuspidela, o arroto, a gargalhada com perdigotos. Água e petróleo: a higiene dos vidros dos automóveis.

Fazia có-có
E cuspia para o chão
Quando via um menino
A brincar com um pó-pó

O destino pode ser isto: nascer para limpar vidros durante dez, vinte, trinta anos. Vidros rectangulares, vidros quadrados, vidros oblongos. Vidros de automóveis.

— Aquele homem — disseram-me — nasceu para limpar vidros.

Atentei nos carros estacionados: carros que são alugados para casamentos, baptizados, funerais. Dias de alegria, dias de tristeza. Carros que para tudo servem, espiando os clientes na Rua Actor Taborda, os faróis atentos como olhos de vendedor. (Acesos, de noite, quando tudo acaba). Estacionados, arrumados, prontos a servir: por X.

—Mas este homem— insisti — só tem limpado vidros durante toda a vida?

— Só.

Lembrei-me dos vidros da instrução primária, partidos com uma pedra ao fim da tarde. Teria esse homem também apedrejado janelas, de nariz no ar e pés rápidos? Teria?

— Não sei — disseram-me. — Sei que sempre o tenho visto aqui, sempre e sempre, a limpar os vidros dos automóveis. Assim careca, assim magro como um cabide.

Era manhã, começo de todos os dramas e comédias, e o homenzinho, com uma camisa branca nas costelas magras, lá andava a limpar os vidros de todos aqueles longos automóveis alinhados ao longo da rua. Parecia um insecto nos vidros, ora aqui, ora ali, expelindo gotículas de água talvez detergente.

— Há trinta anos que actua assim — disseram-me.

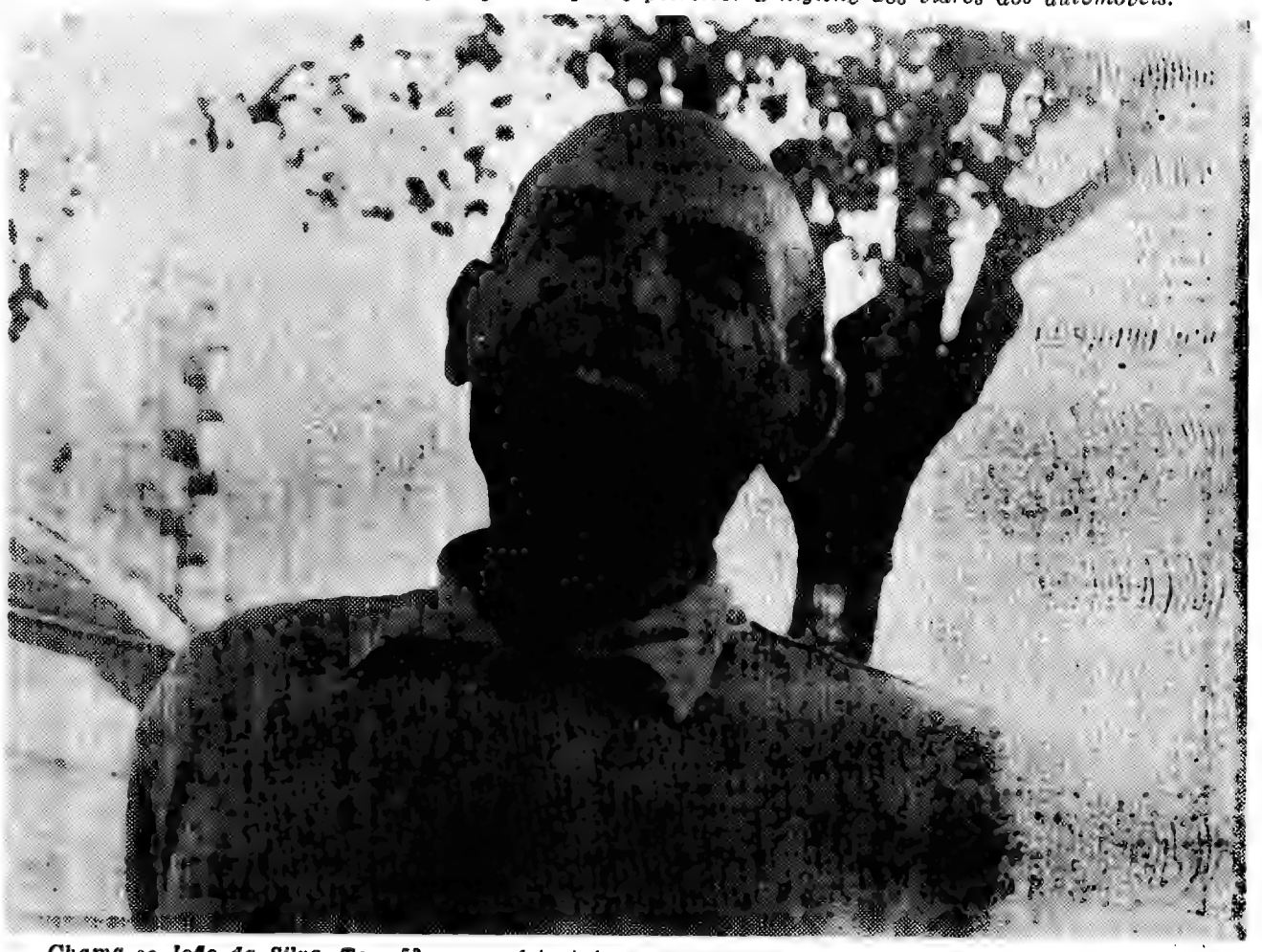
Eu disse:

— Talvez há trinta anos utilizasse sabão e não detergente.

— Que importância tem isso?

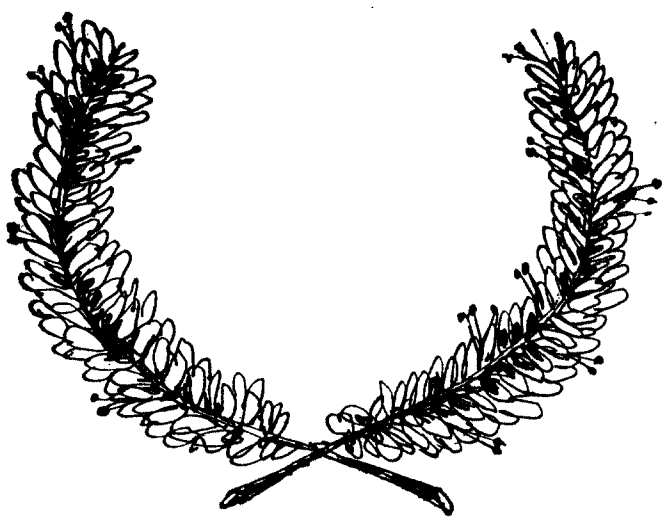
Efectivamente, sabão ou detergente, não tinha importância nenhuma. O que interessava era que os vidros ficassem limpos e o homem consumisse as horas do seu trabalho diário.

Hoje um casamento, amanhã um funeral, aquele homenzinho, sem um cabelo, magrinho como um cabide, estava-se nas tintas para tudo: a sua missão na terra limitava-se a limpar o hálito com que as pessoas impregnavam os vidros dos automóveis — o hálito, o arroto, a cuspidela, a lágrima, o riso cariado, o fumo dos cigarros. Uma vez tudo limpo, tudo limpinho, chegava a casa e fazia có-có. Fazia có-có—e cuspia para o chão quando via um menino a brincar com um pó-pó.



Chama-se João da Silva. Tem 53 anos e há vinte e oito que limpa vidros de automóveis. Quanto ganha? Um conto e oitocentos por mês. Contente? Contente. Enfastiado? Assim, assim... O homem temia as palavras: como seriam estas interpretadas pelo patrão? O jornalista adivinhou-o (ou não?) e escreveu o que ele não disse

CETAVLEX
PARA AS QUEIMADURAS DO SOL



P'ALMADA

Citado, recitado, antologiado, entrevistado, fotografado, cinematizado, zipzipado; reverenciado, solicitado, encomendado, premiado, medalhado, muito cumprimentado; afadigado, multiplicado, ziguezagueado, de rabo alçado, Almada é mesmo um caso arrumado. Poeta, polemista, articulista, conferencista, romancista, caricaturista, memorialista, dramaturgo, cenógrafo, decorador, desenhador, pintor, actor, bailarino, investigador e o mais que seja de génio-em-vida já não se safa, tudo nele carimbado para os ohs! enternecidos dos amantes da Arte está-se mesmo a ver que da vanguarda e em caixa alta. Tem sido um ver se te avias na adoração, espantação & promoção do eléctrico artista — e o nosso herói, pelos vistos, a tal se presta com desportivo sentido de companheirismo (diz-me com quem andas...) e aquele poder de sedução, aquela autoridade na afirmação, aquele fervor na convicção que transformam o bicho-gato em pitéu de lebre, o gaguejo em oratória e a banalidade em chave da sabedoria.

Como ninguém gosta de passar por parvo (e como em terra de cegos, etc., etc.) os críticos esbarrondam-se em alquimias críticas, os compradores em compras e os sistemáticos admiradores em cada-vez-mais-sistemáticas admirações. Convém. Isto da Arte está pela hora da morte, há por aí fulano que se propõe escritor ou pintor ou dramaturgo sabe-se lá com que (secretos) designios (turvas intenções ou (pernicio-sos) sectarismos — e nesta (lamentável) conformidade é de facto descansativo haver um Almada assim tão prestável, tão missionário, tão gloriosamente público — numa palavra — tão zip. Almada é assim a nossa estátua no nicho sacrossantíssimo das Artes, o nosso Dantas modernista, o nosso génio caseiro, o nosso ripanço, o nosso embevecimento, o nosso luxo. A medalha fica-lhe pois a matar— tão bem como o cravo na lapela (se jantarinho no Grémio (sic) Literário) e a boina à espanhola, a que só falta o ramo de louro.

Comovido, agradecido, com a consciência do dever cumprido, Almada retribui. E bota pintura neo-académica (ou nem sequer **neo**, mas assim a-modos-que-geométrica, muito ilustrativa, muito cartaz em **écran** gigante) e olha para as camaras que lhe perpetuarão a efígie e diz, para selectas assistências selectas, coisas definitivas como estas, que disse em Amarante: **1) Nós temos um à-vontade para fazer afirmações! Que são dikas até oficialmente!... Nós vemos que envelheceu a Universidade!... Estou a reproduzir palavras do senhor Presidente do Conselho...; 2) Nós não temos que receber nada lá de fora. Aquilo que seria anúncio lá de fora — já chegou!; 3) O meu médico não me permitiu que eu falasse mais de um quarto de hora. Nem de pé; 4) A impressão que me dá Amarante é isto: Eu acho isto uma coisa única em Portugal! De gente, de orografia, de situação. E inclusive, mesmo debaixo do ponto de vista cultural, muito e muito me impressiona o que representa Amarante! Eu vejo aqui nas Artes e nas Letras dos nomes mais ilustres que temos tido em Portugal. Estão a ouvir? E passa bastante da meia dúzia! E tudo num rincão tão pequenino!**

Convenhamos: o outro Dantas não diria melhor que este Dantas que foi **anti.** E se ao outro lhe ficava muito bem o académico barrete ramalhudo, é de justiça, urge, impõe-se embarretar igualmente o José Dantas de Almada Negreiros!

LONDRES é tudo isto... e muito mais!

**Todos os encantos e grandiosidade de uma velha cidade Europeia,
as mais britânicas tradições e as mais ousadas inovações.
Capital do tempo, onde o passado e o presente têm a mesma juventude.**

A TAP leva-o a LONDRES.

Utilize as nossas tarifas especiais
e a tarifa nocturna (esta até 31 de Outubro)

através do mundo
em boa companhia

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

Consulte o seu Agente de Viagens... e deixe a viagem a nosso cuidado

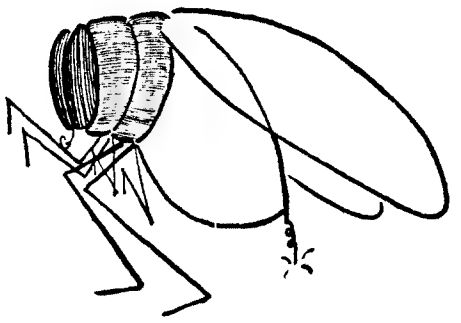
MARCA-T-E-63

Ela revelou o nome do traidor que entregou Guevara aos homens de Barrientos: Félix Ramos

CHANEL VIETNAM LA HIGUERA

Michele Ray foi a jornalista que revelou ao mundo os pormenores da morte de Che Guevara. E com uma certa surpresa dos leitores: é que Michèle era um antigo modelo de Madame Chanel e uma amadora de corridas de automóvel. Como repórter de «Le Nouvel Observateur», deslocou-se, em 1966, ao Vietnam. Os «vietcongs» prenderam-na: vinte e um dias de interrogações. Tempo depois, Michèle foi parar à Bolívia, atraída pela morte de Che Guevara, agora como enviada do «Paris Match». E contou a morte, então, daquele que desejou transformar a Bolívia...

Antes de mais, Michèle pretendeu ter acesso ao diário do guerrilheiro morto. Isso porém revelou-se impossível. E sómente em La Higuera Michèle conseguiu pormenores por que todo o mundo ansiava: tratava-se de um relato seco, com a transcrição de diálogos colhidos por testemunhas oculares, de palavras seguras, como pedras, atiradas ao rosto de milhares e milhares de pessoas que sabiam da existência (escondida) de Che Guevara. Michèle tudo escreveu.



A VAREJEIRA

O artigo intitula-se «HOMENS DE TEATRO?», vem publicado na página 4 da revista Nova Antena de 15 de Agosto (N.º 42) e é assinado por M. L.

Recomendamos a leitura deste artigo a todos os que estejam interessados em compreender o que se passa no teatro português porque o artigo é uma peça preciosa para o estudo do momento presente — uma peça verdadeiramente preciosa.

Começa M. L. por nos esclarecer acerca dum ponto que há muito nos preocupava: a censura nos países ocidentais onde ela existe tem a natureza duma «retribuição», já que se destina a «retribuir» o comportamento dos países do leste, onde não é permitido propagandear o «mundo livre», que presumimos seja a parte do mundo ocidental onde não há censura. Não conhecíamos a tese, mas ficamos inteiramente esclarecidos acerca deste ponto que é, aliás, secundário porque o que interessa ao sr. M. L. é demonstrar que os «homens do teatro português» são uns politiqueiros ignóbeis mais dados à chicana do que ao teatro pròpriamente dito. A música deste fado corrido é antiga e não honra o sr. M. L., mas a letra é nova ou melhor, estamos perante uma adaptação aos novos tempos duma letra também já antiga.

O argumento do sr. M. L. é simples e resume-se fàcilmente: durante uns tempos a Censura impediu que subissem à cena algumas peças escritas por autores portugueses que se queixavam amargamente — esta amargura é do sr. M. L. — do veto que pesava sobre as suas obras e agora, que segundo informa o sr. M. L. — e só o sr. M. L. — este veto foi levantado, os referidos autores portugueses impedem a montagem das suas peças, com grande mágoa, presume-se, do sr. Morgado e dos restantes empresários.

Porquê?

O sr. M. L. esclarece: porque os referidos autores pretendem colocar as autoridades no papel de «presas por terem cão e presas por não terem cão».

E tudo isto porquê?

Porque os mesmos autores receiam que as suas peças não tenham em cena o êxito que tiveram em letra de impresa — o sr. M. L. graceja mesmo, com o «talento formidável, extraordinário e revitalizador» dos tais autores portugueses agora (ao fim de tantos anos!) sùbitamente acobardados.

Antes de concluir com alguns lugares-comuns moralizantes mas de efeito garantido nos meios a que certamente destina o seu artigo, o sr. M. L. indigna-se contra esta atitude ignóbil dos dramaturgos portugueses e afirma do alto da sua indignação que esta habilidade infantil tem de ser desmascarada junto do grande público que gosta de teatro.

Tem o sr. M. L. razão, toda a razão — e para lhe provar que lha damos, desafiamos pùblicamente o dito senhor a indicar os nomes dos dramaturgos portugueses que se recusaram, por motivos políticos, a que as suas obras fossem representadas.

É que urge, realmente, saber quem é que anda a fazer habilidades infantis — serão os dramaturgos portugueses ou serão os srs. M. Ls. que para aí vegetam em cima de intriguinhas mais ou menos destinadas a servir interesses bem definidos?

Se o sr. M. L. não indicar os nomes dos referidos dramaturgos, voltaremos ao assunto para lhe explicar em termos muito claros e objectivos umas coisas que ele anda a pedir que lhe expliquem.

E para rematar, diremos o que ficamos a pensar do sr. M. L. e das suas politiquices.

Sr. M. L.: queremos os nomes dos dramaturgos portugueses que não permitem, por motivos políticos, a subida à cena de obras suas recentemente libertadas e se o senhor tiver a coragem de explicar que escreveu o seu artigozinho baseado em informações que lhe deram, queremos saber quem lhe encomendou o sermão — é que isto cheira a empresário preocupado que tresanda...

Olhe que não estamos a brincar, sr. M. L.

O senhor riu primeiro, mas o último a rir... sabe o resto, não sabe?

HÁ SEMPRE UM PORTUGAL DESCONHECIDO (*)

Em boa hora se iniciou a campanha do Turismo interno. Em boa hora a Imprensa e a TV secundaram a iniciativa. *A MOSCA* apoia e traz a sua contribuição, para já, um dos majestosos monumentos lisboetas. Qual será? Vá, não desespere e habilite-se a grandes e valiosos prémios de consolação.

Foto de NUNO FERRARI

(*) Está na sua mão conhecê-lo

Melinda seria, se existisse, um país de cem mil quilómetros quadrados e alguns milhões de habitantes, nas costas do Adriático ou nas costas no Mar Negro. Europeu, marítimo e latino (por certo), na rota do Médio Oriente e da Ásia — do que adviria a sua riqueza e a sua perdição —, seria um belo e aprazível país, com vinhedos e arvoredos e algumas praias, etc. Teria sido invadida por sucessivos e desvairados povos — dos alanos aos espanhóis, aos árabes, aos alemães, aos italianos e aos outros que a História não refere mas as gentes sabem. Com um pouco mais de sol seria a luz feita nação, com um pouco mais de prosperidade seria a própria prosperidade.

Conquistada pelos Árabes no século IX, Melina poderia ser ainda hoje governada pelos descendentes dos sultões se a comunidade internacional da Idade Média fosse tão coexistente como a do século XX. O Governo árabe teria permitido a formação de um partido cristão em Melinda, celebraria tratados de amizade e comércio com as nações limítrofes, trocaria embaixadores com o Vaticano, pediria a sua admissão na O. N. U. Lenta, mas seguramente, o país ocidentalizar-se-ia e, dentro em pouco, não seria possível distinguir um muçulmano de um cristão. Nem no Parlamento, nem nas ruas de Florinda, a capital. Uns e outros falariam a mesma língua, teriam os mesmos interesses e as mesmas ambições. Eram outras as clivagens.

Melinda, porém, foi (se existisse) conquistada pelos exércitos de qualquer fidelíssimo Carlos Magno que a integrou plenamente na República Cristiana. Numa situação geográfica privilegiada, o país tornou-se um intermediário privilegiado entre o Ocidente e o Oriente, progrediu e enriqueceu, realizou aquilo que os economistas denominavam por «acumulação primitiva», lançou-se na aventura da revolução industrial a partir do século XVIII. Uma burguesia e um proletariado cresceram e multiplicaram-se e foi sem convulsões profundas que o país edificou as estruturas políticas de uma nação moderna atlântica, democratíssima, ocidentalíssima, eleita em 1967 para o Conselho de Segurança da O. N. U.

Ou então, Melinda não amealhou o que ganhou no comércio e na conquista em alheias terras da Ásia. Um fluxo de riqueza vindo de longínquas paragens passou pelos portos e pela corte de Florinda, encaminhou-se para a britânica Wall Street da época, tratados leoninos foram impostos ao país pela Inglaterra. De crise económica em crise política, Melinda (Fidelíssima Monarquia até 1891, República a partir de então) gerou nos anos 30 um Governo autoritário e nacionalista que, com o apoio da vizinha Itália mussoliniana, iniciou (finalmente) um tímido processo de industrialização. Após a 2.ª guerra mundial, esteve votada ao ostracismo internacional, isolada daquilo a que os comentadores políticos e os políticos académicos chamam o contexto das nações civilizadas. A modernização integrou-a contudo, paulatinamente nesse contexto, a finança, o capital e a indústria nacionais tornaram-se ramificações da finança, do capital e da indústria internacionais. A partir do fim dos anos 50, a República Social de Melinda foi sendo readmitida nos templos e nas capelas da comunidade internacional, tornou-se membro da O. N. U. em 59, aderiu à Convenção Internacional dos Direitos do Homem em 61. Nação atlântica, ocidentalíssima e (porque não?) democratíssima, seria eleita em 67 para o Conselho de Segurança.

Ou então, Melinda — a do proletariado crescente ou da instabilidade política — teve entre as duas guerras uma «revolução socialista» que, tal como aconteceu na Rússia e tal como não aconteceu na Alemanha ou na Hungria, triunfou e venceu a intervenção estrangeira... Mas o país poderia ter, para que toda esta fábula fosse perfeita, fronteiras naturais e políticas com a U. R. S. S. de Stalin e dos seus sucessores e a República Popular de Melinda seria sacrificada no altar da «defesa da pátria do socialismo», no altar da «guerra fria» e no altar da «coexistência pacífica». Teria a sua revolução húngara ou, melhor, a sua Primavera checa, o socialismo melindense adquiriria (lenta mas seguramente) uma face humana, **os seus dirigentes teriam o bom senso de não porem em causa a fidelidade ao bloco soviético, seriam considerados uns sábios por Kennedy, por De Gaulle, por Wilson e pelo marechal Tito. Quarenta anos após a revolução socialista, o P. C. melindense (no Poder) tinha perdido qualquer veleidades revolucionárias, permitiria em nome do pluralismo e da coexistência a formação de um partido que se reclamasse do socialismo-democrático, os** revolucionários **(de outrora) não se distinguiam dos contra-revolucionários (de outrora). A República Popular, celebrada a Leste como a Oeste, seria eleita em 1967, para o Conselho de Segurança da O. N. U.**

...Ou então, Melinda, a da revolução socialista, não teria fronteiras com a U. R. S. S. de Stalin, nunca foi membro da O. N. U. nunca foi eleito para o Conselho de Segurança, não teve invernos nem teve Primaveras. Mas essa é, como se compreende, uma outra história (séria) que não cabe no âmbito destes 5 pontos.

AMADEU LOPES SABINO

REDACÇÃO

OS LIVROS

Ele há duas variedades de livros os que têm bonecos e os que não têm eu gosto dos que têm porque não é preciso lê-los e poupa-se os olhos a vóvó tem óculos grossos porque gastou os olhos a ler folhetins mas o meu pai não usa óculos porque os poupa muito em minha casa havia três livros um que se chama D. Gil Blas de Santillana um que se chama a Morgadinha dos Canaviais e um que se chama Aves Canoras e Aves de Capoeira que deram á vóvó pelo natal para ela aprender a tratar o Nicolau que era um canário que morreu uma vez estava a brincar comigo e que bebeu por engano umas gotas de loção para o cabelo que eu lhe meti no bico para ver se ele era esperto e não era mas agora há outro livro novo que saiu numa rifa ao meu pai eu não leio o livro a verdade é que o meu pai lê os jornais que falam do Eusébio que é o da bola e do Agostinho que é o da França porque aquela leitura dá-lhe conversa para a repartição onde todos respeitam muito as suas opiniões mas quando o meu pai era pequeno leu um livro de versos porque sabe metade dum poema que é o alma minha que foste já não me lembro para onde por estares descontente se calhar foi para França trabalhar na pedra porque de lá é que se vem contente outro livro que há em minha casa é o das contas da mercearia que é onde se aponta o azeite lá para o meio do mês quando se acaba o pilim que é aquilo com que se compra o preciso mas temos uma revista todas as semanas que é onde vêm os programas da televisão e uns retratos de umbigos tão destapados que ás vezes até se vêem os bigos quem lê a revista toda é a vóvó a minha Mãe não lê porque não tem tempo para nada desde que nasceu aqui-

lo é só lavar a roupa fazer as batatas lavar a roupa fazer as batatas e dar-me bofetões sem razão coitada que não tem cultura mesmo nenhuma outro dia nem sabia que o Coluna é da euqipa do Eusébio não há direito o meu primo Manuel é que lê muito duma vez comprou o Lisboa e o Popular no mesmo dia bem sei que foi para ver se os corredores de bicicleta andavam ou não andavam porque tinham parado por causa lá duns pilins que é com que se compra força para dar ao pedal gastar dois escudos nos jornais quando os sorvetes são tão bons é uma indecência o meu primo Manuel também lê livros a sério que ele compra com desconto na Feira do Livro que há na avenida já lá fui duma vez com o meu pai ver um escritor que ia fazer um discurso mas chegamos tarde e ele já se tinha ido embora e o meu pai para se vingar não comprou nada mas foi bom termos ido porque vimos uma senhora chamada Amélia que o meu pai diz que tem azar com os fogos e que ia para o parque Mayer e dois minutos depois vimos um da televisão que se chama Henrique Mendes e que muito giro duas pessoas célebres num só dia e se o meu por isso é que eu sei pedi ao meu pai para me dizer os nomes de algum para pôr nesta redacção mas ele também só se lembrava do Camões e disse que quem trabalha não tem tempo para essas brincadeiras a minha Mãe sabe o nome dum que é o João de Deus e que é dono duma escola ali á Estrela eu embirro com donos de escolas e por isso não falo nele outro escritor que há que eu vi na televisão é um que se põe a olhar para o tecto e nunca mais acaba de ler os versos chamado Mourão Ferreira que se calhar é família do Mourão do oh tempo volta para trás mas que infelizmente não pai querido vir-se embora ainda tínhamos visto mais porque estavam a chegar três pessoas vestidas de amarelo e de roxo que também deviam ser célebres porque vinham vestidas disso nesse dia também vi um que eu julgava que era a Florbela e que era um homem o meu pai é que disse e eu também gostava de falar de escritores mas só me lembro dum que era o Camões que foi ao Zip-Zip canta e eu não conheço nenhum escritor senão um que anda na minha escola que ainda não é mas que diz que vai ser.

Reportagem
de
JOAQUIM LETRIA

Fotos
de
JOSÉ TAVARES

ESPADAS /

EM 16 ANOS DE ASILO ESTE HOMEM TEVE AGORA A SUA PRIMEIRA VISITA: A MOSCA

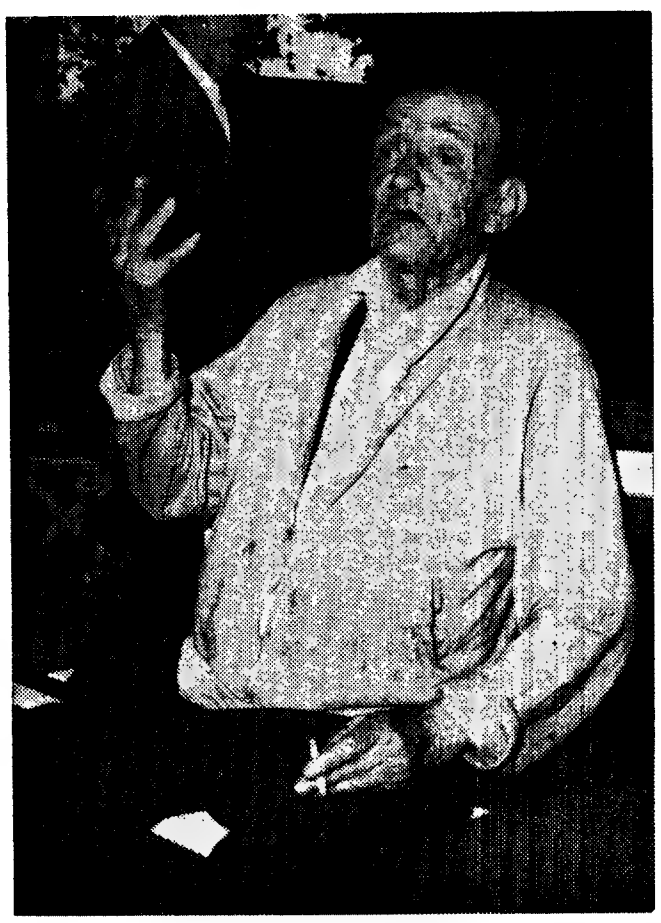
«Fechei-me num quarto com um estilete que mandei fazer em bom aço e um copo de água para refrescar a garganta e aprendi sòzinho o ofício. Depois agarrei na mulher e nas crianças ala moço. Só em Espanha estive sete anos; ganhei dinheiro do bom, mas nunca pensei no futuro. Quando havia nota era para gastar. E agora aqui estou»

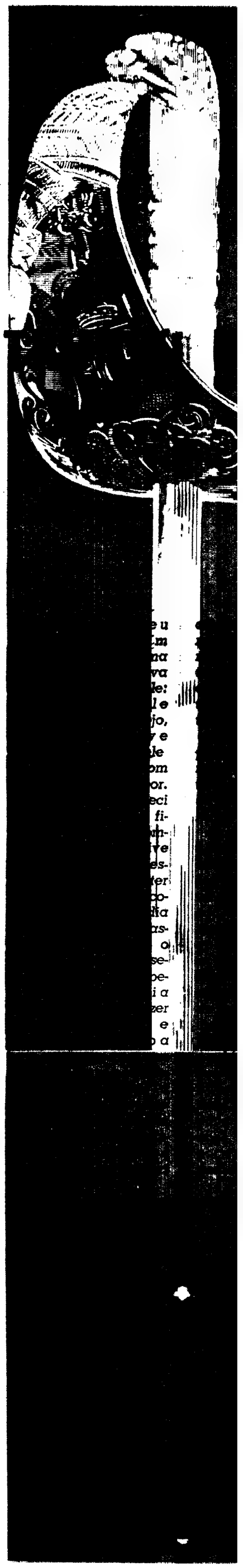
Os que há 16 anos com ele convivem no Asilo das Irmãzinhas dos pobres, em Campolide, chamam-lhe simplesmente José Maria, nome que as freiras da instituição lhe deram ao baptizá-lo depois da sua admissão. Mas há muitos, muitos anos, era uma vez um homem...

«A Mosca» conta...

Era judeu e chamava-se Aron de Oliveira, filho de Sarah de Oliveira e de Benjamim de Oliveira. O pai era pianista e um dia partiu para o estrangeiro sem que jamais alguém assinalasse a sua existência. Sarah de Oliveira casou, de novo. Desta vez com um saltimbanco, não um pianista. E com este casamento a vida de Aron de Oliveira, o pequeno judeu, estava completamente orientada para lhe descobrir a profissão que foi sua até sempre: a de engoledor de espadas.

«A minha mãe estava farta de me mandar aprender ofícios. Mas eu, qual quê, nada! Andei para marceneiro, carpinteiro, sapateiro, eu sei lá! Mas aquele ofício que gostava a minha mãe nunca me mandou: estofador. Ah! como eu gostava de ser estofador... foi então





Reportagem
de
JOAQUIM LETRIA

Fotos
de
JOSÉ TAVARES

A MOSCA / TRUNFO D

«Fechei-me num quarto com um estilete que mandei fazer em bom aço e um copo de água para refrescar a garganta e aprendi sozinho o ofício. Depois agarrei na mulher e nas crianças ala moço. Só em Espanha estive sete anos; ganhei dinheiro do bom, mas nunca pensei no futuro. Quando havia nota era para gastar. E agora oqui estou»

Os que há 16 anos com ele convivem no Asilo das Imãzinhas aos pobres, em Campolide, chamam-lhe simplesmente José Maria, nome que as freiras da instituição lhe deram ao baptizá-lo depois da sua admissão. Mas há muitos, muitos anos, era uma vez um homem

A Mosca [illegible]onta

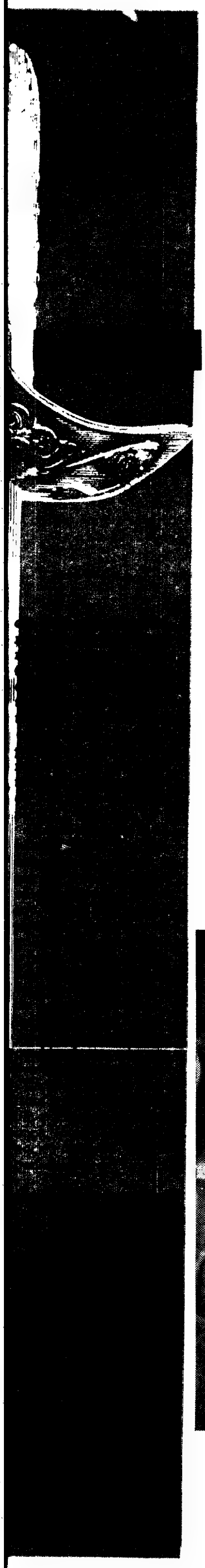
Era judeu e chamava-se Aron de Oliveira, filho de Sarah de Oliveira e de Benjamim de Oliveira. O pai era pianista e um dia partiu para o estrangeiro sem que jamais alguém assinalasse a sua existência. Sarah de Oliveira casou, de novo. Desta vez com um saltimbanco, não um pianista. E com este casamento a vida de Aron de Oliveira, o pequeno judeu, estava completamente orientada para lhe descobrir a profissão que foi sua até sempre: a de engoledor de espadas.

«A minha mãe estava farta de me mandar aprender ofícios. Mas eu, qual quê, nada! Andei para marceneiro, carpinteiro, sapateiro, ná se lá! Mas aquele ofício que gostava a minha mãe nunca me mandou: estofador. Ah! como eu gostava de ser estofador... foi então que apareceu o meu padrasto. Tinha um número que era uma sensação e ganhava muito dinheiro com ele: engolia espadas. Ele partiu para o Alentejo, e para o Algarve a trabalhar naquele número e eu fui com eles. Tocava tambor. No Alentejo conheci uma viúva com um filho. Foi a minha companheira até que tive de a abandonar por estar a cegar e eu não ter dinheiro quase para comer. Mas então um dia eu pedi ao meu padrasto para me ensinar o número. Que não senhor, que era muito perigoso, que eu podia morrer. Mandei fazer um estilete de aço fechava-me no quarto a experimentar, com um copo de água para refrescar a garganta a arder. Um dia este osso que a gente tem aqui deu um estalinho e consegui. Depois fui o maior. Fui fazer provas

ao Co
sam-m
melho
da trê
estáteg
tempo
finestra
outra
para
novo
também
de 12
nariz.

O o
talinho
veira
sua m
uma
sua vi
tambo
golir
a mui
tancia
espad
de um

«Sab
para
panhi
que n
Colise
riam
um co
anos,
no es
podia



ILUSÃO

a minha família a comer cascas de laranjas e frutas podres, debaixo das árvores. Era vida de saltimbanco. A minha mãe nunca quis que eu fosse estofador».

Segundo Aron conta, muitos engoledores de espadas morreram na ânsia de distrair o público. Em Espanha e pela província ou nas praias durante o Verão, a família Aron fez o que pôde. Mas até há judeus de vida difícil...

«Nunca me casei porque a minha mulher mulher era católica e eu judeu. Eu não quis abandonar a minha religião e não tinha ligações com judeus para que pudesse converter minha companheira á religião hebraica. Vivemos assim, homem e mulher. Mas os maus dias eram chegados. Os filhos começaram a morrer. Em pouco tempo era só eu e o meu enteado, o do primeiro casamento de minha mulher, que quando a conheci era viúva. E já gastos e cansados estávamos sós. A minha mulher era um encargo muito grande. Estava a cegar. E como tinha família bem colocada deixei-a que era a única maneira de ela ser tratada convenientemente. Nunca mais a vi. Soube anos depois que tinha morrido».

Aos 62 anos, Aron tem agora 78, o velho saltimbanco, engoledor de facas e espadas e sorvedor de pregos, viu-se sem ninguém, sem poder trabalhar, só, infinitamente só.

Foi então que alguém me disse para tentar aqui o asilo. Vi logo que era uma coisa muito religiosa, mas aceitaram-me e eu não tive outro remédio. Veja lá! Nunca diga «desta água não beberei». Aquilo que eu sempre quis evitar, que era trocar a minha religião hebraica, acabou por me acontecer. Mas o que é que quer? Aqui as irmãs andavam atrás de mim: Aron tens de te baptizar, Aron tens de te baptizar... e olhe, sem ninguém nem poder trabalhar sujeitei-me: também quando saí da capela, depois de ter sido baptizado e crismado — passaram a chamar-me José Maria — cheguei á porta e disse, bem alto: Aron morreu. O Aron morreu. Já não há mais Aron. Agora sou o José Maria. Não me casei eu com a minha companheira para não mudarmos de religião...».

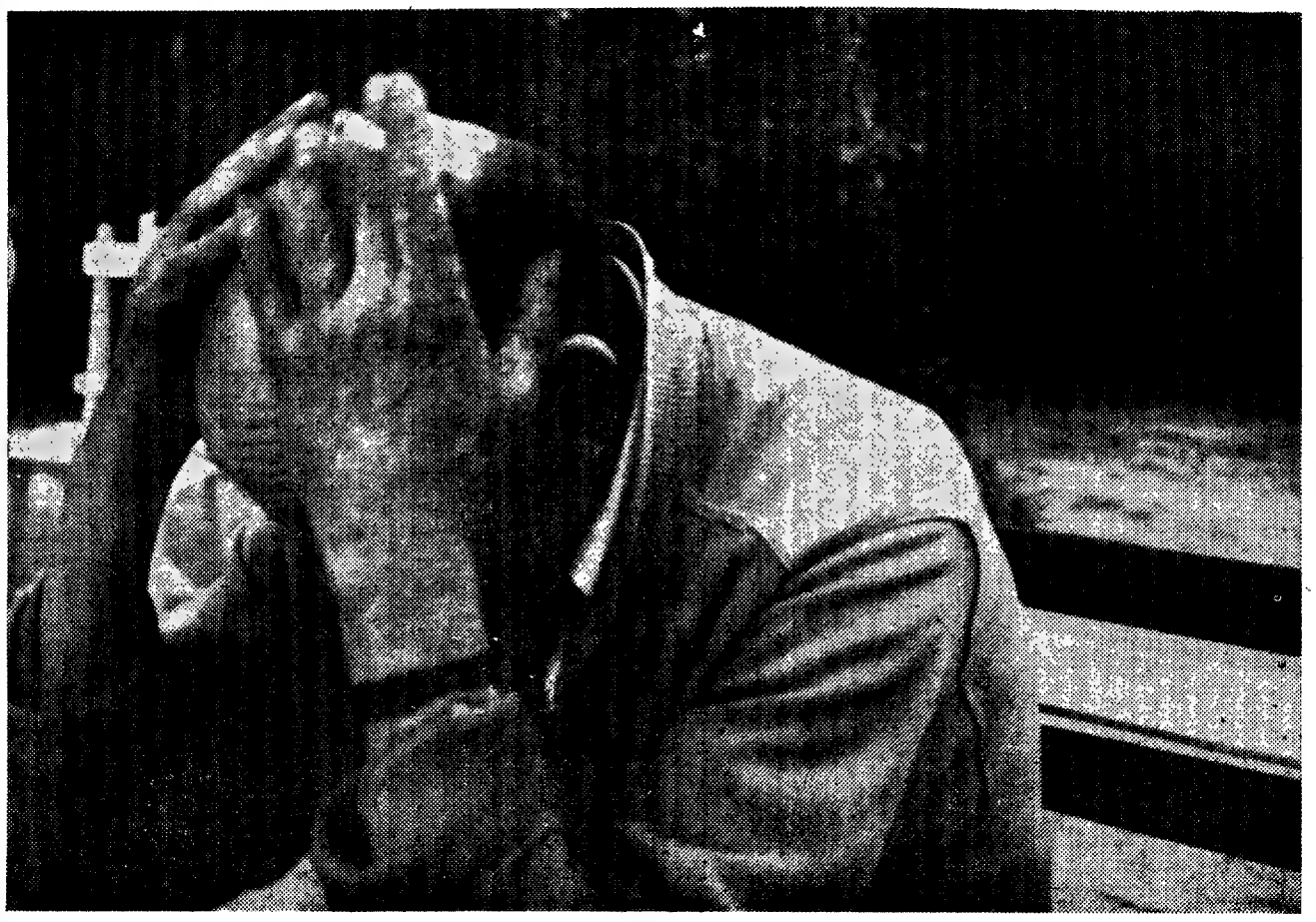
O leitor decerto já pensou, se teve paciência de avançar por esta prosa menor até aqui, que gostaria de ver como era o Aron quando engolia espadas e, se possível, até imaginou uma foto dele em pleno espectáculo. Foi exactamente para servir essa natural curiosidade que pedimos a Aron fotos antigas.

Qual quê! Eu não tenho nada disso. Quando vim para aqui rasguei tudo. Roupas, fotografias, tudo. Afinal sou o José Maria e o José Maria tem só 16 anos».

É um velho perdido no meio de velhos, na paz do jardim bem cuidado do asilo de Campolide. São muitos e muitos velhos, e velhas, de queixo espetado e um só dente, nos sorrisos das gengivas. Têm duas saídas por semana.

Para que quero eu as saídas? Não posso sair sem dinheiro e aqui dão-nos a comida, que não é má de todo, e nada mais. Ora, sem um tostão ,que posso eu fazer? Lá me vou governando com os velhos. Faço uma coisinha de carpintaria a um, arranjo qualquer coisa a outro, e lá me dão uma, duas coroas para uma maçinho de cigarros fortes. Para mim está tudo acabado. Agora só morgue e Benfica. Olhe, estou aqui há 16 anos e sabe quem me visitou? os senhores. Em 16 anos é a primeira vez que alguém lá de fora pergunta por mim».

O velho saltimbanco, engoledor de espadas, cuspidor de fogo, sorvedor de pregos chorou. Chorou comovidamente. É sempre aborrecido ver um velho a chorar no meio de velhos espantados. Velhos parados, na tranquilidade de um jardim silencioso, feito para se esperar a morte em repouso. Mas ao 16.º ano, Aron de Oliveira, o judeu, ressuscitou. Foi ele que nos ficou para trás de lágrimas a desenharem-lhe as rugas. O José Maria tinha desaparecido r espeitosamente.

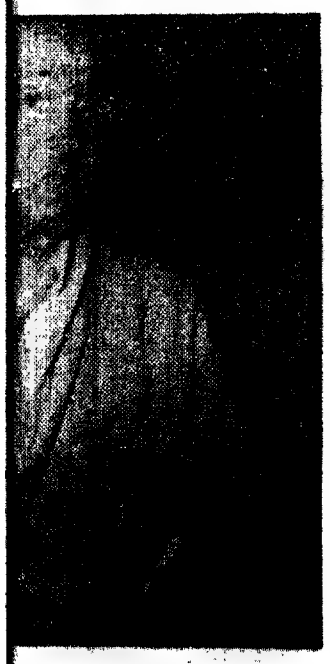


DUMA ILUSÃO

ao Coliseu e lá disseram-me que não havia melhor do que eu. Media três espadas até ao estômago, ao mesmo tempo: uma de 42 centímetros, outra de 38 e outra de 36. Um dia para fazer um número novo passei a meter também duas cavilhas de 12 centímetros pelo nariz.

O osso que deu o estalinho (Aron de Oliveira apontava para a sua maçã de Adão) deu uma nova dimensão á sua vida. Abandonou o tambor e passou a engolir espadas. Estava a muitos anos de distancia para saber que espadas eram o trunfo de uma ilusão.

«Sabe porque não fui para uma grande companhia d a q u e l a vez que me chamaram ao Coliseu? Porque queriam que eu assinasse um contrato por quatro anos, para «tournées» no estrangeiro e não podia levar a família.



Nessa altura tinha filhos. Então disse que não, e pronto. Andei por Algés, pelas praias. Ganhei muito dinheiro, aqui e em Espanha. Quando era a s s i m, comprava boas roupas e comia do melhor. Quando não era paciência. Passei muito mal. Chegámos, eu e a minha família a comer cascas de laranjas e frutas podres, debaixo das árvores. Era vida de saltimbanco. A minha mãe nunca quis que eu fosse estofador».

Segundo Aron conta, muitos engoledores de espadas morreram na ânsia de distrair o público. Em Espanha e pela província ou nas praias durante o Verão, a família Aron fez o que pôde. Mas até há judeus de vida difícil...

«Nunca me casei porque a minha mulher mulher era católica e eu judeu. Eu não quis abandonar a minha religião e não tinha ligações com judeus para que pudesse converter minha companheira á religião hebraica. Vivemos assim, homem e mulher. Mas os maus dias eram chegados. Os filhos começaram a morrer. Em pouco tempo era só eu e o meu enteado, o do primeiro casamento de minha mulher, que quando a conheci era viúva. E já gastos e cansados estávamos sós. A minha mulher era um encargo muito grande. Estava a cegar. E como tinha família bem colocada deixei-a que era a única maneira de ela ser tratada convenientemente. Nunca mais a vi. Soube anos depois que tinha morrido».

Aos 62 anos, Aron tem agora 78, o velho saltimbanco, engoledor de facas e espadas e sorvedor de p r e g o s, viu-se sem ninguém, sem poder trabalhar, só, infinitamente só.

F o i e n t ã o que alguém me disse para tentar aqui o asilo. Vi logo que era uma coisa muito religiosa, mas aceitaram-me e eu não tive outro remédio. Veja lá! Nunca diga «desta água não beberei». Aquilo que eu sempre quis evitar, que era trocar a minha religião hebraica, acabou por me acontecer. Mas o que e que que? Aqui as i r m ã s andavam atrás de mim. Aron tens de te baptizar... e o l h e, s e m ninguém n e m poder *trabalhar sujeitei-me: também quando saí da capela, depois de ter sido baptizado e crismado — passaram a chamar-me José Maria — cheguei á porta e disse, bem alto: Aron morreu. O Aron morreu. Já não há mais Aron. Agora sou o José Maria. Não me casei eu com a minha companheira para não mudarmos de religião...».*

O leitor decerto já pensou, se teve paciência de avançar por esta prosa menor até aqui, que gostaria de ver como era o Aron quando engolia espadas e, se possível, até imaginou uma foto dele em pleno espectáculo. Foi exactamente para servir essa natural curiosidade que pedimos a Aron fotos antigas.

Q u a l quê! Eu não t e n h o n a d a disso. Quando vim para aqui rasguei tudo. Roupas, fotografias, tudo. Afinal sou o José Maria e o José Maria tem só 16 anos».

É um velho perdido no meio de velhos, na paz do jardim bem cuidado do asilo de Campolide. S ã o muitos e muitos velhos, e velhas, de queixo espetado e um só dente, nos sorrisos das gengivas. Têm duas saídas por semana.

Para que quero eu as saídas? Não posso sair s e m dinheiro e aqui dão-nos a comida, que não é má de todo, e nada mais. Ora, sem um tostão ,que posso eu fazer? Lá me vou governando com os velhos. Faço uma coisinha de carpintaria a um, arranjo qualquer coisa a outro, e lá me dão uma, duas coroas para uma maçinho de cigarros fortes. P a r a mim está tudo acabado. Agora só morgue e Benfica. Olhe, e s t ou aqui há 16 anos e sabe quem me visitou? os senhores. Em 16 anos é a primeira vez que alguém lá de fora pergunta por mim».

O velho saltimbanco, engoledor de espadas, cuspidor de fogo, sorvedor de pregos chorou. Chorou comovidamente. É sempre aborrecido ver um velho a chorar no meio de v e l h o s espantados. Velhos parados, na tranquilidade de um jardim silencioso, feito para se esperar a morte em repouso. Mas ao 16.° ano, Aron de Oliveira, o judeu, ressuscitou. F o i ele que nos ficou para trás de lágrimas a desenharem-lhe as rugas. O José Maria tinha desaparecido r espeitosamente

PRENSO LOGO EXISTO

A industria do disco desenvolveu-se assinalavelmente entre nós nos ultimos anos. A concorrência entre as diversas firmas tem determinado uma permanente busca de melhoria e uma constante procura de actualidade. Os êxitos internacionais «saem» em Portugal pouco depois de serem publicados nos países de origem. Alguns, os de êxito pré-assegurado, mesmo antes de lá fora atingirem as melhores posições nos «hite-parades»; outros têm o seu lançamento condicionado aos resultados das vendas no estrangeiro.

Dos ultimos grandes êxitos internacionais apenas «Bad Moon Rising» dos Creedence Clearwater Revival, «Sweet Caroline» de Neil Diamond, «Je t'aime moi non plus» de Jane Birkin e Serge Gainsbourg, «Give Peace a Chance» da Plastic yoko) Ono Band, e poucos mais, tardam em surgir no mercado português. de resto, o que é grande êxito lá fora é ou está para sê-lo cá dentro: «Honky Tonk Woman» dos Stones, «Saved by the Bell» de Bobin Gibb, dissidentes dos Bee Gees, «My Cheri e Amour» de Stevie Wonder, «In the Year 2525» de Zager & Evans, «Crystal Blue Persuasion» de Tommy James, «The Ballad of John and Yoko» dos Beatles, «In the Ghetto» de Elvis Presley, são alguns exemplos de êxitos internacionais oportunamente publicados entre nós e que, ao nível modesto do mercado português, atingiram ou estão a caminho de atingir bons resultados comerciais que cobrirão os vários insucessos nacionais. A industria discográfica portuguesa prensa, logo existe.

A actualidade parece pois ser a preocupação dominante, o que aliás se compreende. O que é incompreensível é que se chegue por vezes a sacrificar a seu favor a qualidade. As prensagens «made in Portugal» raramente se aproximam do original; por vezes afastam-se consideràvelmente; outras, adulteram-no totalmente.

A edição portuguesa de «In the Ghetto» de Elvis Presley (RCA-Victor, Mono, TP-491, 45-EP), «manufactured by Telectra, Lisbon, Portugal, from master recordings owned or controlled by Radio Corporation of America», acrescenta á canção de Scott Davis uma inadmissível variação de velocidade, pouco após a entrada de Elvis Presley.

Evidentemente que a firma Telectra vai fazer uma segunda edição, corrigida, do disco, e que os muitos compradores da canção-mutilada vão poder trocá-la por uma gravação nova. Mas desta forma, um disco que no resto do mundo foi um sucesso comercial, será em Portugal um «flop». Assim, nem prensando se existe!

POPularucho

«O EXEMPLO ACABADO»

O exemplo de Bing Crosby frutificou. Após a sua gravação dum tema de Lennon & McCatney, em que de forma categórica o intérprete de «White Christmas» esclarece o público que ainda pudesse ter duvidas de que está efectivamente senil, foi a vez de Frank Sinatra se voltar para os novos autores gravando, de Paul Simon, «Mrs Robinson».

Para além duma orquestração que em toda a linha adultera a parte melódica do original de Simon & Garfunkel, duma desesperada tentativa de sobrevivência e conquista dum publico jovem, levanta-se aqui um problema de honestidade.

Ao classificar «Mrs Robinson» como a melhor gravação de 1968, o programa «Em órbita» justificou a escolha como segue:

«Mais, muito mais do que um tema agradável, musical ou liricamente, «Mrs Robinson» é o mais acabado retrato de uma pequena e média burguesia que é norte-americana como podia ser europeia e universal. Uma descrição satírica dos pequenos e grandes mitos que constituem os alicerces de uma sociedade de que se ignora no mais profundo da sua estrutura. Uma troça ao anestésico de uma religiosidade hipócrita que compensa a consciência dos pecadilhos de um materialismo quotidiano. Uma gargalhada irreverente lançada os dignos senhores que se alimentam da saudade dos tempos de um antigo ídolo do desporto profissional e que são capazes de assumirem um sentido de ralização pessoal e social através do exercício de direitos políticos desvirtuados por um esquema bipartidário mistificador nas opções falsas que propõe. Onde se despe publicamente um viver defendido pla tibieza na confrontação das realidades terrenas, a pretexto da garantia de um lugar reservado no mundo onde se galardoam as boas e puras intenções. «Mrs Robinson» é a melhor gravação de 1968».

O facto de essa sátira nos chegar agora pela voz de Sinatra leva por certo o auditor mais esclarecido ou menos anestesiado pela «voz», a pensar noutros aspectos tão ou mais condenáveis do «american way of life», e de que Francis Albert Sinatra é o exemplo acabado.

Como toda e qualquer gravação do intérprete de «Strangers in the night», esta vai vender-se bem. Tem neste caso a seu favor, atendendo ao publico a que se destina, não o poema util de Paul Simon mas o «swing» dormente de Sinatra, directamente dirigido ás grandes massas. Sim porque os auditores esclarecidos e as Moscas prevenidas são ainda uma minoria.

BOLSA DO DISCO

— Elvis Presley mantém a camisola amarela. «In the Ghetto», com defeito e tudo, continua a vender-se bem. É evidente que é uma canção que se vende pelo nome do intérprete e pelo impacto do seu reaparecimento. Cresce pois o número de reclamações de quem compra «no escuro».

— Os Beatles são gulas da classificação por pontos. A Balada de John e Yoko mantém-se há muitas semanas nos lugares de cima. A nova gravação ligada ao nome dos Beatles, não aparece por cá. É uma questão de representação. A Apple é distribuida por uma firma, mas os Beatles são distribuidos por outra. A Plastic Ono Band, intérprete de «Give Peace a Chance», é Apple e é e não é Beatles. Daí o atraso.

— O «prémio da combatividade» vai esta semana para o Padre Fanhais. Além de tudo o mais, o poema de João Apolinário, etc. um 6.º lugar para um disco português, é algo de notável.

— Os Rolling Stones aparecem timidamente entre os «10 mais». Trepara 10 lugares, pelo que merecem o prémio da montanha.

— A Mosca pedalou pelos sítios do costume: Discoteca Universal, Estabelecimentos Melodia e Valentim de Carvalho.

30/8	*23/8*	*16/8*	
1.º	1.º	4.º	— In the Ghetto — *Elvis Presley*
2.º	2.º	1.º	— The Ballad of John and Yoko — *Beatles.*
3.º	3.º	3.º	— Proud Mary — *Solomon Burke*
4.º	7.º	12.º	— In the Year 2525 — *Zager & Evans*
5.º	5.º	8.º	—Tomorrow, tomorrow— *Bee Gees*
6.º	10.º	——	— Cantilena — *Padre Fanhais*
7.º	6.º	6.º	— Aquarius/Let the Sunshine in — *Fifth Dimension*
8.º	4.º	2.º	— *Uh Happy Day — Edwin Hawkingers*
9.º	9.º	11.º	— Hora que passa — *Fausto*
10.º	20.º	——	— Honky Tonk Women — *Rolling Stones*

A RESSACA REVOLUCIONÁRIA NOS FESTIVAIS DE CINEMA

Uma definição tradicional e pacífica (mesmo na actualidade):

Festival (de cinema) é uma manifestação periódica e temporária consagrada à projecção de filmes.

Històricamente, a organização dos festivais é estritamente regulamentada pela Federação Internacional das Associações de Produtores de Filmes (F. I. A. P. F.) que determina quais os que podem ser «competitivos» (permissão de conceder prémios) e os outros. No primeiro caso, é ainda a poderosa F. I. A. P. F. que fixa o número de prémios autorizados e a sua designação.

Ora um festival pode ser um mercado de filmes, uma feira de vedetas (e de vaidades) ou uma reunião cultural. Igualmente se tem procurado apresentá-los como uma combinação das três modalidades. Cada um deles tem a sua configuração própria, em função da sua importância, dos seus objectivos, da sua ideologia, etc.

Um festival pode ser anual (é o caso mais frequente) ou não, nacional ou internacional, consagrado à grande ou curta metragem, especializado ou não.

E quais têm sido os mais importantes até agora: o de Veneza (fundado em 1932); de Cannes (1946); de Locarno (1946); de Karlovy Vary (fundado também em 1946 mas que, até 1949, se realizou em Marianske-Lazne); de Berlim 1951; de San Sebastian (1954); de Moscovo (iniciado em 1959 e que alterna agora com o de Karlovy Vary).

Outros festivais: o de Mar del Plata (que alterna com o de Rio de Janeiro), de S. Francisco, Londres, Acapulco, Nova York, Montreal, Vancouver, Beyrouth, Valladolid, Pula, Sestri Levante, Amalfi, etc.

Quase não têm conta!

No sector da curta metragem, alinham-se: Veneza, Tours, Oberhausen, Mannheim, Leipzig, Cork, Cracóvia, Annecy, Trente, Bergamo, Trieste, Knokke le Zoute.

Entretanto, alguns desapareceram, outros surgiram; alguns outros decaíram, outros ainda firmaram sua posição.

Hoje, entre milhentos festivais, serão cinco ou seis os fundamentais.

Por outro lado, os festivais especializados têm ganho projecção, alcançado renome e projecção internacional. Assim aconteceu, a título de exemplo, com a Semana da Cor, em Barcelona; O Certame del Cine e TV para Niños, de Gijon; e o Festival de Cinema Novo, em Pesaro.

FESTIM, FESTA E FEIRA...

Mas... um festival não é, salvo algumas excepções, poderá, quiçá, dizer de todos os congressos.

Não há dúvida, porém, que, além disso, um festival é uma «grande feira do cinema». E como marcha o festival? Compram-se filmes prontos e vendem-se filmes a realizar (estabelecem-se planos, é claro). As vedetas, os realizadores (alguns) aparecem, mostram-se. É uma oportunidade publicitária excelente e, muitas vezes, surgem contratos.

E como o festival não passa sem festas, ele torna-se assim o «miroir aux alouettes», a varinha mágica que permite a muitos(as) pretender convencer um produtor ou realizador. Nesse grupo a «starlette» alcançou (graças a...) categoria excepcional, mormente em Cannes (Oh! a Croisette...).

E Cannes era assim o reino da frivolidade.

Nos países socialistas, contudo, o clima sempre foi mais sério, compenetrado (e discreto).

De qualquer forma, enfim, num festival (de cinema) há filmes para ver.

Em competição ou não, são pesados, medidos, discutidos, catalogados.

Aliás, num festival, o comércio é bem mais importante do que a Arte.

Contudo, os festivais permitem, na verdade, uma confrontação de temas, de ideias, de concepções artís-

Por Oliveira Pinto

ticas e de técnicas. Será ousado, porém, afirmar-se (salvo, claro, as consabidas excepções...) que os melhores filmes deste ou daquele país estão no festival. E mais ousado será, ainda, afirmar-se que são os melhores entre os melhores aqueles que, no final, arrecadam os prémios...

Pois os festivais eram assim e alguns ainda assim continuam.

Mas, em 68, a contestação varreu os festivais (quase todos).

Cannes soçobrou e fechou as portas. Pesaro e Berlim tiveram problemas, Veneza foi praça-forte da contestação...

As velhas formas, as fórmulas ultrapassadas ruiam, caindo por terra. E com elas uma época. «Manifestação burguesa - capitalista-convencional», como era acusado, o Festival do Filme tem de reformar-se.

Era o tempo da mudança, os ventos da história.

E houve mudanças efectivamente. Nos altos-comandos, nos métodos, nos figurinos. Nalguns certames ensaiou-se um compromisso, mais ou menos hábil, entre contestação e tradição. Cannes manteve os prémios, mas deu á Croisette um «falso» tom digno e sério, sem «stalettes», sem espalhafato.

O que não quer dizer que a natureza humana festivaleira não procure (e não encontre) derivativos menos espirituais do que o objectivo oficial destas reuniões...

Berlim levou mais longe o compromisso: acabou com os prémios a personalidades (intérpretes ou realizadores) reservando-os apenas para os filmes; aboliu a imposição do «smoking» nas sessões da noite (aliás revolucionário, num comovedor alarde de fórmulas novas...

VENEZA APONTA O RUMO

Mas foi Veneza, efectivamente, que deu o passo maior. Luigi Chiarini, professor, realizador, homem progressivo e de «gauche», cedeu o lugar como director da «Mostra» a Ernesto Laura, jovem e jornalista. Com 37 anos é ele o mais novo director dos sete que, até hoje, estiveram á frente do certame.

E tudo mudou em Veneza. Acabaram os «smokin-

sempre houve ali grande liberdade no uso de vestuário simples e reduzido) e tomou outras decisões mais contra o «estabelishment». E abriu generosamente os braços á juventude, ao cinema jovem, contestante e gs» á noite (contudo, na gala inaugural viam-se ainda vestidos compridos ao lado de mini-vestidos de praia; «blue-jeans» e camisolas ao lado das tradicionais «asas de corvo», provando que a sociedade veneziana não estava ainda integrada na nova ordem).

Mais. Acabaram os favoritismos:

Todos os jornalistas foram alojados em pé de igualdade, não nos grandes hotéis á beira-mar, mas nos pequenos da península do Lido. Se nos lembrarmos da contestação de 1968, isto também pode significar que se trata de uma forma, como qualquer outra, de os manter á distância.

Acabaram os prémios: cada película projectada recebe (antes da projecção por causa das polémicas) uma medalha de ouro, assinalando a honra da sua presença no certame. Não mais, pois, o «Leão de S. Marcos», o leão de ouro, galardão máximo!

Tal como em Cannes, foram banidas as vedetas. A «starlette» é tão rara no Lido como o foi na Croisette. As vedetas são os realizadores, o que é legítimo vo, comprometido e possuidor de um valor cultural que possa lutar contra «a delibilitação das consciências e das inteligências que ameaça todos», foram tomadas várias medidas pela nova comissão directora da Mostra, sublinhou o director, conforme as suas declarações á Imprensa.

Laura lembrou que, tendo sido abolidos os prémios e sendo reconhecido, portanto, um valor pessoal a cada obra apresentada, uma selecção de base mais rigorosa se tornava necessária.

Esta selecção foi estabelecida pela comissão de peritos, sem que, a qualquer momento, a opinião do seu director tenha predominado: «Desejo esclarecer que nenhum filme obteve a maioria, mas que todos foram escolhidos por unanimidade.»

O CINEMA NÃO É APENAS O DIVERTIMENTO DE SÁBADO À NOITE

Filho da contestação, como gosta de se classifi-

(Continua na 14.ª página)

ANDARES

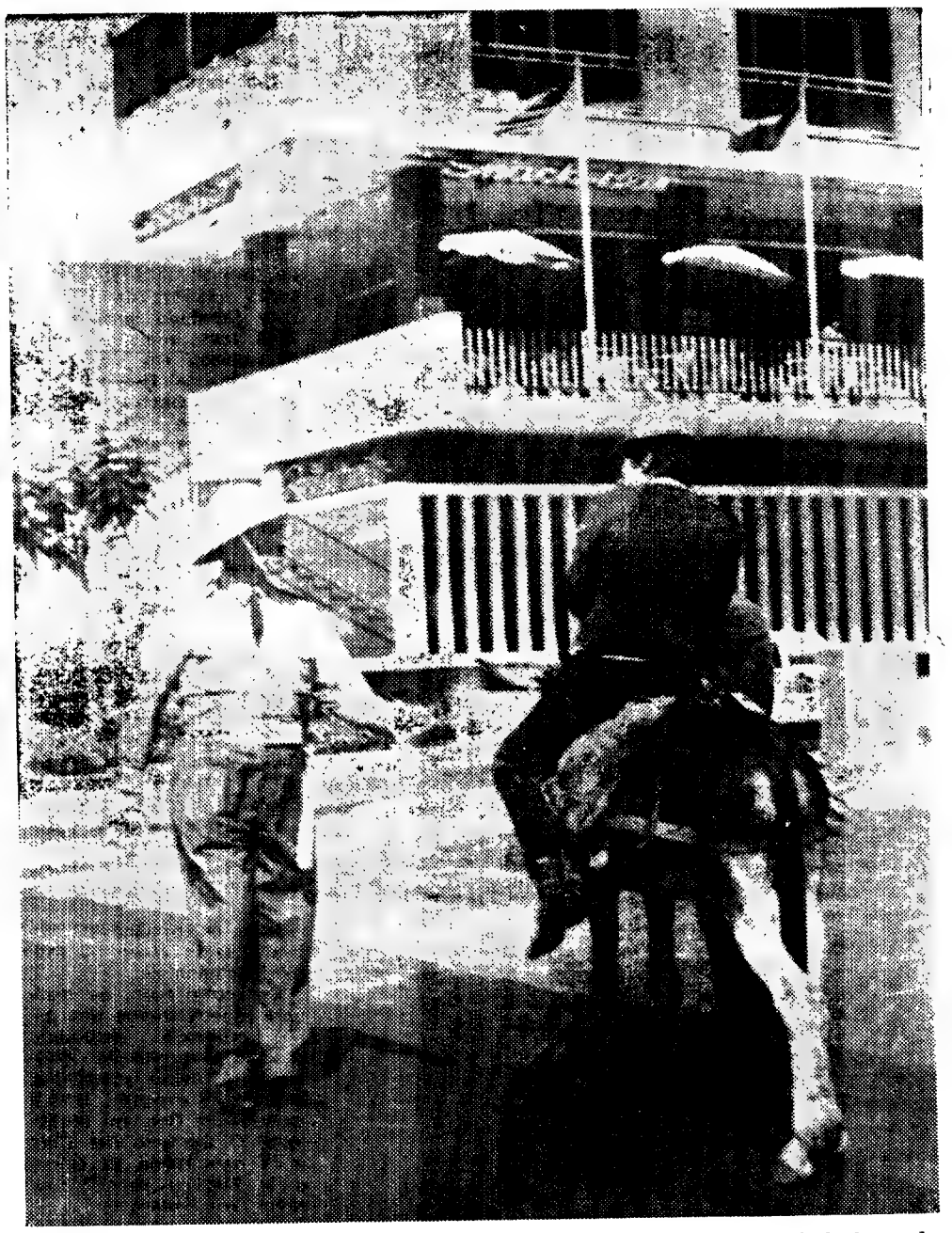
VENDEM-SE

Em Benfica, Buraca, Amadora, Alges, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc.

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs. 539200, 2910079 e 785200



OS ANIMAIS NOSSOS AMIGOS

— Assente aí, senhor repórter... Fui convidado para uma conferência de Imprensa. Tenho muita coisa a dizer. Muita coisa. Amadureci o meu pensamento no sossego do Zoo. Vou dizer coisas definitivas... tão definitivas, que isto vai lvar tudo uma volta! Adeus! Depos lhe concederei uma entrevista em rigoroso exclusivo para o seu jornal. Nem uma linha, no entanto, para as agências noticiosas estrangeiras! Entendido?

— O senhor guarda desculpe mas nunca pensei, juro, que, andando de burro, me pedissem a carta de condução. Um burro é um burro, não é um automóvel. Come palha, não consome gasolina. Penso que o senhor guarda, habituado a ver tantos automóveis, não saiba já distinguir quatro cascos de quatro pneus. Acredite, senhor guarda, isto é um burro — e, sendo um burro, não preciso de carta de condução. Deixe-me, pois, seguir o meu caminho. Garanto-lhe que não vou estacionar junto do «Snack-Bar»... Ali a palha é outra! O meu burro não está habituado áquelas comidas. Vomita-as, o que era um escândalo para tão ilustre clientela! Vá, senhor guarda, seja compreensivo e deixe-me passar... Até porque o meu burro, daqui a pouco, é capaz de sujar a rua com umas bolinhas que lhe saem pelo traseiro ..

Uma vez mais, o príncipe Karim (Aga Khan, amo e senhor dos ismaelitas) corre o risco de não ser «pesado» de acordo com o antigo rito ismaelita. Esta cerimónia consiste, bem no jeito das «Mil e uma noites», em equilibrar os pratos de uma grande balança, de modo que o peso do príncipe corresponda a uma quantidade igual de lingotes de ouro e diamantes. Aliás, nos primeiros anos do nosso século, era proverbial a cena em que o avô de Karim, o anafado Aga Khan de então, avançava alegremente para a cerimónia. Dado o seu peso avantajado, o valor da compensação ascendia a cifras milionárias.

As razões que agora dificultam o cumprimento do ritual com Karim são bem conhecidas: ser fiel aos seus sentimentos amorosos, enquanto, por outro lado, os notáveis da comunidade, que representam doze milhões de pessoas, querem que o príncipe lhes dê uma «Begum» (designação da mulher de Aga Khan), mas que seja da sua raça e fé, ou, pelo menos, que conte com a aprovação do conselho dos mesmos notáveis.

Durante a última época de desportos de Inverno, no mês de Dezembro, Karim voltou a ser visto, em Saint Moritz, na companhia de Dolores Guiness, a bela viúva de seu meio-irmão Patrick. Os habituais frequentadores daquela estância ficaram muito surpreendidos ao ver, de novo, o par que tanto deu que falar e cujos laços sentimentais pareciam haver-se desfeito. Durante os últimos três anos, o nome do príncipe, considerado o melhor partido do mundo, foi muitas vezes ligado a outros casos sentimentais e julgava-se que Dolores já não voltaria a figurar entre as possíveis esposas do chefe político e religioso, deus-vivo dos ismaelitas.

DOLORES E KARIM OUTRA VEZ JUNTOS

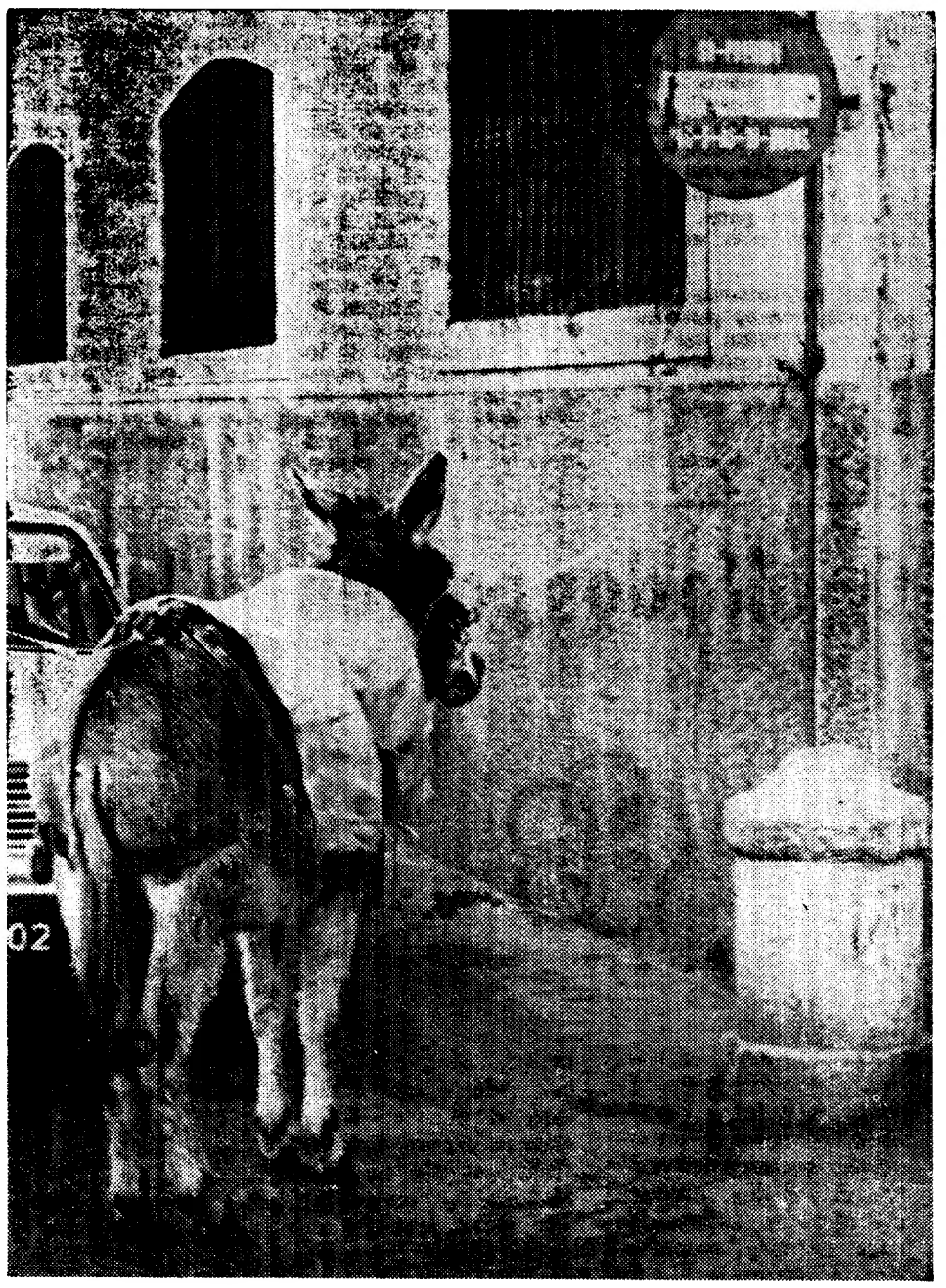
E foi então que eles apareceram em Saint Moritz. Ali, o par instalou-se no chalé que o armador grego Niarcos lhe cedeu e a sua permanência naquele centro desportivo e mundano coincidiu com a do xá do Irão e de Farah Diba. Soube-se, então, algo deveras revelador: Dolores dispunha-se a abraçar a religião ismaelita para que desaparecesse assim o obstáculo maior que se interpunha no seu caminho até ao casamento com o príncipe. Disse-se, até, que na sumptuosa casa de Niarcos, a bela inglesa estudava o Corão horas a fio. E nem faltaram, também, os boatos de que Dolores e Karim se haviam já casado secretamente. Além disso, a mãe de Karim costumava acompanhá-los, de vez em quando, o que dava maior verosimilhança e consistência áquela versão.

O príncipe tem um apartamento em Paris, na Rua de Ursins, numa velha zona da margem esquerda. Ora os seus amigos viram como esse apartamento se transformava, debaixo da direcção de Dolores, que soube imprimir o seu próprio gosto na maior parte dos pormenores da decoração.

Anteriormente, durante o largo parêntesis que se abriu entre Karin e Dolores, o Aga Khan actual viveu dois romances que foram objecto de comentários na Imprensa e, por isso mesmo, de inquietação, se não até de

?

PORQUE NÃO SE CASA KARIM



— Desde que a minha dona ficou entrevadinha, sou eu quem vai ás compras. Neste momento, vou ao talho ali da esquina. Um quarto de bife... Dá para dois dias. Tem de ser... A minha dona é viuva, e a reforma que o marido lhe deixou é muito pouquinha. Ela, coitadinha, passa os dias na cama. Quem lhe muda os lençóis é a sra. Ana, vizinha do rés-do-chão esquerdo. Lençóis já muito amarelados e rotinhos... Se passo fome? Não! À noite saio para visitar os candeeiros e árvores do costume e, então, aproveito para passar por alguns restaurantes comerciais, onde já há muito tempo sou conhecido. Há sempre um osso, uns restos, qualquer coisa. Enfim — como melhor do que a minha dona. Passo, também, pela Brasileira do Chiado, mas não bebo café. Ouço um bocadinho de política e de literatura e vou depois contar tudo á minha dona. Ela diz: «Está tudo maluco!» Eu não discuto. É uma pessoa idosa, merece todo o respeito... Deixa-me lá ir á carninha para a velhinha dos lençóis rotinhos! Adeus, sim? Au! Au!

«São quase 18 horas e aquele tipo nunca mais chega! Ainda apanha uma multa que se amola... E não me venha depois dizer que dê dois coices no polícia! Da última vez estive três meses á sombra, junto de tipos que não me compreendiam e me quiseram convencer a prticipar numa greve de fome... Outro que nanja eu! Sempre respeitei as leis. Todas as leis, incluindo a lei da gravidade. É por isso que nunca irei á lua...»

---

desgosto, para os notáveis da crença ismaelita.

A frequência com que Karim era visto junto de Silvia Casablancas deu á sua conduta de jovem um tom de frivolidade que não lhe era conhecido pois ele sempre se havia caracterizado por um comportamento bastante sério. Até mesmo as suas relações com a cunhada Dolores sempre se processaram dentro de um princípio de grande discrição (como o comprova o facto de a própria mãe de Karim andar frequentemente com eles).

«FLOR DE JASMIM» CANDIDATA DOS ISMAELITAS

Karim tem agora um ano á sua frente para resolver este problema, pois, caso contrário, será despojado dos seus atributos de realeza. Aliás, os dirigentes da comunidade não se limitam a vetar as companheiras escolhidas pelo príncipe. Na verdade, propõem-lhe também algumas esposas possíveis que reunem as condições por eles exigidas.

Assim, não há muito ainda que uma delegação dos principais da comunidade ismaelita visitou Karim no seu apartamento parisiense pedindo resposta à sugestão feita de que escolhem para esposa uma jovem chamada «Flor de Jasmim» filha de um rico proprietário paquistanês.

Contudo, se Dolores Guiness voltou a desaparecer da cena, e, ao que se diz, para sempre, pois é inamovível a recusa dos ismaelitas em aceitá-la, também é certo que o príncipe se recusou a aceitar «Flor de Jasmim» como noiva. (Não é o tipo físico nem espiritual de mulher que ele aprecia).

No entanto, os ismaelitas não querem que o caso se avolume e avance sempre em sentido negativo. Esforçam-se até por que isso não aconteça.

E porquê?

Porque Karim soube conquistar o seu afecto. E, além disso, também precisam dele sob o ponto de vista de defesa dos seus interesses materiais. É que o príncipe demonstrou ser um excelente administrador das fortunas, dos dinheiros dos seus súbditos e dos capitais que se vão acumulando e cujo rendimento serve ao sustento, manutenção e desenvolvimento da acção de instituições de assistência aos ismaelitas pobres e, ainda, de organizações culturais existentes em todos os países onde vivem membros da comunidade.

UM ANO É O LIMITE

Aliás, um dos maiores investimentos feitos por Karim é um enorme complexo turístico na ilha da Sardenha, considerado como a mais bela residência de milionários erguida na área do Mediterrâneo. Para além dos hotéis de luxo e das vilas de repouso, o príncipe mandou construir instalações portuárias adequadas aos iates dos abonados clientes que por ali aportam.

Ali se erguem, também, completas e excelentes instalações desportivas para a prática do ténis, do golfe, da equitação, etc., etc., graças a Karim, a Sardenha tornou-se, pois, o lugar escolhido para as suas temporadas de descanso, pelas celebridades de todo o lado: gente das casas reais europeias, artistas famosos e, naturalmente, as figuras mais destacadas da banca, da indústria e do comércio.

Mas as interrogações e a inquietação mantêm-se:

Karim sempre se casa?

Quem será a Begum?

Um ano é prazo estabelecido para a solução. Um ano é o limite.

E quanto «pesa» Karim Aga Khan?!

FRIGORÍFICOS
IGNIS
· Maior capacidade em menor espaço
· A maior e melhor linha
Uma marca de prestígio ao seu dispor nas melhores condições de aquisição em:
ELGA, LDA.
AV. ALMIRANTE REIS, 104-B
T. 4 21 75 — LISBOA

(Continuação da 11.ª página)

car, Laura deseja preservar e alargar a vocação cultural do festival.

Quanto aos critérios de selecção das obras cinematográficas, Ernesto Laura deseja basear-se «essencialmente na substância do filme, no testemunho que ele fornece tanto sobre a sociedade em geral, como sobre a do país de origem»

«Não desprezamos», disse, «a qualidade puramente cinematográfica das películas e procuramos encontrá-la em filmes que valem sobretudo pelo fundo».

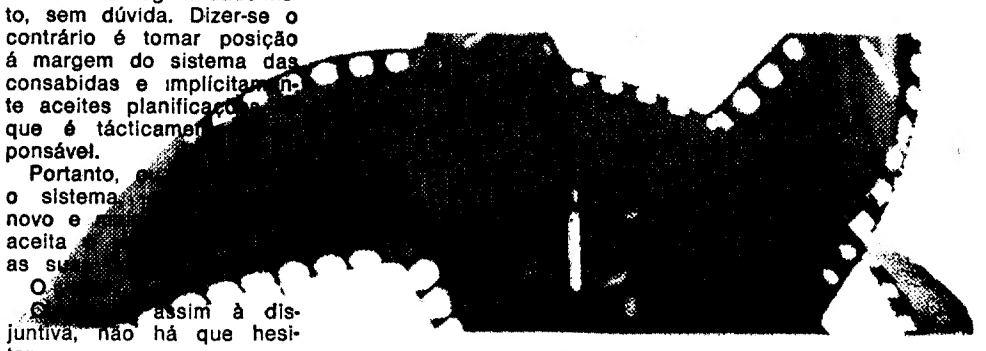
Interrogado quanto ás reacções do público perante um festival eminentemente sério, quase monacal, Ernesto Laura declarou que era preciso encorajar o público a reflectir através da imagem. «O êxito que teve em Itália o movimento «Arte e Ensaio» o interesse mundial que suscita o trabalho de Jean Luc Godard provam que existe um público ávido de cultura, para quem o cinema não é apenas o divertimento do sábado á noite. De resto, a cultura não é triste e a nossa acção tende a prová-lo. Para começar, colocamos a cultura ao alcance de todos, reduzindo os preços de entrada de 7000 para 2000 liras e concedendo um desconto de 50 por cento sobre estes últimos preços aos membros de associações culturais. Suprimimos a obrigatoriedade do «smoking» nas sessões nocturnas e organizamos mesmo um serviço de transportes gratuitos».

Uma coisa é certa. A **crisis** dos festivais é grave. E a sua solução não pode consistir na aplicação de mecanismos correctores, mas sim numa reconstrução. Um festival de categoria «A» (Cannes, Berlim, San Sebastian, Veneza) exige um gigantesco investimento de dinheiro. Investimento que se verifica segundo os critérios de rendimento económico. Portanto, por detrás do «écran», está a grande indústria cinematográfica, os **trust** capitalistas, o poder da Banca; mais no fundo situam-se os interesses políticos, atentos a uma lógica estratégia internacional. Quer queiramos ou não, tudo isto hipoteca necessàriamente o sentido **artístico** do festival a outros interesses, paralelos ou opostos. E, **fenomenológicamente** há uma legitimidade nisto, sem dúvida. Dizer-se o contrário é tomar posição á margem do sistema das consabidas e implícitamente aceites planificações que é tácticamente irresponsável.

Portanto, [illegible] o sistema [illegible] novo e [illegible] aceita [illegible] as su[illegible]

O [illegible] assim à disjuntiva, não há que hesitar.

A RESSACA REVOLUCIONÁRIA



O golfe dos pobres

(Continuação da 2.ª página)

linde num largo de vilória, homens arremessando escudos nas pontas dos dedos, escudos de apostas escondidas mas sempre respeitadas. Já viram o que foi a infância desses homens? Já pensaram no que está entre ela e hoje? Hem!? Não se ouve nada, ó bem aventurados! Como podiam vocês responder se na terceira classe usavam uma bata muito branquinha e sempre engomada e ofereciam um bolo grande de amêndoas à professora?

TÊM A PALAVRA SUAS MAJESTADES OS REIS

— A gente, quer dizer, nós não fazemos nada. Ou por outra, a gente entretém-se assim por aqui a jogar o berlinde todo o dia e para tornar isto mais interessante fazemos apostas; ou melhor: para a gente ser francos a gente joga mesmo a dinheiro, — diz tímidamente mas de ar mourisco (da Mouraria), cuspo lesto a saltar pelo canto da boca e olhar lépido sob o sobrecenho carregado, Sua Magestade o Rei Abafador II, nome com que «A Mosca» o baptiza, no sentido de não levantar barreiras nem cravar espinhos na vida dos «born loosers» do berlinde.

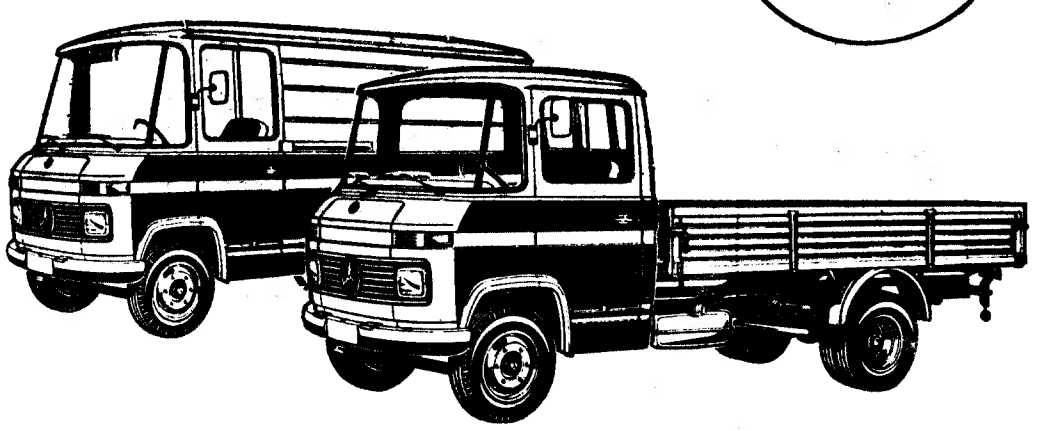
— Bom, mas repare, tirando os que estão á boa vida, a malta toda está à espera. E enquanto espera é difícil. Hoje em dia os gajos chegam e perguntam «Já foi à tropa?» e a gente fica tramados, voltamos pró bilas, que é a nossa distracção e às vezes até dá para um macito de tabaco com filtro. Acrescentou Sua Alteza o príncipe Marralhões, senhor do ducado de Papa Mundo. E a corte reunida para assistir à conversa dos cronistas viandantes aquiescia ao importante testemunho que acima fica transcrito e registado a páginas 27 do livro de Ouro do Reino do Trabalho Leve, o dos mal-aventurados.

Mas olhem lá, não nos lixem: tejam mas é caladinhos, arregacem as mangas, subam as calças por causa do vinco, tirem essa porcaria da gravata e vamos a isto: sem relva, nem 18 buracos, nem Mini Mokes para os que têm gota ou artrite mas com a mesma emoção e as mesmas apostas, assim mesmo, sem «blazer», de cócoras como convém. Ah que bom que é o golfe do pobre, esse bilas malandro do «tróco o dois» e «marralhões primeiro!» E vamos lá a uma partidinha que é para aquecer. P'ra não voltar palmo atrás.

L 406 D

A NOVA LINHA DE VEÍCULOS COMERCIAIS

MERCEDES-BENZ



Pesos brutos	3.500 Kg	4.000 Kg	4.600 Kg
Carga útil	1.460/1.635 Kg	1.930/2.130 Kg	2.530/2.760 Kg
Comprimento da caixa de carga:	Galera (Chassis normal) — 3,24 a 3,50 metros		
	Galera (Chassis longo) — 3,82 a 4,40 metros		
	Furgão — 3,08 metros		
Altura interior do furgão:	1,75 a 1,80 m		
Versões:	Chassis com cabina		
	Galeras		
	Furgões normais		
	Furgões frigoríficos		
	Mistas para 6, 9, 10, 13 e 16 lugares		
	Autocarros para empresas e colégios		

SPCS 26.68

C. SANTOS S. A. R. L.
Rua Artilharia Um, 101-A, B • Lisboa
Filiais em: Porto Coimbra Braga Faro Olhão
Agentes em todo o País

NA ARRI FANA

a morte dum cão

N'árrifana há um casal
Que tinham um animal
Que se chamava Leão
Dos donos fiel amigo
Mas esse via um inimigo
Era feroz esse cão

Dessa gente há um menino
De dois anos muito fino
Tratado com muito amor
Mas também grande afeição
Tinha o dono pelo cão
Como vão dar o valor

Este caso verdadeiro
Fez deste homem traiçoeiro
E falta de compreensão
Pois quis o fatal destino
Que por causa do menino
Fosse morto o fiel cão

Num domingo resolveu
Ir ao teatro e convenceu
Sua esposa ir também
Ela diz-lhe e o menino
Se acordá que desatino
Cá em casa não está nin-
[guém

Não há-de haver novidade
Podemos ir à vontade
Eu deixo solto o Leão
S'ele acordar não importa
Deixamos aberta a porta
Acende-se a luz então

Por isso não tenhas medo
Fazemos por vir mais cedo
Que ele não deve acordar
Mas alguém os vigiava
E naquela casa entrava
Prò que pudesse roubar

Esse patife ladino
Que no quarto do menino
Andou tudo a remexer
Acordou muito aflito
Ao ver o homem deu um
[grito
E o Leão foi a correr

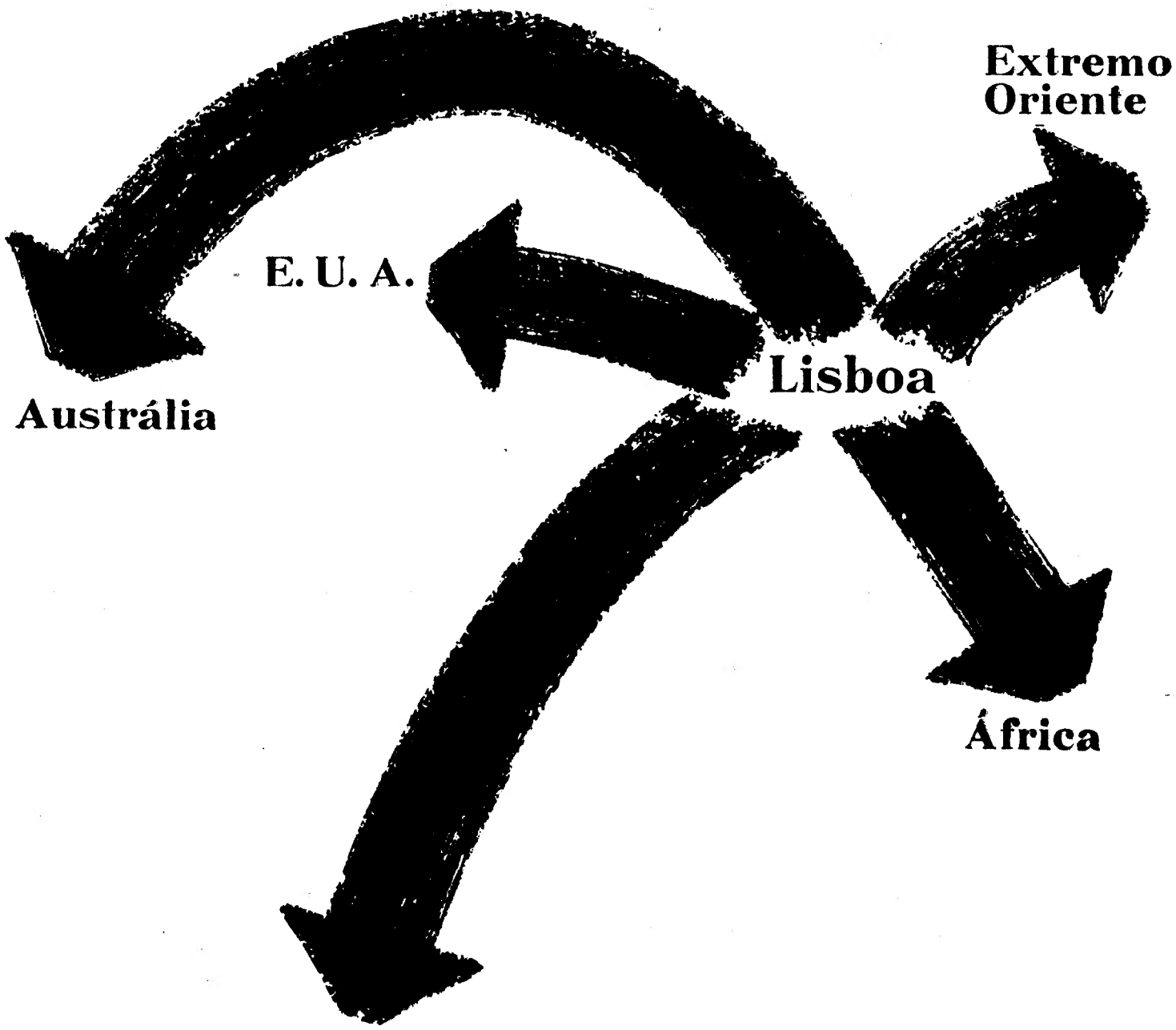
A lutar com o ladrão
Esse amigo e fiel cão
O menino assim salvou
Pois o patife já tinha
Abafado a criancinha
O cão esse homem matou

Do teatro ao regressar
Vieram o cão encontrar
De sangue todo manchado
A esposa muito aflita
Ao vê-lo aos saltos logo
[grita
Esse cão está danado

Pobre marido absorto
Julgou o filhinho morto
Por ver o sangue no cão
Dois tiros no animal
Deu-lhe morte tão fatal
Sem ter nenhuma razão

Corre ao quarto apressado
Viu o menino acordado
E no chão morto o bandido
Ficou perdido de dor
Pois tinha ao cão muito
[amor
Ficou louco esse marido

Só a Pan American pode transportar as suas mercadorias desde a origem até ao destino em qualquer parte do mundo.



A Pan Am® liga Lisboa ao resto do mundo através dos seus aviões a Jacto que voam para 122 cidades em 84 países dos 6 continentes. Isto significa que há apenas uma Companhia transportadora envolvida e portanto um único responsável pelos seus serviços de exportação e importação.

Mais uma vantagem Pan Am: O Serviço de Mercados Mundiais. Os nossos escritórios existentes em quase todo o mundo dão-lhe informações pormenorizadas sobre as possibilidades locais. Por outro lado, a revista que lhe oferecemos grátis «Worldwide Marketing Horizons» está cheia de novas ideias sobre a maneira de conquistar os mercados estrangeiros.

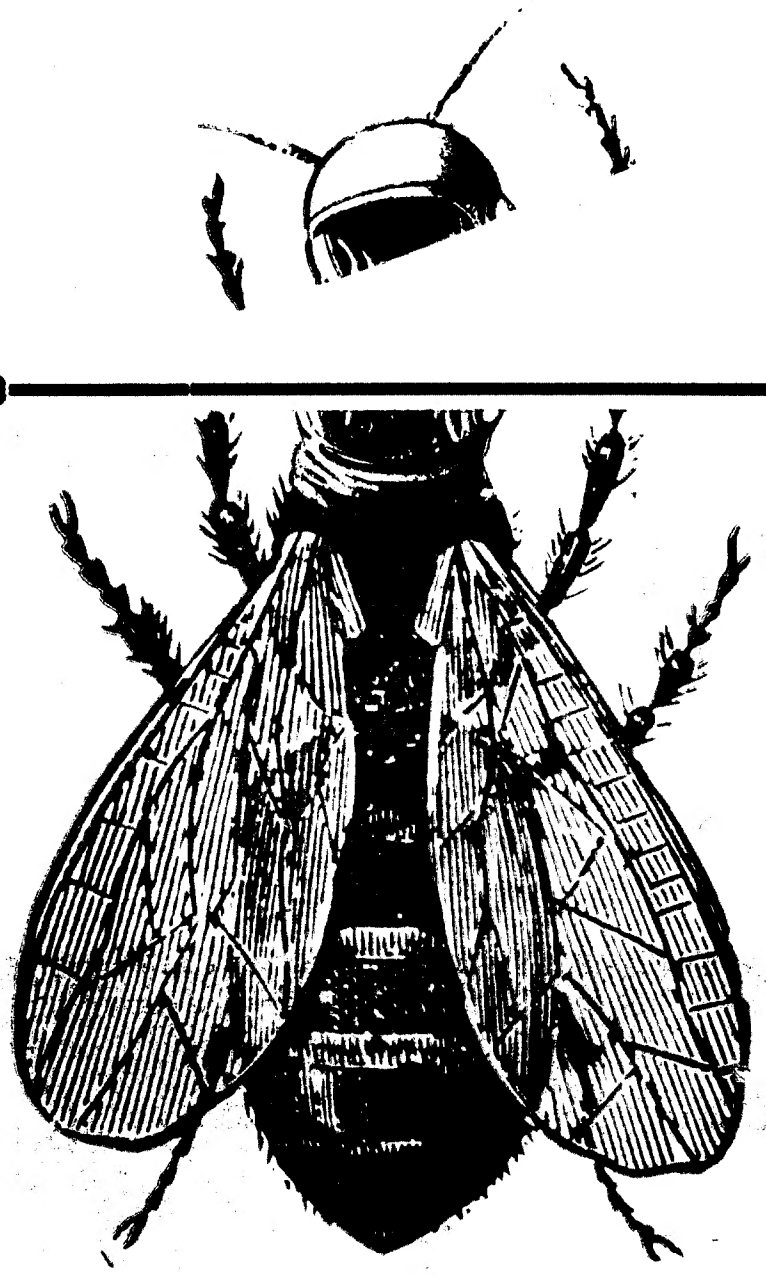
A Pan Am vai muito além dum simples transportador de carga — é como que uma associada sua no campo dos negócios.

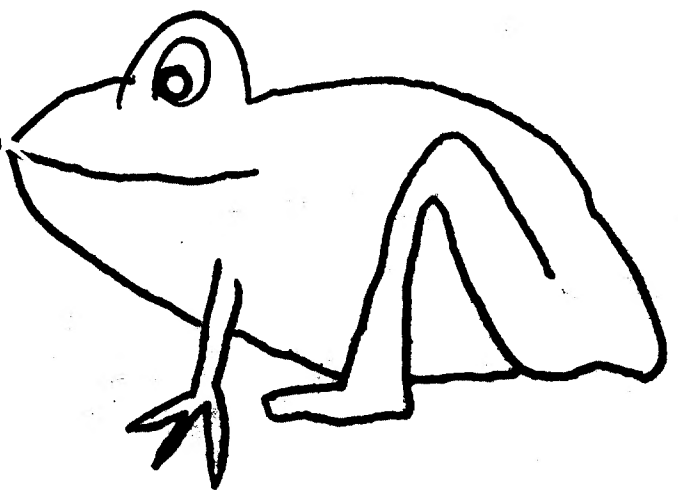
Dirija-se ao seu Agente habitual de Carga Aérea ou à Pan American em Lisboa, Praça dos Restauradores, 46 Telef 36 21 81 ou Aeroporto da Portela — Telef 72 64 62

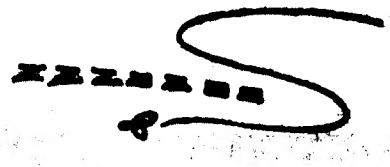
Na Pan Am encontra a solução que procura

PAN AM

Transporta mais carga aérea em todo o mundo







(Ler a minha história na pagina 15)